



HANOÍ SUSPENDE A LIBERTAÇÃO DE PRISIONEÍROS

O Vietname do Norte anunciou hoje que não libertará mais prisioneiros de guerra americanos até que os Estados Unidos aceitem uma maior responsabilidade na aplicação do acordo de tréguas e que aos seus representantes e do GRP seja dado melhor tratamento

no Sul. A esta decisão parece ter-se associado o GRP do Vietname do Sul. Uma nota apontando as queixas de Hanoi foi ontem distribuída aos jornalistas. Essas queixas resumem-se a cinco pontos: 1 — Saigão «tem realizado centenas de milhar de operações,

com o fim de estender as suas zonas de influência»; 2 — «A interdição das liberdades democráticas no Sul impede as populações de regressarem às suas aldeias natais para aí viverem e trabalharem»; 3 — Saigão não tem entregue ao GRP o «pessoal civil detido no Sul»; 4 — «As manobras do presidente Thieu» para dificultar as comissões internacionais de fiscalização; 5 — O Governo americano «deliberadamente adia e prolonga as operações de desminagem a que se comprometeu». Entretanto, em Paris, começou esta manhã a segunda sessão da Conferência Internacional sobre o Vietname. (FP/UPI/ANI/DL).



Exposição na Ordem dos Engenheiros

Ar, água, solo, alimentos e habitação são os cinco elementos específicos do ambiente e foram os temas postos à escolha dos participantes no concurso fotográfico organizado pela Comissão de Engenharia Sanitária da Secção de Lisboa da Ordem dos Engenheiros. Algumas objectivas captaram campos verdes, mas as imagens mais frequentes são de gente vivendo entre o lixo. Um dos concorrentes viu esta criança, fotografou-a, escreveu como legenda «O trabalho da menina é pouco», e ganhou o 1.º prémio. Chama-se Amadeu Graça (Pág. 10)

A cadeia Hilton abandona a Madeira

Após a euforia turística que se traduziu de há dois anos para cá em investimentos vultosos na Madeira, a ilha atravessa uma crise grave. A «Hilton» empresa hoteleira internacionalmente conhecida, sai do Funchal reconhecendo a falta de rentabilidade na explo-

ração do «Madeira Hilton». Elementos ligados ao turismo pensam que o agravamento da situação, provocada pela falta de afluxo turístico, desencadeará medidas urgentes por parte de entidades responsáveis. Os 19 votos semanais da TAP para a Madeira são já insuficientes e uma co-

missão representativa da ilha avistou-se há dias com diversas autoridades em Lisboa, a quem apresentou um plano para alargamento do aeroporto. Além da deficiência de transportes a falta de promoção turística é apontada também como uma das causas da crise.

... E A "TOURADA" FOI DELES!



Ary dos Santos e Fernando Tordo festejam, naturalmente, a vitória, com «bandarilhas de esperança» para o Luxemburgo. Nas páginas interiores, completa cobertura de acontecimento, com textos de Mário Castrim (crítica de Televisão), Nuno Gomes dos Santos e Neves de Sousa (reportagem), Torquato da Luz (crítica das letras), Jorge Costa Pinto (crítica das músicas) e José Tavares (fotos).

Golda Meir nos E. U. A: diligências de paz

O primeiro-ministro israelita Golda Meir chegou a Washington para conferenciar com o presidente Nixon sobre a si-

tuação no Médio Oriente e disse que é chegada a altura de fazer sérias diligências para um acordo de paz entre árabes e israelitas. Falando numa conferência de imprensa Golda Meir disse que a tragédia com o avião líbio abatido no Sinai por caças israelitas veio sublinhar a necessidade que existe dos povos do Médio Oriente estudarem a forma de coexistir pacificamente. A visita da dirigente israelita a Washington segue-se à do rei Hussein da Jordânia e à do conselheiro presidencial egípcio Ha-

fez Ismail, ao mesmo tempo que o Governo americano anuncia a sua intenção de se ocupar mais com o Médio Oriente, agora que a guerra no Vietname terminou. Entretanto Moscovo, o secretário-geral do Partido Comunista Soviético, Leonid Brejnev, recebeu hoje o general Ahmed Ismail Ali, ministro egípcio da Guerra e comandante das forças armadas egípcias. — anunciou um informador egípcio, sem dar pormenores do teor das conversações. (FP, R, UPI-ANI e DL).

LEIA HOJE

«A CRISE MONETÁRIA CAUSADA PELA DESVALORIZAÇÃO DO DÓLAR», entrevista com o eng.º Sobral Meireles, presidente do Banco Português do Atlântico (No suplemento «Economia»). No mesmo suplemento, colaboração de Sérgio Ribeiro, Mário Baptista, etc.

«As Eleições Francesas Já no Domingo» — uma visão portuguesa do momento eleitoral, pelo nosso enviado especial Urbano Tavares Rodrigues e, ainda, pelo correspondente do «DL» em Paris, José Gabriel Viegas.

«O Subtil Jogo do Sul», terceiro e último artigo da série «A Estranha Guerrilha do Ulster».

LEIA AMANHÃ

«Por que fumam os jovens?», em «Mulher», o suplemento das quartas-feiras, que inclui ainda: «A Mulher Portuguesa e o Recenseamento»; «Novo Concurso para Mulheres-Polícias»; «O Cancro do Seio Pode Tratar-se sem Amputação» e outros assuntos de interesse para a mulher... e para o homem.

«Paris em Vésperas de Eleições», pelo nosso enviado especial Urbano Tavares Rodrigues.

EDIÇÃO
DE 32
PÁGINAS

Dois mortos num acidente ferroviário

Dois mortos, dois feridos e graves danos materiais são o balanço de mais um acidente ferroviário que ontem, cerca das 23 e 45, ocorreu entre as estações de Leiria e Monte Real, junto da localidade de Regueiras das Pontes.

O acidente verificou-se, segundo os primeiros resultados do inquérito que a CP procedeu, quando uma automotora retomou, indevidamente, a sua marcha no sentido Monte Real-Leiria, ao mesmo tempo

que o comboio se deslocava em sentido inverso. Tiveram morte imediata os dois tripulantes do primeiro veículo. Trata-se dos ferroviários Armando Gomes Nunes, maquinista e de Joaquim Inocêncio Salvado, revisor. O único passageiro da automotora, Manuel Gameiro, aposentado da CP, foi transportado, juntamente com o maquinista do comboio, António Maria Barreiro, para o Hospital de Leiria, onde se encontram internados, em estado considerado pouco grave. Segundo a Companhia foram estabelecidas carreiras de autocarros entre Leiria e Monte Real, contando-se que esteja restabelecida a circulação normal, hoje ao fim da tarde, na melhor das hipóteses. Os estragos foram elevadíssimos.

Recordando que este é o terceiro acidente ocorrido num curto período, disse um informador que nada havia, por agora, a dizer sobre o conjunto, mas que, muito provavelmente, a Companhia tomaria esta coincidência em conta, num comunicado a distribuir brevemente.

DL/NACIONAL

INSTITUTO DE TECNOLOGIA EDUCATIVA

A actividade do Instituto de Tecnologia Educativa, criado pela Lei Orgânica do Ministério da Educação Nacional de Setembro passado, para substituir o Instituto de Meios Audio-Visuais de Educação (IMA-VE), foi agora regulamentada por um decreto-lei publicado no «Diário do Governo».

AVISO

Comunica-se ao Ex.^{mo} Público que a partir do dia 1 de Março de 1973 passam a só efectuar a venda das suas reparações a dinheiro as seguintes firmas do ramo automóvel do Distrito de Aveiro:

AGÊNCIA COMERCIAL RIA, LDA. — AVEIRO
ALVES BARBOSA, AUTOMÓVEIS, LDA. — MOURA
AUTO COMERCIAL DE AVEIRO, LDA. — AVEIRO
AUTO DIESEL — HENRIQUE & ROLANDO, LDA. — AVEIRO
AUTO GEIZA, S.A.R.L. — FILIAL DE AVEIRO
AUTO REPARADORA — AVEIRO
AUTO SUECO — AVEIRO
CARVALHO & SOBRINHO, COMÉRCIO E INDÚSTRIA, S.A.R.L. — AVEIRO
JAPOCAR, LDA. — AVEIRO
MANUEL DOS SANTOS GOMELAS, SUCRS. — AVEIRO
MARABUTO, GALANTE & ALVES, LDA. — AVEIRO
NEVES & CAPOTE, LDA. — ELNAYO
RUNKEL & ANDRADE, LDA. — AVEIRO
SATELAUTO — CACIA — AVEIRO
STAND JUSTINO — AVEIRO
VICTOR GUIMARÃES & FILHOS, LDA. — AVEIRO

Secretariado Nacional da Emigração

O pessoal superior e técnico do Secretariado Nacional da Emigração passa a gozar, quando no exercício das suas funções, de dispensa de uso e porte de arma de defesa e de livre trânsito em todas as gares e estações de caminho-de-ferro, portos, docas e cais de embarque, aeródromos e aeroportos nacionais, incluindo a entrada em comboios, navios ou aviões neles existentes.

Estas prerrogativas são concedidas aos titulares dos cartões de livre trânsito, cujo modelo acaba de ser aprovado por uma portaria daquele Secretariado.

Eleições na Ordem dos Engenheiros

Na sede da Secção Regional de Lisboa da Ordem dos Engenheiros decorre esta noite, a partir das 21 horas, a assembleia destinada à eleição dos corpos dirigentes para o triénio 1973/75.

Concorre apenas uma lista, que apresenta como candidatos à assembleia geral os eng.^{os} Ario Lobo de Azevedo (presidente), Francisco Lino Neto, Barbosa Pinheiro e Morgado Bernardino. Para o preenchimento dos lugares do Conselho Regional foram escolhidos os eng.^{os} Ramos Ambrósio, Cunha Serra, Monteiro Gomes, Freire Leitão, Galvão Videira, Potier Godinho, Nuno da Silva, Mendes Espada e Fernando Lopes Gaio.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL
Secretaria de Estado da Instrução e Cultura
Direcção Geral dos Assuntos Culturais

TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

TEMPORADA DE ÓPERA E CONCERTO DE 1973

Amanhã — às 18,30 horas
(Grupo A — 6 anos)

Concerto

EVELYN LEAR
(soprano)

THOMAS STEWART
(Baixo-barítono)

ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO
dirigida pelo Maestro SILVA PEREIRA

Obras de: Mozart, Strauss e Wagner

ÚLTIMAS NOTÍCIAS



FILMES CASTELLO LOPES, LDA

Tem o prazer de comunicar que foram nomeados para a atribuição de

17 «ÓSCARES»

da ACADEMIA DE ARTES E CIÊNCIAS DE HOLLYWOOD
mais os seguintes filmes da sua programação de 1972/73

A AVENTURA DO POSEIDON

(THE POSEIDON ADVENTURE)

Proposto para 7 «ÓSCARES»

Melhor cinematografia · Melhor direcção artística
Melhor actriz secundária · Melhor guarda-roupa
Melhor montagem · Melhor música · Melhor som

CABARET

Proposto para 10 «ÓSCARES»

Melhor filme · Melhor actriz · Melhor argumento
Melhor actor secundário · Melhor realização
Melhor música · Melhor som · Melhor director artístico · Melhor cinematografia · Melhor montagem



ALFREDO LANDA em

OS NOIVOS DE MINHA MULHER

ESPERANZA ROY · D. JAIME DE MORA Y ARAGON
HELGA LINE · LUIS DAVILA · ANDRES PAJARES

RAMON FERNANDEZ

PEPÍN JETRIÑA
O CAROLINE DIA
DA VOZ DO



GRUPO D
M/18ANOS

IRRESISTÍVEL COMO NUNCA
O DELICADINHO METE-SE
EM NOVOS SARILHOS...

HOJE ÀS 21.45 - ESTREIA NO **EDEN**

Homenagem a Maurício de Oliveira

O Chefe do Estado inaugura no dia 8 de Março, às 16 horas, no Palácio Foz, uma exposição organizada por Telmo Gomes e intitulada «Apontamentos para a História da Marinha Portuguesa», em homenagem à memória do jornalista Maurício de Oliveira, que foi nosso camarada de redacção e director de «A Capital» e de «O Jornal do Comércio».

Quando foi surpreendido pela doença que o vitimou, Maurício de Oliveira trabalhava num volume que intitulava «A História da Marinha Portuguesa» e que seria ilustrado por Telmo Gomes. A obra, sem retoques, é apresentada tal como ficou suspensa, quando a morte do autor a interrompeu.

Canadiano morto num acidente

ALBUFEIRA, 27 — Em consequência do embate de dois automóveis, no cruzamento de Ferreiras, da Estrada Nacional 125, teve morte imediata o eng.^o Edmund L. Austin, canadiano, de 32 anos, director dos projectos de Vila Moura, que seguia num dos veículos, de matrícula estrangeira, conduzido por sua noiva, Suzanna Munch, de 35 anos, solteira, secretária ambos residentes em Armação de Pera. Esta, que ficou em estado de choque, sofreu apenas ligeiros ferimentos na face.

O outro automóvel, que originou o acidente, por não ter respeitado o sinal de «stop», inscrito do asfalto, era conduzido por John C. Culling, solteiro, de 40 anos, e nele seguiam: Laghton F. Pavkins, casado, de 41; Joseph Stafford, de 42, e sua esposa, Anita Stafford, de 39, todos de nacionalidade americana e moradores no sítio de Vale de Parra, os quais nada sofreram.

A G.N.R. de Albufeira toinou conta da ocorrência.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pela casa Garrudo e Ramos, Lda., Rua do Comércio, 39 BOMBARRAL

DL/OPINIÃO

TODOS OS CAMINHOS VÃO DAR...

Mesmo não ignorando as posições de quem entende que não se adiantou bastante no caminho do «aggiornamento» ou que alguma coisa do caminho andado se regrediu, pode falar-se com propriedade de uma Igreja pós-conciliar. Recebendo de todos os lados os abalos de um mundo em vertiginosa transformação, sentindo a urgência de acertar o passo com uma humanidade que de repente surgia na sua pluralidade, a Igreja deu-se ao trabalho de não sacrificar o «temporal» em nome do «eterno», e considerou, enfim, que as duas moedas de Deus e de César, distintas e separadas como se pretendiam, mais convinham a eremitas do que a homens vivendo em sociedade. A começar pelos próprios cristãos, ou tanto para eles como para gente de outras confissões ou de nenhuma...

Por isso já não espanta (embora seja grato referir-lo de cada vez que vem a propósito e chega ao nosso conhecimento) o procedimento «civil» de certas comunidades cristãs, francamente empenhadas numa participação ainda há poucos anos considerada indigna de verdadeiros e cordatos fiéis, cuidadosos então de delegar as suas responsabilidades cívicas, obedecendo a uma disciplina que sobrepuja a todo o mais as presumíveis e exclusivas necessidades da alma. Mas como entre nós tal prática nova ainda é excepção, cuidamos nós que algum serviço prestamos à comunidade nacional trazendo aqui os ecos desta nova maneira de ser cristão.

Temos na nossa frente, por exemplo, uma folha informativa da paróquia de Carcavelos, escrita ao copiador nos dois lados do papel, na qual se dá notícia das actividades desenvolvidas: curiosamente, nem uma única vez se emprega nesta folha a palavra «católico», sendo de uso regular a palavra «cristão», o que aponta para a vocação ecuménica da publicação. Mas o que sobretudo motiva este comentário é o texto que sob o título «O cristão e a política» nela se insere. Da excelência da doutrina se pode julgar pelos excertos que a seguir reproduzimos. Diz o autor anónimo:

«Mercê de várias razões que não interessa analisar nesta folha, a palavra «política» tomou entre nós quase o sentido de um palavrão ou de algo que, necessariamente, supõe complicações, dissidências, dissabores, tropelias, jogo de interesses mesquinhos. Daí muita gente, tratando-se de assuntos vitais para o presente e o futuro do País, dizer que «não se mete em políticas» e que tem pouco tempo para tratar da sua própria vida.

«Ora dentro do condicionalismo da vida moderna, dominada por poderosas forças económicas, financeiras, tecnológicas, ideológicas, todos os aspectos do nosso viver quotidiano — saúde, diversões, informação, habitação, transporte, instrução e até religião — dependem da política e são modelados pelas decisões políticas.

«Daí a necessidade imperiosa de se compreender o verdadeiro sentido e o verdadeiro alcance da palavra política. A política, no seu sentido amplo, hoje, não define só os meios de gerir os negócios públicos, os instrumentos da administração imediata a curto e a meio prazo. Na realidade, as pessoas sabem e pressentem que da diversidade de opções políticas e da sua escolha depende o sentido mesmo da sua vida como povo e nação e o curso da história para as gerações vindouras.

«Daí o podermos dizer com o Concílio que seria uma falha grave na vida dos cristãos alhearem-se da vida política, entendida no sentido acima descrito, visto ser o compromisso político e social a maneira de o leigo cristão inserir o Reino de Deus na cidade temporal.»

Concluimos aqui a transcrição, mas o texto fecha propriamente com um apelo aos cristãos para que se inscrevam no recenseamento eleitoral. Quanto caminho andado para reconhecer que se é verdade que todos os caminhos vão dar a Roma, não é menos certo que inevitavelmente vão dar também à política, que são eles próprios políticos!...

Como se vota na República da Irlanda

Cerca de um milhão e setecentos mil eleitores irlandeses — homens e mulheres — irão amanhã às urnas, sob um dos mais complicados sistemas eleitorais de que há notícia.

Denominado «sistema multi-transferível de representação proporcional» funciona do seguinte modo:

Os 26 condados da República da Irlanda dividem-se em 42 círculos eleitorais. Cada um desses círculos elege três, quatro ou cinco deputados para o «Dail» (Parlamento), que tem 144 lugares.

Os eleitores marcam nos boletins de voto a ordem por que escolhem os nomes da sua preferência, inscrevendo o número 1 junto ao nome que a todos preferiam, o número 2 junto ao nome da sua segunda escolha, o número 3 naquele que aceitavam, em terceiro lugar, e assim por diante, de acordo com o número de deputados a eleger pelo círculo.

Os funcionários encarregados da contagem dos votos somam todas as primeiras preferências e, verificando depois em seguida qual é a «quota» (o número de votos que cada deputado terá de alcançar para se considerar eleito). Encontra-se, dividindo o número de votos de primeira preferência pelo número de lugares que o círculo eleitoral detém no Parlamento e mais um, e acrescentando um ao total.

Exemplificando: se houver 10 000 votos de primeira preferência num círculo eleitoral com quatro deputados, a «quota» encontra-se dividindo os dez mil por cinco (os quatro lugares do círculo e mais um), o que dá 2 000 e acrescentando mais um ao resultado. O número de votos para que um candidato seja considerado eleito será, portanto, de 2 001.

Tudo o candidato que exceda esta «quota» é declarado eleito. E se tiver votos acima do número imposto pela «quota», a que se dá o nome de «excedente», os votos que lhe tiverem sido dados em segunda preferência serão contados e distribuídos pelos outros candidatos, numa percentagem equivalente aos votos de primeira preferência que cada um tiver obtido.

Segue-se, pelo mesmo processo, a contagem dos deputados de segunda preferência (os números 2). Os candidatos com menor número de votos «excedentes» do primeiro são eliminados e os seus votos número 2 são distribuídos pelos restantes candidatos. Este processo de eliminação e distribuição prossegue, até que todos os lugares estejam preenchidos.

Não às suásticas

CLEVELAND, (Ohio), 27 — O presidente do Município de Cleveland, Ralph Perk, anunciou que vai proibir os policiais municipais de ostentarem a cruz suástica no uniforme.

O «mayor» Perk sublinhou que serão afastados do serviço os guardas que apresentarem tal símbolo nas camisas ou noutras peças de uniforme.



Exclusivo "Le Monde" /DL

O EXÉRCITO DO URUGUAI

Os regimes desmoronam-se, perante a indiferença geral, quando deixam de poder arrogar-se uma autêntica representatividade popular. Foi diante do silêncio resignado, senão aprovado, do povo uruguaio que um sistema político, datando do século XIX e que causou, durante muito tempo, a admiração das outras nações do hemisfério ocidental, se viu desmantelado pelas forças armadas.

No Uruguai, país que teve de se bater, duramente, para impôr a sua existência a vizinhos poderosos e cheios de ambição, o Exército há um século que não intervém nos assuntos do Estado.

Ao forçarem o presidente Juan Maria Bordaberry, representante de uma oligarquia terratenente conservadora, a aceitar todas as suas reivindicações e ao institucionalizarem o seu direito de fiscalização da nova política económica e social do governo, os militares uruguaio levaram a cabo uma autêntica revolução. Já desde o Outono do ano passado que se sentia que os militares não cessavam de ganhar terreno, impacientando-se com a lentidão verificada no castigo das personalidades políticas de primeiro plano culpadas de corrupção ou prevaricação, reivindicando lugares nos organismos oficiais, inquietando o Chefe do Estado ao enviarem-lhe

«dossiers» em que figuravam os nomes de alguns dos seus melhores amigos. Mas hesitavam, ainda, em fazer abalar todo o edifício e em desafiar, abertamente, o Chefe do Executivo.

Estamos, agora, perante um facto consumado. Se Bordaberry não pediu a demissão, se continua a ser o Chefe do Estado, isso deve-se, sem dúvida, ao facto de os militares não pretenderem, por enquanto, assumir todas as responsabilidades. A verdade, porém, é que se instalaram, firmemente, nos bastidores, prontos a dar ordens, controlar, formular censuras. O acordo estabelecido no dia 13 de Fevereiro, em Montevideo, entre os militares, que se podem muito bem considerar rebeldes, e o Presidente, prevê, com efeito, a criação de um Conselho Nacional de Segurança e Desenvolvimento (CONASED) que velará pela execução do programa económico e social definido pelos militares. Estes últimos serão maioritários no seio daquele «super-governo».

Os generais encarregados, em Abril de 1972, por Bordaberry, de reprimir, por todos os meios, a insurreição armada dos Tupamaros são, ao mesmo tempo, os chefes da revolta e os inspiradores de um programa de governo que apresenta sérias analogias com o plano, nacionalista e progressista, que os militares

se esforçam, por seu lado, por aplicar em Lima, depois de terem destituído, em Outubro de 1968, o presidente constitucional Belaunde Terry. As mesmas causas produzem, decididamente, os mesmos efeitos. Ao lutarem, com energia e êxito, contra os Tupamaros, os chefes do Exército uruguaio aperceberam-se de que a guerrilha urbana não era uma importação do estrangeiro, conforme pretendia o governo, mas que tinha profundas causas económicas e sociais.

Compreende-se, em tal contexto, que os dirigentes da oposição não vejam com maus olhos esta intromissão de um exército chocado com a corrupção dos dirigentes e a incapacidade do sistema para resolver a grave crise económica. O senador Blanco Wilson Ferreyra Aldunate chegou mesmo ao ponto de afirmar que os militares impõem pela força o que ele próprio não conseguiu obter pela persuasão. Seria, no entanto, muito surpreendente que todo o Exército se visse, de súbito, tocado pela graça revolucionária. Trata-se, em primeiro lugar, e para já, de um ataque de cólera contra os políticos e o parlamentarismo. Tal explosão, num pequeno país de tradições democráticas, vai por certo, dar que pensar, do México a Santiago do Chile.

PEDRO MARTINS DA SILVA

Construir e urbanizar

Estruturar as grandes metrópoles do presente e as megalópoles do futuro (talvez já presente) não é tarefa fácil. Antes um verdadeiro desafio ao urbanismo, ao pobre urbanismo que ainda não há muito era considerado como apenas o culto sectário de uns tantos... sonhadores. Hoje adquiriu força administrativa e autoridade política; reconhece, mantém-se, porém, ainda um tanto desconhecido. Só o urbanismo poderá, no entanto, livrar-nos da condenação de viver em cidades-máquinas concebidas por homens-robots. Mas isto se for pensado em função do indivíduo, e não para a produção de cidades-monumentos ou de cidades-dormitórios, casernas de uma pobre população sofredora ao peso de um quiló-dano alienante.

Um dos entraves maiores à urbanização bem orientada é, sem dúvida, a oposição da rentabilidade económica encara da ao nível dos interesses da colectividade e dos particulares. Muito frequentemente, o que satisfaz o particular é altamente lesivo dos interesses colectivos, consequência directa de serem diversas as escalas de tempo destes dois campos

de interesses. No aspecto dos choques do privado com o colectivo neste domínio, assume feição muito grave a actuação de alguns «grandes» da promoção imobiliária, construindo por vezes autênticas cidades, onde se gabam de instituir formas novas de viver. Fazendo urbanismo, na verdade, mas muitas vezes fora de todas as regras de urbanizar, como frequentemente se vê referido na imprensa. Forçando a Administração Pública a uma competição em que um dos «parceiros» persegue objectivos bem diferentes do urbanismo verdadeiro...

A maior parte dos males de que sofre a cidade tem por causa a maneira como ela se forma e cresce, num processo que podemos classificar de germinação e enchimento. Só lhes pode pôr termo uma acção planificadora tendo o Homem como centro, orientada para o fazer viver melhor. Planeamento que tem de ser viável, parando com a construção abusiva e conservando a beleza da paisagem vista, sem, todavia, coarctar a possibilidade da indústria se desenvolver. Talvez nem uma planifi-

cação sujeita à disciplina do plano global — que pode subestimar a utilização de certos espaços — nem o recurso à organização zonal — que pode criar uma paisagem urbana caótica — sejam soluções a preconizar. Provavelmente é para um verdadeiro planeamento de paisagem que tem de se apelar. O que me parece ter sido recentemente bem ilustrado com a questão levantada pela construção, em Paris, de edifícios em torre emergindo por detrás de monumentos que são verdadeiros «ex-libris» da cidade, alterando uma paisagem que os parisienses (e não só eles) se habituaram a ver com amoroso orgulho.

Construir mas tendo presente que se constrói para pessoas. Que necessitam viver em conforto, num ambiente que introduza uma dimensão de beleza, tão necessária ao quotidiano cinzento que é a nossa vida de homens na cidade. Urbanizar então, com a ideia de que a habitação não é apenas o abrigo, mas todo um espaço vital a que o habitante tem direito e que lhe deve ser reservado. E o que necessitamos. E esperamos que o futuro nos traga.



CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS DAS 15 AS 3 HORAS

SLOT MACHINES
ACESSO LIVRE A MAIORES DE 21 ANOS

Noites de Noites de

CARNIVAL



THE KOREAN KITTENS

AS FAMOSAS COREANAS QUE CONQUISTARAM AS AMÉRICAS

THE THURANOS
ORIGINALS EQUILIBRISTAS

JULIO CESAR
IMITADOR E FANTASISTA

MIKE AND JO RICARD
COMEDIANTES DA ACROBACIA



THE JAN ARNTZ DANCERS

"From Holland With Love"

JIRINA'S COMBO

ORPHEU'S QUARTET
"CAVALINHO 73"

FERRER TRINDADE e sua orquestra

EDITH SAPPHIR SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23,30 H.

Grupo C/ Maiores de 14 anos

NO WONDER BAR À 1,0 H. Maiores de 21 anos

Sábado — Baile de Abertura — traje de noite no Salão Restaurante e traje de passeio no Wonder Bar

Domingo e Segunda-Feira — Bailes Trapalhão (traje de fantasia no Salão Restaurante e no Wonder-Bar).

Terça-Feira — Baile de Encerramento (traje de passeio no Salão Restaurante e no Wonder-Bar).

Preços: Restaurante e Wonder-Bar, Sábado, Domingo e Terça-Feira, 200\$00 por pessoa, com direito a consumo de bebidas no valor de 100\$00. Segunda-Feira, 450\$00, com direito a uma garrafa de espumante para 4 pessoas no valor de 200\$00.

Taxas e impostos não incluídos.

Respeitam-se marcações até 24 horas antes de cada baile.

Domingo e Terça-Feira — «Matinées» dançantes.

Preço: 50\$00.

Todas as noites «show» habitual.

No Salão Restaurante às 23 e 30:

Les Chéries — Mike et Jo Ricard — Beatriz da Conceição

The Jan Arntz Dancers

No Wonder-Bar, à 1 hora: Della Montee, além das restantes atrações.

DIÁRIO NACIONAL

OS CRÍTICOS ESTUDAM NOVO REGULAMENTO DOS PRÊMIOS DA IMPRENSA

O problema dos prémios da Imprensa atribuídos anualmente pela crítica, foi ontem debatido numa reunião de duas dezenas de críticos de várias especialidades, reunidos na Casa da Imprensa, a convite da respectiva direcção. Para além do problema cultural de fundo que a atribuição dos prémios levanta, os críticos apontaram certas dificuldades do espectáculo e da actividade artística em que tornam melindrosa a distinção dos artistas individuais. A continuidade do debate permitiu esclarecer não só o número de artistas prejudicados não é bastante para fazer regras, resulta mais da actividade crítica normal do que da atribuição do prémio, considerado este como o prolongamento daquela. Por outro lado, ponderou-se o valor positivo do prémio, na medida em que distingue os reais valores da expressão artística em Portugal, elucidando o público dos critérios isentos que os distinguem da mediocridade. Neste sentido, o júri da casa da Imprensa, cuja isenção crítica não consente quaisquer dúvidas, prestaria um bom serviço à expressão artística e ao público em geral, o que aconselharia a continuação dos Prémios de Imprensa, altamente

prestigiados em Portugal e no estrangeiro.

Atendendo, porém, aos melindres apontados da distinção individual e também à concepção de que o espectáculo artístico é fruto de uma equipa e não o somatório de trabalhos pessoais, foi sugerido que de futuro apenas fossem dados prémios colectivos.

No final, foi decidido continuar o debate do problema numa segunda reunião de críticos, tanto mais que alguns não puderam tomar parte na primeira reunião e, por outro lado, a Direcção da Casa da Imprensa continua interessada na atribuição dos prémios.

MAIOR TRÁFEGO AÉREO EM LOURENÇO MARQUES

LOURENÇO MARQUES, 27 (ANI) — Durante o ano de 1972, verificou-se um acentuado aumento de tráfego no aeroporto Gago Coutinho, de Lourenço Marques, em relação aos anos anteriores.

Com efeito, durante aquele período, entraram e saíram, respectivamente 12.867 e 12.948 aviões, os quais embarcaram e desembarcaram 123.873 e 122.586 passageiros, havendo ainda a registar 5.564 em trânsito.

Por outro lado, foram movimentadas 4.487 toneladas de carga diversa, e 580 toneladas de correio.

OPERAÇÃO "STOP"

DEZ VIATURAS DESAPARECIDAS

Na sequência de mais uma operação stop efectuada, ontem à noite, epl Secção de Trânsito da P.S.P. em Monsanto, Avenida 28 de Maio e Estrada do Marcus, entre os 520 carros particulares e os 40 táxis fiscalizados registaram-se 32 autuações, 10 das quais por falta de livrete.

No mesmo período foram recuperadas 2 viaturas tendo, entretanto, desaparecido as seguintes: MR-75-14, Vender; PP-51-22, Austin 1000; HB-43-12, Austin Cooper; EL-20-44, Austin; AL-88-72, Fiat 1500; AG-45-58, Honda; IL-86-71, Taunus 12 M; AI-47-90, Morris; FL-45-19, Morris 1000; e 9 840-SZ-38, Peugeot.

SESENTA E DOIS MILHÕES DE LITROS DE LEITE PRODUZIDOS NA BEIRA LITORAL

COIMBRA, 27 — No ano findo, verificou-se na área da província da Beira Litoral, afectada à Federação dos Grémios da Lavoura da Beira Litoral, o seguinte movimento: leite recolhido 62 176 965 litros; pago à lavoura, 195 761 174\$40 (além do liquidado em 1971); preço médio (por litro) 3\$14,84 (me-

lhor do que no ano transacto). A totalidade da litragem recolhida, foi assim distribuída: Classe A (Pasteurizável), 42 231 150 litros; 139 459 560\$40; Classe B (Comum), 17 914 789,5 litros — 52 878 928\$00; Classe C (Desvalorizado), 2 031 025,5 litros — 3 422 686\$00.

PROFESSORES DE FRANCÊS

Realiza-se hoje, no Liceu Francês «Charles Lepierre», mais uma sessão da Associação dos Professores de Francês em Portugal. Nesta reunião está presente a dr.ª Maria Emilia Marques, professora da Faculdade de Letras de Lisboa.

Choque de comboios

-Dois mortos e três feridos

Morreram duas pessoas e três ficaram gravemente feridas, devido ao choque de comboios ocorrido ontem, às 23 e 45, entre Leiria e Monte Real.

A automotora n.º 4028 (Bis) que partira em desdobramento de Coimbra (apenas com um passageiro) chocou com o comboio correio n.º 4027 que partira de Leiria, e que seguia na mesma via, junto de Regueira de Pontes. Morreu o maquinista e o revisor da primeira composição, respectivamente, Armando Nunes e Joaquim Inocêncio Salvado, encontrando-se feridos o maquinista e o condutor do comboio além do passageiro da automotora.

ACIDENTE MORTAL

BRAGANÇA — Quando uma escavadora procedia ao desaterro do quintal da residência do comerciante local Marcolino Moreno, desprendeuse inesperadamente uma peça enorme da máquina, que atingiu em cheio um jornaleiro que ali trabalhava. O infeliz, José Augusto de

Matos Cordeiro, de 33 anos, casado, natural do concelho de Vimioso e residente nesta cidade, transportado ao hospital de Bragança, ali chegou já sem vida.

A ocorrência foi participada à P. S. P. e ao Tribunal Judicial desta comarca.

JORNALISTAS NÃO CONSIDERAM OPORTUNA A EXISTÊNCIA DE UM CÓDIGO DEONTOLÓGICO

Por decisão unânime da assembleia-geral do Sindicato Nacional dos Jornalistas, ontem novamente reunida, a discussão do

Projecto do Código Deontológico elaborado por uma comissão sindical foi adiada até que se considerem preenchidas as condições em que a sua existência se justifique.

Como resultado da votação verificada, foram depois apresentadas e aprovadas moções visando a criação de um grupo alargado de trabalho que inquiria a classe, de forma exaustiva, sobre as condições de trabalho actuais a todos os níveis.

Dado que o Código Deontológico rejeitado por princípio afecta os outros documentos presentes à assembleia (Regime do Exercício da Actividade Jornalística e Estatutos do Sindicato), estes baixaram de novo às comissões autoras dos projectos para revisão, de molde a serem de novo apresentados à classe em reunião que decorrerá no próximo dia 29 de Março.

ESTREIA DE PERES NO CANADÁ

TORONTO, 27 — (Reuter) — Embora tivesse alinhado na sua estreia pela equipa que perdeu, o internacional português Fernando Peres marcou a noite passada um golo ao disputar um desafio a contar para a liga de Toronto de futebol de salão.

SOCIEDADE DE LÍNGUA PORTUGUESA

No dia 1 de Março terá lugar na Sociedade de Língua Portuguesa, Rua de S. José, 41-2.º, uma conferência subordinada ao tema «Virgílio e a Ecloga Portuguesa Quinhentista», a qual será proferida pelo dr. Flávio Henrique Vara. A entrada é livre.



AGUARDENTE VELHA

Niepoort

a prova está na prova

VÁ AO TEATRO!!!

VASCO MORGADO recomenda os seus espectáculos:

TEATRO Tel. 32 60 17

VARIEDADES

30.ª SEMANA
Grupo C M/ 14 anos
com **JOSÉ VIANA**
no protagonista

SUA EXCELENÇA O RENDURA

DORA LEAL (revelação da temporada 72-73), Henrique Viana, Luís Santos, Manuela Cassola, Maria Otília, Vítor de Sousa, Luís Pinhão, Cândido Mota, Carlos Rosa, Joaquim Miranda, António Semedo, Ana Le Matre, Jorge Nascimento e a colaboração de MARIA PAULA

Terça e quarta-feira, às 21,45 horas; quintas, sextas e sábados, 2 sessões, às 20,45 e 23 horas;

domingos, às 16 e 21,45

A NOITE 2 sessões: 20,45 e 23 h
TELEF. 55 51 33



TEATRO NACIONAL MONUMENTAL

UMA PRODUÇÃO DE VASCO MORGADO

COM **CAMILLO DE OLIVEIRA**

MULHERES E COMIGO!

COM **AIDA BAPTISTA**

MEXICO!

LINDA SILVA CRISTINA CASSOLA VITÓRIA MARIA

THE RED ROSE BALLET

Domingos: «matinées» às 16 h e 4.ª feira, descanso da C.

TEATRO Tel. 32 74 93

CAPITÓLIO

10.ª SEMANA
Grupo D M/ 18 anos
Uma comédia inglesa com FLORBELA QUEIRÓS

Sexo, nunca! somos britânicos...

No elenco
IRENE ISIDRO
Carlos Duarte, Jorge de Sousa Costa, Norberto de Sousa, Fernanda Franco, Mariano, Fátima Miranda e, pela primeira vez em comédia OCTAVIO DE MATOS

Encenação de Maria Helena Matos

3.ª e 5.ª: às 21,45 horas
6.ª-FEIRAS, SÁBADOS E DOMINGOS — 2 sessões: ÀS 20,45 e 23 HORAS

Domingos: «matinées» às 16 h e 4.ª feira, descanso da C.

TV

DU ESPECTACULOS

Se me permitem a expressão, o festival, propriamente dito, lá acabou por começar. Iamos já a dobrar o cabo da madrugada. Com o sono a pesar nas pálpebras, com a mosca da monotonia a pairar por cima de não sei quantos biliões (eh, nada de exageros!) de não sei quantos milhões de portugueses dispersos pelo mundo, Luxemburgo incluído. Sono que nem sequer Artur Agostinho abalava com algumas das suas piadas. Aquela de não estar à espera de quem saísse, mas de quem entrasse causou sensação entre o público semonquingado do «Maria Matos». E mais a outra do Bécaud a cantar e não sei quê do bico calado...

Sono que nem Alice Cruz abalou quando, depois de citar as várias estações despachantes do Festival para todo mundo declarou usar aquele tom pausado por estar a falar para longe — quando o mais justificável para tão longe seria que falasse mais alto.

O sinal da monotonia logo se deu à partida com a interpretação de Teresa Tarouca. Ai fado, fado — fado dos nossos queixumes, palavras moidas, gritos abafados, soluços de cortar à faca e algaridar, tudo isso a gemer doridamente como a carroça da nossa alma dorida, coitada, pela estrada da vida esburacada.

A esperança de acordar estava em Bécaud. Bécaud que andava ali porque o outro partira uma perna.

Bécaud-bom-rapaz, do género de não trazer nenhuma espada ao mundo. Bécaud mal sabia o que lhe estava para acontecer. Rouco, assentava decerto muita esperança na qualidade dos microfones portugueses, de fama mundial...

Ah, mas a rouquidão da voz vem mesmo à superfície. Os microfones falham. Atrás dele, o rapaz do banjo, aflição, procura o defeito por todos os lados. Bécaud olha angustiado para o microfone que tem na mão, microfone defunto não reage. Bécaud sacode-o, bate-lhe, desmonta-o (ah, dava um belo mecânico, este rapaz!) tira-lhe o mata-borrão, o micro reponta, espirra, estoura e o Bécaud aflição e ninguém lhe acode, o suor escorre pela cara dele, pela nossa cara.

Foi quase um intermédio cómico. Aquilo em mudo faria a glória de um filme dos anos vinte. Finalmente atamancado o negócio, pensou-se que se entraria na fase dinâmica. Ora Bécaud estava dançando. Ora um homem não é de pau. E vieram as canções arrastadas e sonolentas e vieram as canções inevitáveis, Bécaud pôs então o público a cantar para ele — aquele lá, lá, lá, lá estupidamente cantado em francês pela selecta assistência. hem? — e digam lá se

AGREDIU O AVÓ E MORDEU NUM POLÍCIA

Um salpicão, alguns copos de vinho de boa cepa, com problemas familiares pelo meio, levaram o jovem Carvalheiro, electricista, natural de Oeiras, a espancar o avô, Augusto Naia, de 76 anos, reformado da Marinha Mercante, que teve de receber tratamento a escoriações várias pelo corpo, no Hospital de S. José.

A agressão ocorreu ontem à tarde, numa casa que ambos habitam na Rua Fernandes Tomás, em Santa Catarina, e quando a Polícia alertada compareceu no local, Castanheira recebeu os agentes com frases injuriosas, mordeu o dedo de um deles, partindo ainda com socos e pontapés o pára-brisa do carro-patrulha. Dominando com dificuldade acabou por recolher aos calabouços do Governo Civil.

FESTIVAL DA CANÇÃO: UMA FAENA CHEIA DE COR NUMA ARENA CHEIA DE SONO



Por MARIO CASTRIM

o rapaz não tem caco...

Findo o espectáculo — esmolinha (tens razão, pá, não vale uma pessoa dar coisas novas, estamos em família, nesta Lisboa jolizinha...) pensou-se que a monotonia acabara.

Não. Tínhamos ainda uma fita sobre o Luxemburgo acompanhado pela voz arrastada de Alice Cruz. O parlamento com os seus 56 deputados (ena!) os romanos, o Carlos Magno, os burguinhos, o Luxemburgo é possuidor de uma acentuada formação religiosa, mas principalmente o ferro, no Luxemburgo, o ferro é que é.

Uff! Aquilo nunca mais acabava. Nunca mais. Quase meia-noite.

APARECER DESAPARECER ESQUECER...

Pronto. Ai o temos, o festival. O festival TV da Canção lançado por António Calvário, conforme ninguém já deve estar lembrado.

Ai temos Tonicha hierática e solene, a cantar, melhor: a gritar uma canção dedicada ao Camões. Pode a canção não valer muito, mas o oportunismo conta. Ninguém dirá que o cançonetismo ligeiro está alheio ao momento que passa.

Tonicha, essa, parece ter perdido o sentido da interpretação que mais lhe convinha. Há anos, pareceu ter escolhido a sobriedade e a oralidade. Voltou, porém, aos gritos onde tudo se perde, incluindo as palavras. E as palavras do seu poema não estavam lá por acaso.

O grupo dos meninos passou completamente despercebido. Nada ajudava, nem a canção, de uma abencerragem da canção antiga.

Depois de Fernando Tordo e da sua «Tourada», Luís Duarte veio, a desarticular-se, com meneios excessivos, cantar as agruras e desventuras da «Senhora das Dores». A melodia banal condenava-o à partida.

Se é que a banalidade musical pode condenar à partida seja o que for neste santo país. Teríamos disso a ameaça, a prova, na canção interpretada por Paco Bandeira. Difícilmente se imaginará coisa mais rudimentar. Difícilmente se imaginará pedra onde menos o fogo se adivinhe. Se ela fosse ao Luxemburgo, que diriam de nós os estrangeiros que não nos visitam? E no entanto, o que ninguém pensaria pudesse acontecer, esteve quase a dar-se... O que prova muitas coisas. O que prova, sobretudo, as vantagens dos esforços de promoção.

Poderia esperar-se melhor de Paulo de Carvalho, como intérprete. E foi uma presença apagada, distante, indiferente, incapaz de defender a sua cantiga. Estagnação? Paulo de Carvalho é ainda muito novo para estagnar. Talvez desmoralização. A exigir, da sua parte, um golpe de coragem e de cabeça erguida. Senão...

«Improviso», o grupo real-

mente improvisado, esteve pelo menos contente. Não tinha nada a perder. Não terá nada a ganhar. E isto de alegria não há nada que a pague neste mundo.

Duarte Mendes trazia nos ombros a responsabilidade de defender uma canção dos vencedores do ano passado. Nervoso, não terá feito quanto podia. Adiantaria pouco, talvez. «Gente» era, como letra, uma nuvem vaga; como música uma exploração festiva já ultrapassada. Nenhuma hipótese.

Fernando Tordo viria depois cantar «Carta de Longe», com uma interpretação que poderia bem receber o prémio correspondente. O júri não o entendeu assim. Deu-o a Simone, que o não merecia. Uma Simone que não soube ainda encontrar-se, longe do que já não pode ser e não convencida do que pode ser ainda. Prémio de interpretação? Antes prémio de consagração. O júri da televisão, pelos vistos, não aprecia as touradas — mas aprecia as mentiras piedosas. Será isto que se pede a um júri?

«TOURADA»: UMA PEDRA NO CHARCO

O acto de cantar não pode ser um acto irresponsável. Cantar deverá ser uma maneira de estar no mundo e de agir sobre o mundo. O artista que não sonha transformar o mundo demite-se da sua própria condição.

Pode-se verificar como, por vezes, a canção tem dificuldade em romper, em vencer.

A menos que o artista se resolva a furar o cerco servindo-se da imaginação. Terá de sacrificar muito, terá de deixar muito pelo caminho — mas, no mundo onde vai singrar, o importante é que não pactue com esse mundo, o importante é que encontre uma maneira de dizer não.

«Tourada», de Ary dos Santos e Fernando Tordo, tem de compreender-se como uma canção que nos chama para o entendimento de uma realidade. Que nos chama com uma imaginação, com um gozo nas palavras, com uma alegria, com uma violência de dizer perfeitamente inusitadas no meio do cançonetismo ligeiro. Que uma canção destas tenha alcançado o primeiro lugar num concurso de televisão portuguesa constitui, para além de tudo, um apelo à reflexão, à avaliação das contradições inevitáveis. Dir-se-á que uma canção pode pouco. Pois possa o que pode uma canção como Tourada: ter ganho no seio da fortaleza do cançonetismo caduco. Ter imposto a sua pequenina, frágil lei. Por acaso? Ora. O acaso também se quer — também se prepara.

Para este resultado o poema, a música e a interpretação fizeram um todo. A letra goza com uma realidade; a música, essa, goza com a letra; Fernando Tordo goza com ambos. Daí



Bécaud: Quand est mort le poète...



Prémio (de interpretação) para Simone

resultou o espectáculo que vimos: a orquestração a exagerar no gozo do trocadilho, um cançonetista a caricaturar, com os gestos grossos, a própria canção — melhor, o festival em que a canção se incluía... No sentido quotidiano do termo com aspas — foi uma verdadeira «tourada»...

Fernando Tordo, autor da música e intérprete, foi peça valiosa no triunfo da canção. E que, enquanto outros cançonetistas estagnam ou desmoralizam, Fernando Tordo trabalha, corrige, amadurece. Tem ainda muito que trabalhar no sentido da exploração do fraseado melódico, com o fim de enriquecer as suas interpretações. Que o virá a conseguir temos a prova em alguns trechos da «Carta de Longe». Nesta canção chegou a perder mesmo o seu antigo alheamento como se cantasse alguma coisa que não lhe dissesse respeito: aqui, como que assumiu as palavras, como que sabia que não cantava palavras vãs. Oxalá não pareça apenas: oxalá saiba. Agora — ou um dia, Quando isso acontecer, talvez tenhamos «um caso» no cançonetismo português.

É claro que o nome de Ary dos Santos se encontra no subterrâneo das palavras que aí ficam. Como não dizer que é impossível pronunciar esse nome sem admiração? Como não dizer que a sua «Tourada», para além de todos os defeitos e qualidades formais, é uma lição que não deve ser desaproveitada?

Canção pode não ganhar no Luxemburgo. Bem se importa disso o Ary! Bem nos importamos disso nós! Luxemburgo? Só um pretexto. O importante para o poeta é cantar — aqui. Cantar o possível.

Ary dos Santos: uma «fogueira de exibição»? Talvez. Preferia vê-lo mais atento e a evitar certas armadilhas pessoais, como as que vêm na primeira parte do seu livro «Resumo», armadilhas que o cegam ao ponto de tornar muitos dos seus versos execráveis. Como é que um homem que tão bem denuncia as «touradas» que o rodeiam, não evita cair na «tourada» de si mesmo?

Pode ser que isto venha a despropósito. Pode ser que não venha. Esta «força» chamada Ary dos Santos quereria eu que estivesse defendida (até de si própria...) para libertar a energia que nela, apesar destas vitórias, apenas se adivinha.

Entretanto, esta «tourada» já ninguém nos tira. Em Luxemburgo não vão compreendê-la ou até irão compreendê-la de outra forma. Paciência. O festival pode ser lá. Mas a arena — é aqui.

FRIO, FRIO...

Luís Andrade pensava ir fazer o «festival mais tranquilo de todos os festivais». Assim foi, no que respeita à passagem das canções. Mas tranquilidade não quer dizer espectáculo televisivo. Houve ordem? Houve. Mas não houve imaginação. Os cançonetistas

espartilhados raramente estiveram perto dos telespectadores. A frieza chegou a ameaçar o espectáculo. A frieza que fora, até aí, o grande perigo...

Não falemos no desvario que a realização conheceu na primeira parte. Com Bécaud tudo correu mal — e Luís Andrade não podia salvar-se onde tudo ameaçava naufragar.

Quanto aos apresentadores, deu-se o que se esperava: uma Alice Cruz enfática e redundante, a travar constantemente o ritmo do festival. E deu-se o que não se esperava: um Artur Agostinho, veterano, nervoso e gocho como um principiante... de há vinte anos, e também, como um principiante que jogasse uma cartada, preocupado em dar um jeito àquilo.

ESCOLHER MARIA MATOS

Acabou a operação TV da canção. Acabou a grande operação cirúrgica para tratar um pobre panarício.

Se nos lembrarmos que só na decoração do palco se gastaram cerca de 100 contos, imaginamos como a televisão jogou forte neste festival. E no entanto, ficaram bem à vista as deficiências a corrigir, o muito que há a fazer ainda. O som continua a ser um problema angustiante, a iluminação outro tanto. Onde está o erro? No material? Nos técnicos? Nas condições de trabalho? A RTP deve lembrar-se que trabalhar no Maria Matos traz muitas responsabilidades que é preciso assumir.

Centro europeu para a formação de directores

ESPECIALMENTE INDICADO PARA OS «DIRIGENTES EUROPEUS» DO PRIMEIRO NÍVEL DA ESTRUTURA EMPRESARIAL:

- * ADMINISTRADORES E DIRECTORES-GERAIS
- * DIRECTORES FINANCEIROS
- * DIRECTORES ECONÓMICOS-ADMINISTRATIVOS
- * ECONOMISTAS E ESPECIALISTAS FINANCEIROS DE BANCOS E ORGANIZAÇÕES PARABANCA-RIAS

SEMINÁRIO EM PORTUGUÊS E ESPANHOL DIRIGIDO PELO DR. JUAN ABAD PORCEL.

seminário de MANAGEMENT para alta-direcção

A ESTRATÉGIA FINANCEIRA DA EMPRESA

Dias 8 e 9 de Março de 1973

RUA DE CAMPOLIDE, 55-5.º — LISBOA-1

Telefs.: 65 6527-65 6540-65 1805

DL/ESPECTÁCULOS

A "TOURADA" QUE SE DESEJA

Quando, um pouco antes das dez da noite, os vestidos compridos e os obrigatórios «smokings» começaram a invadir o «hall» do Teatro Maria Matos, enquanto uma pequena multidão se aglomerava à porta do dito para espreitar quem entrava, duas coisas se sabiam já: que «Tourada» era, na opinião de quem tinha acompanhado os ensaios, uma canção temível, segundo a perspectiva dos concorrentes (e não só) e que Simone era a candidata número um ao prémio de interpretação. Cerca de duas horas mais tarde, «Tourada», de Ary dos Santos e Fernando Tordo, interpretada por este último, arrancava (é o termo!) o primeiro lugar e Simone via-se galardoada com o citado prémio. As duas suposições transformavam-se, assim, em certezas, muito embora isso pesasse a quem (e não eram tão poucos quanto isso) não acreditavam na possibilidade de tordo ganhar, nem pouco mais ou menos, um Festival da Canção.

A verdade é que Tordo soube merecer esse prémio que há tanto andava a perseguir. Ele espantou muita gente, com o à-vontade que demonstrou, com a voz que atirou cá para fora, com a interpretação certa para uma canção que pedia exactamente aquilo que ele fez. E bem.

Apesar de, por exemplo, muita gente ser de opinião que a outra canção que interpretou («Carta de Longe», com música sua e, tal como as outras que compôs, poema de Ary dos Santos) é melhor, musical e poeticamente falando. Mas, como dizia o autor das palavras de «Tourada», entre outras (muitas, aliás) pessoas da mesma opinião, a canção vencedora era mais importante. E, se ganhou a mais importante, ainda bem.

AS VEDETAS

Das vedetas, Tarouca fez o que todos sabemos que faz. Sobriamente, como mandam as leis do fado que canta, Teresa esteve igual a si própria e ninguém lhe pediria mais do que aquilo que ela deu. Evidentemente que haveria quem não lhe pedisse nada, do mesmo modo que, por outro lado, as pessoas lhe pediriam tudo e (talvez) gostassem que o resto da noite se ficasse por ali, pelo fado, pelo «verde» de Pedro Homem de Melo e sua «mesa do rei». Mas a noite era de festival e Tarouca não demorou muito.

Viria, a seguir, um senhor que é dono de cada palco que pisa: Gilbert Bécaud. Po-

nham-se em dúvida, à boa maneira cartesiana, certas composições, certas letras e, sobretudo, certas atitudes do «one man show». A dúvida já é meio caminho andado. Uma única coisa se não pode contestar: Bécaud tem a escola toda. E raro ver-se alguém com uma noção tão exacta do que é espectáculo, do que é estar-se em cima de um palco com a obrigação de preencher um mínimo (?) de tempo durante o qual se tem que do-sear as coisas, se tem que ter movimento. Gilbert Bécaud sabe-o melhor que ninguém. Sabe sorrir e disfarçar o «feed-back» que sai, inoportunamente, das colunas de som, sabe mostrar-se satisfeito e agradecido para com o público. E o público, rendido, não tem já olhos para ver a cara zangada do cantor quando, como quem não quer a coisa, ele se dirige, subrepticamente, a quem estava a tratar do amplificador. Afé, Bécaud deixava, por milésimos de segundo, de ser a simpatia em pessoa para se transformar num senhor muito zangado, ameaçador, descontente, mandão. Mas... que importância tem isso quando se está tão bem em palco? Quem liga a esses... «pormenores» quando Bécaud, o senhor do palco, tem um sorriso tão verdadeiro, tão simples, tão satisfeito, tão estudado?

As tantas, mr. Gilbert desce à plateia e cumprimenta Carlos do Carmo. E, depois, dá extras. Canta, por exemplo, «Quand il est mort le poète». E, vai daí, eis que toda a gente desata a cantar em coro.

Bécaud quase ia fazendo esquecer que o Festival estava mesmo ali à porta, a pedir para entrar. Mas não o fez. O entusiasmo pela presença de Gilbert em breve se esfumaria. Artur Agostinho e Alice Cruz, logo após o intervalo para espalhar, sabiam que as pessoas estavam à espera das canções, das dez que haviam de vir, forçosamente, que não se estava ali para outra coisa.

MINUTO ZERO

A (longa) contagem decrescente veio logo a seguir. Artur Agostinho, dono do «métier» empata tempo para permitir que todos se sentassem e, portanto, não perturbassem a audição das canções. Foi então que veio Tonicha, de vestido

azul, para cantar bem uma canção razoável e que, a frio por ser a primeira, não obteve os aplausos que certamente conseguiria se fosse outro o seu lugar na ordem de apresentação.

Seguiu-se o Mini-Pop, com um ar de profissionalismo que faria inveja a muito boa gente crescida, para cantar uma

de Fernando Guerra, e estes dois nomes mais o de Paulo têm um peso dos diabos.

EXPECTATIVA

O «Improviso» substituiu Paulo de Carvalho no lugar reservado aos intérpretes para cantar bem uma «Carta» de João



Segundo lugar para «E por isso que eu vivo» de Ary dos Santos e Paco Bandeira.

canção musicalmente «gira», mas sem margem para exageros de qualquer espécie.

E foi então que surgiu Tordo e a sua «Tourada», muito bem feita por si e por Ary dos Santos. «Tourada» vinha vestida com uma orquestração que servia às mil maravilhas a intenção da canção. Teve-se, nessa altura, a noção de que estava achada a canção vencedora. Mal se sabia, ainda, que muita coisa estava para acontecer.

E aconteceu logo a seguir. Habitados como estávamos, a ouvir Luís Duarte cantar um repetitivo refrão em que dizia «minha mãe», Duarte cantou muito melhor a canção mais promovida do festival, embora não restassem, quando esta acabou, dúvidas a ninguém sobre as possibilidades de vitória que «Minha Senhora das Dores» apresentava.

E isto porque a Luís Duarte se seguiu Paco Bandeira. Aí começou a sentir-se todo o apoio que o cantor alentejano tinha no Maria Matos e que, mais tarde e a quando da votação, seria amplamente confirmado.

Paulo de Carvalho lançou a sua «Semente» em sexto lugar e as dúvidas acumularam-se. Eram, novamente, as palavras de Ary, desta vez com música

Rafael. Apesar de tudo estar certo, soube-se logo que não era por ali que o gato ia às filhoses. Talvez com Duarte Mendes isso acontecesse. Ele cantou «Gente», de Niza-Calvário, e chegou a pensar-se que ali poderia estar um possível candidato ao primeiro lugar. Só que, à oitava canção, o público que só as ouve uma vez, já não tem bem presente a primeira. Neste caso a terceira.

«Carta de Longe» era, talvez, a melhor canção do festival. Cantou-a Tordo, muito bem, como quem tem a certeza de que o produto apresentado tem qualidade. E Tordo acertou: nessa certeza que tinha e na maneira de cantar. Mas a «Carta» não iria longe na tabela classificativa...

Para terminar o desfile das «dez mais», segundo o júri que as seleccionou, faltava «Apenas o Meu Povo», que Simone cantaria a seguir e que lhe valeria, pese embora a contestação de uns tantos, o Prémio de Interpretação. Mas, quando Simone acabou, não restaram dúvidas a ninguém: a sua canção não ganharia.

QUE VOTAÇÃO?

Um breve intervalo para pôr

tudo a funcionar convenientemente antecederia a votação, alternada, dos júris nacional e da selecção. Pausa para o cigarro nervoso.

Paulo Renato conversava com Teresa Paula Brito. A conversa, claro, era a única possível em semelhante ocasião: quem ganha, quem não ganha, e Paulo Renato a dizer: «Espero que ganhe a Tourada!»

Brevemente isso seria confirmado, não sem, antes, passar um frémito pela sala: Paco Bandeira, à «passagem» pela Guarda, levava considerável avanço. Estranhava-se, entretanto, que o júri de selecção não atribuisse um único voto a «Tourada». Lá teriam as suas razões. Só António Andrade teve o rasgo de atribuir 5 votos à canção vencedora. Minutos depois «Tourada» vencia «E Por Isso que Eu Vivo» com quatro pontos de avanço.

Enquanto a votação decorria manifestava-se o maior «grupo de apoio» que o Festival viu nos últimos anos. Tudo o que era Paco estava certo. Mas os dados estavam lançados, as cartas (de perto) estavam na mesa. Nada havia a fazer.

OPINIÕES

Muita coisa se disse, como é evidente. Por nossa parte limitámo-nos a registá-las.

Ary dos Santos — Estou contente por repartir o prémio com o Fernando Tordo. Quanto à canção, ela desmistifica um tipo de sociedade e, por isso, é importante.

Carlos do Carmo — E a vitória da palavra. Ganhou uma canção bem construída e que é muito importante. Por razões que nós todos sabemos.

Manuel José Soares — (Improviso) — Foi uma vitória para todos nós.

Yvette Centeno — Ary e Tordo ganharam com justiça. O Fernando já merecia isto há tempos.

José Niza — Ganhou a «minha» canção. Eu não estava à espera que o público reagisse tão bem à ironia do poema do Ary. Ainda bem que assim foi.

Alce Cruz — Demos o máximo para que o festival decorresse da melhor maneira, e parece-me que conseguimos. Havia três ou quatro canções muito

boas. A «Tourada» é um achado!

Ana Teodósio (Improviso) — Ganhou uma das melhores. A melhor, para mim, era a «Carta de Longe».

Dario de Barros — Acho a canção gira, mas talvez não resulte lá fora. Gostei de «Gente», de «E Por Isso que Eu Vivo» e de «Carta».

Pedro Osório — E preciso que a canção tenha agradado muito para ter ganho, pois não foi promovida e foi tratada daquela maneira pelo «erudito» júri de selecção...

João Rafael (autor de «Carta») — Acho que até lá fora vai resultar!

Ivor Raymond (Orquestrador inglês das canções de Paco e Simone) — Ganhou a melhor. A propósito, gostava de dizer, em relação ao festival: «Make Music, not War».

Óscar Acúrsio — A melhor era a «Carta de Longe», mas ganhou a mais alegre.

Fernando Guerra — O Fernando e o Paulo precisavam ambos de ganhar o Festival. Não sei até que ponto é que se vai perceber a «Tourada» lá fora, o que é pena. A minha vitória foram mais de 50 votos dados pelo júri de selecção. Mas quem ganhou foi o Fernando e o Ary. Estou contente por ambos. Apenas por isso.

Paulo de Carvalho — Está certo: todos nós precisávamos desta canção! O Fernando merecia isto.

Vilas-Boas — Acho bem pelo Tordo.

Duarte Mendes — O Fernando merecia isto por tudo o que tem feito.

Carlos Moniz — Era a melhor canção.

José Calvário — Eu estava lá em baixo, a dirigir a orquestra. Isso foi ótimo para mim. Quanto ao resto, acho que o Fernando merecia isto.

Tonicha — Estou satisfeita. Acho que o Fernando ganhou bem.

Paco Bandeira — Claro que estou contente! Quem ganhou ao cabo, foi o Festival. Mais: acho que, com um festival assim, a música portuguesa tem muito a lucrar.

Luís Andrade (realizador do Festival) — O trabalho correu-me normalmente. Quanto às canções, acho que se deu um salto em frente, na parte poética. A canção vencedora é uma boa canção, mas prefiro a «Carta de Longe».

NUNO GOMES DOS SANTOS

100.000

personas já viram até hoje

CABARET

Adeus Berlin

GRUPO D - 18 anos

50 FILMES CASTELLO LOPES FOX

Realiz. de BOB FOSSE

15.^A SEMANA

COLORIDO

o maior êxito do ano!

CANDIDATO A 10 "OSCARES" DA ACADEMIA, INCLUINDO O DO MELHOR FILME

LONDRES

4 SESSÕES DIÁRIAS
às 14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45

Comentário musical

Por JORGE COSTA PINTO

A canção que Tonicha interpretou tem uma melodia algo difícil de interpretar, algo rebuscada na sua concepção. Já a segunda, de Canelhas, tem uma linha melódica de fácil assimilação e de sequências harmónicas pouco vulgares na nossa «cançoneta». Creio que tem francas possibilidades de êxito junto do público.

«Tourada» foi o «conjunto» mais completo: melodia, harmonia e arranjo (este com grande responsabilidade no êxito imediato da melodia).

«Minha Senhora das Dores» teve o arranjo musical errado, conquanto no seu aspecto esteja perfeito. E se esta canção resultou menos bem por isso, a de Paco Bandeira, a melodia em tom menor, ficou, imediatamente, prejudicada por isso.

«Semente»: no desenrolar da melodia sentiu-se a dificuldade do compositor para o «encaixe» da poesia. Daí a difícil aceitação.

Quanto à canção interpretada pelo «Improviso», tem uma linda melodia com láivos da nossa música regional beirã.

«Gente», de Niza-Calvário, tem um refrão repetitivo, feito para agrado imediato, servido por um arranjo marcial.

«Carta de Longe» é uma canção bem concebida melódicamente e com um refrão de forte impacto.

Por último, Simone interpretou uma canção onde o romantismo de Tordo está bem expresso na melodia, aliás muito bem interpretada por Simone.

Em suma: o Festival com mais dificuldade para o júri... o que foi demonstrado até final da votação. Isto indica que a qualidade da nossa música ligeira está a ressurgir.

Passavam seis minutos da meia-noite quando, em final Topoliano que fez esquecer equivocantes ademanos, Fernando Tordo encaminhou para a melhor apreciação do júri a «Tourada» que idealizara a meias com Ary dos Santos, sob o bepepacito de Jorge Costa Pinto, novo patrão para quem grava. E este quem comenta:

— Tirando o «cocktail» em que apresentámos o nosso artista à Imprensa, sem o pretexto explícito do Festival, não gastámos um centavo na sua promoção. E, venceu com armas portuguesas: desde o orquestrador aos músicos, tudo era cá da casa. Isso enche-me de alegria...

Quatro horas depois de Henrique Mendes se ter absterido de intervir directamente no desfecho da votação (esquecendo prudentemente os seus compromissos com o Rádio Clube Português) o maestro Jorge Costa Pinto continuava à mesa do «Gambirinus» falando do triunfo e do futuro.

— Agora, sim, vamos gastar dinheiro. Uma ida à Eurovisão, sobretudo depois das negociações que entabolei no Mídium com etiquetas estrangeiras para a troca das minhas produções, já merece um bom investimento.

Só a mãe de Fernando Tordo continuava à espera do herói da noite: a manhã estava a chegar e não havia novas nem mandados do criador de «Tourada», que fora a correr para casa do futebolista Artur Jorge comemorar o êxito que perseguiu cinco anos a fio.

Crítica das letras NOTA POSITIVA

Pondo de parte a ociosa questão de serem poemas ou letras os textos que ontem à noite se cantaram em mais um Festival da Televisão, não posso deixar de dizer, antes de mais, que uma enorme diferença de qualidade separa esta da anterior edição do certame. E se a tarefa, no ano passado, me esteve imensamente facilitada, porque, salvo as letras da canção vencedora e de uma outra de José Jorge Leiria e Nuno Gomes dos Santos («Esta Festa das Cidades»), tudo o resto era uma «apagada e vil tristeza», já o mesmo não acontece desta feita.

E que, embora tratando-se de textos construídos sobre músicas, «encaixados» nelas, grande parte do que se cantou, a noite passada, tem qualquer coisa lá dentro... o que já é importante. E devo adiantar que, embora com grandes diferenças de qualidade, nenhum dos textos se pode classificar de escandalosamente mau.

Quatro nomes: José Niza, José Carlos Ary dos Santos, António de Sousa Freitas e João Rafael, o primeiro com duas letras, o segundo com seis e os terceiro e quarto com uma cada um. José Niza pareceu-me particularmente feliz em «Gente», texto bem construído, ideologicamente correcto e de sentido muito positivo. Desculpa-se o recurso a certos termos muito caros a uma certa fase de José Carlos Ary dos Santos, fase aliás ainda presente neste Festival através da canção «E por isso que eu vivo». Já a letra de «Rapariga e o Poeta» se me afigura longe daquilo a que José Niza nos tem habituado e de que é, realmente, capaz.

TORQUATO DA LUZ



MINI POP

O MAIS JOVEM CONJUNTO DO MUNDO!

ESPECTACULOS DE VARIEDADES, CONVÍVIOS, FESTAS DE FINALISTAS, FESTIVAIS POP, ETC.

Contacte: MUSISOM — Rua Formosa, 49-3.º / PORTO ou EMPRESA LOPES DE ALMEIDA — Praça 9 de Abril, 56 — PORTO

AS PALAVRAS NÃO PODEM ESCONDER-SE

ATÉ BÉCAUD

O leitor está (decerto) perfeitamente identificado com os acontecimentos: o «smoking» azul de Artur Agostinho a introduzir o lamé e as pedrarias de Teresa Tarouca. A fadista com saia plissada e cinto de pedras, relógio com bracelete de ouro e cruz de brilhantes, toda reluzante e muito nervosa (os dentes a morderem os lábios, minuto a minuto humedecidos pela língua) os olhos poisados no teto ou simplesmente fechados. Lenço verde ao pescoço, sempre a mastigar em seco. E, depois, para afugentar a onda, o Senhor Dez Mil Vóltios, a fazer um «show» de impressionante segurança, mau grado um pouco de rouquidão e a péssima instalação sonora com que foi mimoseado, não obstante a sua vinda ter ficado em mais de 450 notas de conto: só o excesso de bagagem (4 500 quilos), a hospedagem da orquestra de 12 pessoas e as viagens do enviado-TV Melo Pereira a Paris, mais os telefonemas de um português que «funcionou» como auxiliar de contrato, importaram na quarta parte do dinheiro. Pois, apesar disso, atiraram para o ainda «fabuloso» Gilber Bécaud com a pior aparelhagem captadora de som que se pode imaginar: o resultado foi o que os senhores ouviram.

Adiante. Esqueçamos o micro espafifado, os botões que fizeram gazeta à chamada, o repisado murro das palavras no olho vítreo da maquineta. Pensemos (apenas) como a lição profissional de Bécaud poderia ter sido útil cá por nossas bandas, no afastar de uma carreira para que não sentem a mínima vocação (nem dispõem do menor talento) cinquenta por cento dos nomes dos cartazes radiofónicos.

O desfile mais esperado aconteceu aí por alturas das 23 e 57. Tonicha (vestido comprido azul velho, cinto com lantejoulas-gigantes) combate contra a frieza da sala. Eugénio, Abílio, Mário e Pedro, L.da, firma juvenil já estabelecida com um negócio de cantigas, aparece encarnada em veludo verde, camisas brancas com longos colarinhos, um buço a despontar no lábio superior do vocalista: ovação «claquista» e silêncio aos tercios, porque logo de imediato surge Fernando Tordo (casaco vermelho, botões pretos,

calças de veludo grená, anel no dedo mínimo da mão esquerda) falando uma linguagem nova e arejada, bela e sarcástica. Palavras de um poeta que não hesita em colocar o termo exacto.

— Escrevi assim mesmo (diria Ary dos Santos mais tarde). Fazendo tal e qual: pois, não há certos os toiros?

Então porque é que hei-de camuflar a verdade?

Voltemos atrás no tempo. Tordo pega a canção de caras e arranca a mais bela exibição de todo o Festival: a sua melhor de sempre em qualquer palco. Estava arrumada a questão, sentiu-se logo na sala: até porque Luís Duarte («smoking» preto com vivos bordados, lenço e camisa cinzento-escuro) ficou nas covas pela voz do poeta:

«Senhora que me pariste
Como se eu fosse ninguém...»

Paco e a sua viola: «Eu sou o silêncio das coisas que digo». Um «smoking»-vinho a ficar na imagem da canção que, provavelmente, será o maior triunfo de venda na temporada. Mas, sem dúvida, uma interpretação amorfa e abafada pela orquestra.

De rosa na lapela esquerda, chega Paulo de Carvalho em cinza de broada, camisa branca de folhos. «A partir de um corpo que eu inventei...» Paulo, subitamente, fica em transe: e interpreta de olhos cerrados. Dá um grito final, o laço negro fica oscilante e rranca para a beira do palco: seis segundos de aplausos definem o irremediável.

Viria ainda o «Improviso»: Ana Teodóxia de ramagens, Maria do Amparo às ramagens, Manuel Soares de grená, Carlos Moniz esverdeado. «Amor é fogo que arde...»

...«e não se vê», acrescenta (rápida) da plateia, a voz de um poeta, eliminado no lote das 147 canções que ficaram no cesto dos papéis do júri selectivo.

Outra vez as três meninas de prata aos losangos verdes, espantadíssimas pela sua súbita valia. Duarte Mendes está seguro e alegre: ele é assim, uma vez ao ano.

«Tenho uma carreira diferente. Só entro no carro para me distrair» — comenta de madrugada, já sem a gravata às pintas, o intérprete de «Gente que não embarca em qualquer navio e rasga a terra em

verde e pão».

As meninas batem palmas e Tordo aproveita para entregar a sua «Carta de Longe».

«Que venha o degredo
Não direi segredo...»

Aos 31 minutos de hoje, Simone: de vestido comprido rosa-desespero, com fios de prata peitilho e corpete em lamé, grande barra junto ao chão.

— Quem disse que esta noite foi perdida?

Uma boa dose de Manzareno, de rodrguinho amoroso e de puxa-lágrima, nos versos alinhados: que, lcomo se viu, serviram a Simone para receber o prémio interpretativo.

E a velada terminou com a votação. Com as costas nuas de Alice Cruz e o sentido de humor de Agostinho. Com a saudação albicastrense e o salto eborense pró-Paco. Com o regionalismo de Melo Pereira e a parodiante divisão do dr. Peres. Com apupos e vaías (na sala) à votação de Leiria e Lisboa, Portalegre e Porto: embora a Invicta (altaneiramente) tnhá recusado a apadrinhamento dos seus mini, contra a vontade de Garrett que fez política local. Há o budo vianense, a coragem de Henrique Mendes, os beijunhos de Alice: a que só Paco consegue escapar. Carlos Mendes pega ao colo Fernando Tordo. Luís Duarte é atirado para a frente por Paulo de Carvalho: o novato está confundido. Todos os intérpretes estão ali (afinal) a testemunhar quanto lhes não afectara perder assim, para um grande poema dito soberanamente.

Já caíra o salto do sapato esquerdo de Fernando Tordo quando ele desabafou, no mes-

mo intante em que Tonicha (gelada) diz adeus ao «onho»:

Tordo ri, nervosamente, de jacto, estendendo «champagne» numa taça a toda a santa gente que coalha o tablado:

— No Luxemburgo, you cantar para a malta de cá. Estou muito satisfeito, mas isto é o fim! Não sei se conseguirei cá chegar novamente...

Vêm dizer a Simone que os filhos querem falar-lhe. Luís Duarte pede palmas para os músicos. O antifalante repisa. só nos podem causar danos as pegadas. Tordo, sentindo no chão, escorre litros de suor:

— Plágio?

Uma gargalhada.

— Plágio? Já diziam que «O Violino no Telhado» tinha plágio do «Zorba»... Esta gente tem o complexo do plágio. Sabe uma coisa? O que eu fiz foi uma dança antiga, que tem centenas de anos. Não importa se houve quem não gostasse...

Ergue-se e começa a andar para o carro:

— Tenho grande vontade de correr... As minhas canções, as canções do Ary, são para o Povo: estou-me nas tintas para os que ficam arrepiados... Este júri pode representar o público, o do Luxemburgo pode não ser interpretativo... O Festival não é um acontecimento tão importante como quem para aí fazer crê... Canção é tudo o que temos dentro de nós...

Com o pé no estribo:

— Portugal, a nossa vida, necessita de canções.

NEVES DE SOUSA

DEFENDA-SE DO PERIGO



LEMBRE-SE

O AMORTECEDOR

MELHOR ESTABILIDADE

MELHOR DIRECÇÃO

MELHOR COMODIDADE

CARREGÁVEIS * REGULÁVEIS * REPARÁVEIS

UM MODELO ESPECIAL PARA CADA TIPO DE CARRO

Distribuidores para Portugal — Soc. Geral de Importação, Lda. Av. Ant. Augusto de Aguiar, 23-A — Tel. 560156/7/8 — LISBOA

PROCURA-SE MORTO OU VIVO CHARLES DÉ JOVEM INDUSTRIAL NASCIDO EM 1919 STOP AVENTURA SEM ESPERANÇA SENHOR DÉ AMEAÇA ORDEM SOCIEDADE STOP

SATÉLITE

3.ª SEMANA

GRANDE PRÉMIO DO FESTIVAL DE LOCARNO



O ÚLTIMO A RIR...

Um filme de ALAIN TANNER

animatôgrafo apresenta

GRUPO D/18 ANOS

DL/ESPECTÁCULOS

Novo cinema no Porto

Com a inauguração, na próxima sexta-feira, de um novo cinema de estreia, — «Estúdio 400» —, o Porto fica dotado com 15 cinemas.

A nova sala de espectáculos é propriedade do Centro Social e Paroquial de S. Miguel de Nevogilde e situa-se na Rua de Pero Alenquer. Dispõe de 379 lugares e de um pequeno palco que possibilitará a realização de outros eventos artísticos.

«D. Camilo e os Homens de Hoje», de Mário Camerini, será o filme inaugural.

O horário de exibição está fixado para todas as noites, às 21 e 30, com matinée aos fins-de-semana.

Santareno na Foz do Douro

Sob a direcção de Carlos Lacerda e Alcino Marques, o Grupo de Teatro do Orfeão da Foz do Douro, renovado há pouco tempo, prepara desde Janeiro a peça de Bernardo Santareno «O Pecado de João Agonia».

Chaplin em Gondomar

O crítico de cinema, Alves Costa comentará, na próxima sexta-feira, pelas 21 e 30, na sede do Orfeão de Gondomar, o filme de Charles Chaplin, «O Garoto de Charlot».

CRÍTICA DE MÚSICA

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

Um pianista duplamente limitado

Foi em Royan, no Festival realizado em 1971, que ouvimos Claude Helffer pela primeira vez. Surpreendeu-nos então a sua extraordinária capacidade técnica para interpretar obras pianísticas contemporâneas, representadas na circunstância por «Herma» de Xenakis e pela Terceira Sonata de Boulez. Esteve agora entre nós para tocar, com a Orquestra Gulbenkian, um concerto de Bach dito para piano e orquestra e o concerto op. 36 de Albert Roussel (1896-1937). No primeiro não conseguiu ir além da mediocridade, de resto agravada pela deformação estética da partitura original, concebida para um conjunto instrumental equilibrado, na base de o solista ser o cravo e não o piano. Concluímos, pois, desde logo, que não devia Claude Helffer arriscar-se a abordar um tal «arranjo» da música de Bach, tarefa que só pode ser consentida a pianistas da estirpe daqueles dois ou três que são capazes de nos demonstrar como é pena Bach não ter escrito para piano.

Já na música francesa de Roussel, cuja escrita pianística recebe decerto muito conscientemente a influência de Prokofiev, Helffer se mostrou muito senhor de si, impondo uma concepção toda ela baseada na eficácia técnica da sua execução. Quer isto dizer que houve uma perfeita adequação desta à própria estética do compositor interpretado, que, nesta sua faceta mais classicizante, vale

sobretudo também pela impressão de eficácia técnica que nos transmite.

Por aqui já vamos concluindo que o apetrechamento de Claude Helffer como intérprete é duplamente limitado: no sentido em que a sua eficácia é apenas técnica e apenas dirigida à música contemporânea.

O recitar que deu a solo dias depois não podia ser mais concludente a este respeito. Em termos compensadores, por um lado, e dolorosos, por outro, ou seja: o que ganhámos em ouvi-lo agora na Terceira Sonata de Boulez e no «Arquipélago 4» de Boucourechliev, respectivamente um clássico e um romântico da nova música francesa (isto é, da música da geração do pós-guerra), ambos muito filiados na estética de «papá» Messiaen antes de o serem em Webern, perdemos depois na Sonata op. 106 de Beethoven, onde Claude Helffer andou do princípio ao fim à procura da música sem jamais a encontrar. Não é impunemente que alguém ousa apresentar em público esta obra, depois que Bachhaus a interpretou ao vivo e a fixou em disco.

O trabalho de Helffer com a Orquestra Gulbenkian coincidiu com «A visita de saudade» de um ex-maestro assistente da mesma, Mário Benzecri, companheiro de Rivoli «o da triste memória», numa das piores fases que a orquestra atravessou. Benzecri deu-nos o que sempre esteve dentro das suas forças: versões trabalhadas

com uma certa dignidade de obras pouco conhecidas. Desta vez, defendeu-se com o português Avondano e o argentino J. M. Castro e depois com a Sinfonia de Câmara op. 9-A de Schoenberg, uma obra em que o teorizador do dodecafonismo se mantém ainda dentro dos limites das funções tonais, mas onde o refinamento da orquestração (nomeadamente invertendo a habitual proporção entre cordas e sopros), a concepção da forma global (procurando o andamento único dentro da diversidade dos tempos), a reinvenção da linguagem harmónica, e, por cima de tudo isto, o já pleno desabrochar, na música, do expressionismo alemão, põem problemas estéticos e, consequentemente, interpretativos que requerem uma batuta de mais largos recursos do que a de Benzecri, para se fazer música viva em vez de uma simples leitura cuidadosa. Algo frustrante foi, pois, esta audição, tanto mais que não há meio de se criar o hábito de ouvir a chamada segunda escola de Viena com a mesma frequência com que se ouve a primeira. Não só pela necessidade de se dar a conhecer, directamente e não apenas por mera citação, música que existe e é o ponto de partida de toda a produção dos compositores actuais, mas ainda pela necessidade de aumentar o número de probabilidades de a ouvirmos dirigida e tocada por quem esteja à altura da tarefa.

MONUMENTAL

GRUPO D - 18 ANOS

um filme de
DINO RISI

VITTORIO GASSMAN

UGO TOGNAZZI

YVONNE FORNEAUX



EM NOME DO POVO ITALIANO

4ª SEMANA

EASTMANCOLOR

RIVUS

ACÇÕES

Antes de comprar ou vender leia o livro «O INTERESSE DA BOLSA». Nas principais Livrarias de Lisboa.

TEM PRÉDIO? TEM CARRO?

ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A

ORCOSI

Telfs. 367444/323172

Rua 1.ª de Dezembro, 45

Pode



Mexer



Em tudo

Lançam-lhe um desafio e você aceita-o logo. Quer seja para esfregar um carro, quer para transformar o seu cabelo liso num tufo de caracóis. Porque há-de, então, duvidar de si própria durante o seu período? Especialmente quando é tão fácil sentir-se fresca e segura, logo desde o início, com tampões Tampax.

Os tampões Tampax, de uso interno, foram concebidos por um médico, por isso você sabe que são seguros. E esqueça cheiros e irritações. Com tampões Tampax não os há. Escolha pura e simplesmente a sua absorção — Regular ou Super. Cada tampão vem num aplicador, macio como a seda, que lhe permite colocá-lo na posição correcta e cómoda. E o aplicador, como o tampão, escoam-se pela sanita.

Não duvide de si própria. Obtenha a protecção e a confiança de que precisa, com tampões Tampax. Em embalagens comuns de 10, ou em embalagens económicas de 40, com substancial redução de preço.

Logo desde início...

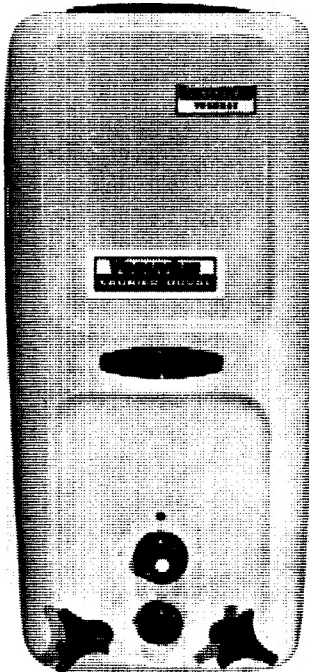
tampões
TAMPAX

PROTECÇÃO HIGIÉNICA PARA USO INTERNO

PEÇA UMA AMOSTRA A:
ANTÓNIO PACHECO AGOSTINHO, LDA.
R. RODRIGUES SAMPAIO, 16-2 - LISBOA

esquentador

Vesuvius
SAUNIER DUVAL



Vesuvius
SAUNIER DUVAL

abriu
correu
aqueceu

NA COZINHA
sempre que é preciso
água quente

PARA O BANHO
sempre que é preciso
água quente
instantaneamente...
água quente!

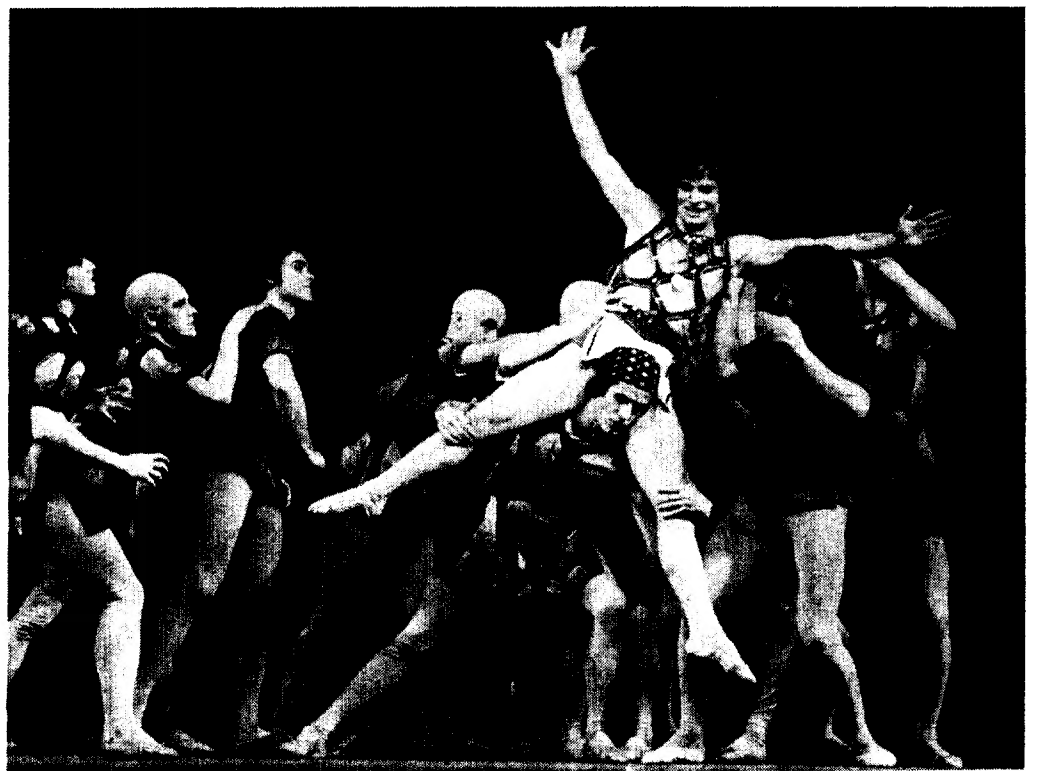
Vesuvius
SAUNIER DUVAL

com

GARANTIA OCL
OLAVO CRUZ LDA



NUREYEV E O "FILHO PRODIGO"



Rudolf Nureyev continua a ser o grande centro das atenções de quem se interessa e acompanha de perto o mundo do «ballet». Desta vez, o extraordinário bailarino desempenha o papel principal no bailado «O Filho Pródigo», de Balanchine, apresentado pelo «Royal Ballet no Covent Garden», de Londres. A obra que actualmente está a ser dançada por Nureyev tem 44 anos mas, segundo a crítica da especialidade, continua a ser perfeitamente actual. Com música de Prokofiev, a peça foi criada para ser dançada pelo grande Diaghilev, mas Rudolf Nureyev está perfeitamente à altura da figura que representa.

Considerada ilegal uma comissão de recenseamento do concelho de Sintra

Data de 10 de Fevereiro, foi distribuído por uma Comissão Democrática de Recenseamento do Concelho de Sintra um documento assinado por cerca de uma centena de pessoas, em que se incitava a população daquele concelho a recensear-se, já que aquela data mais de 45 dias iam decorridos sobre o respectivo prazo.

No mesmo documento pedia-se a cada um dos possíveis leitores que se inscrevesse como eleitor, assim como promovesse a divulgação do recenseamento, reclamasse o direito de voto, e fosse solidário apoiando a Comissão.

Alvaro Salazar Assunção Silva Ferreira era o segundo signatário no documento a que nos referimos, tendo sido ele quem recebeu, assinada pelo vice-presidente da Câmara Municipal de Sintra, a seguinte notificação:

Mando que Álvaro Salazar Assunção Silva Ferreira, casa-

do, comerciante, morador em Mucifal, na sua qualidade de 2.º signatário do panfleto intitulado «Todos ao Recenseamento», com data de dez de Fevereiro de mil novecentos e setenta e três, publicado em nome da Comissão Democráti-

ca do Recenseamento do Concelho de Sintra e editado pelos respectivos signatários, seja notificado, como representante de todos estes, de que, por não ter sido devidamente reconhecida nos termos do Art.º 2.º do Decreto-Lei n.º 39 660, de

20 de Maio de 1954, a referida Comissão funciona ilegalmente, sendo equiparada às associações secretas conforme o disposto no Art.º 6.º daquele Diploma, pelo que deve cessar imediatamente toda e qualquer actividade, sob cominação de

serem aplicadas, a quantos a dirigirem, administrarem ou por qualquer forma na sua actividade participarem, as sanções previstas no citado Art.º 6.º, considerando-se como crimes contra a segurança interna do Estado, nos termos

do parágrafo único deste Artigo (aditado pelo Decreto-Lei n.º 40 166, de 18 de Maio de 1955), as infrações que, no caso de inobservância do determinado na presente notificação venham a ser praticadas»

Aspectos da futurologia

O Instituto Alemão em Lisboa vai promover um ciclo de conferências sobre Futurologia, o qual se inicia amanhã, às 18 e 30, no auditório daquele organismo, com um trabalho do prof. Georg Nees, em alemão, sobre «Emergência, complexidade técnica e as possibilidades da Futurologia». A conferência será traduzida simultaneamente pelo dr. João Barrento, leitor-assistente da Faculdade de Letras de Lisboa.

PLENÁRIO CRIMINAL: SENTENÇA HOJE

Está marcada para as 17 horas de hoje a leitura da sentença dos cinco ex-militares acusados de filiação nas redes clandestinas de «O Comunista».

Os réus responderam por incitamento e auxílio à deserção e subtração de armamento do Exército, por propaganda oral e escrita contra «a chamada guerra colonial» e contra «o colonialismo português em África» e por outras actividades políticas e conspirativas no âmbito daquela organização que se propõe, como tarefa central, a formação dum Partido Comunista, segundo as declarações proferidas pelos arguidos perante o Plenário.

Conforme noticiámos, os arguidos negaram as actividades de que iam acusados, mas reconheceram a sua simpatia pela organização e pela teoria marxista-leninista. Assim, negaram que as armas e explosivos que a Direcção-Geral de Segurança apreendeu a alguns deles tivessem por destino quaisquer actos insurreccionais e violentos conducentes «a derrubar a Constituição e a forma de Governo».

É advogado dos réus o dr. Manuel Macaísta Malheiros.

alp



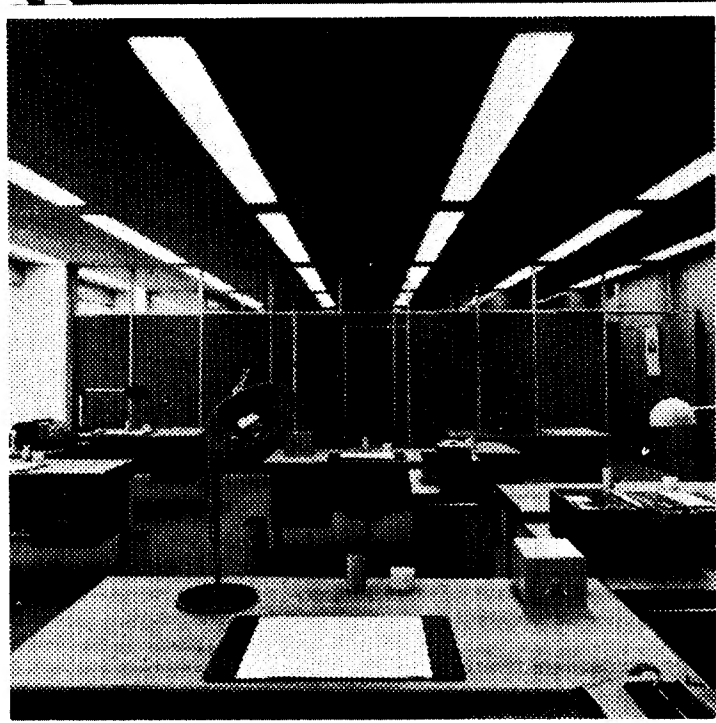
EDIFÍCIO CASTIL



UM EDIFÍCIO ABERTO AO RITMO DO TRABALHO

Invista no Edifício Castil

O EDIFÍCIO CASTIL edifício comercial de escritórios e lojas, possui aptidões especiais que dão o melhor ambiente ao trabalho e permitem maior racionalização dos seus percursos. Para investimento ou localização dos seus serviços visite o andar modelo de escritórios todos os dias úteis das 15 às 21 horas



SOCIEDADE DE GESTÃO IMOBILIÁRIA SARL departamento comercial edifício castil gavete das ruas Castilho, Braancamp 4.º piso, escritório E tel. 516.23

DL/GERAL



EXCURSÕES TURISMO

A RODARTE OFERECE-LHE A MAIOR SELECÇÃO DE VIAGENS NO PAÍS E ESTRANGEIRO EM AUTOCARROS DE GRANDE TURISMO

FALLAS DE VALÊNCIA

O maior acontecimento folclórico (Espanha)

De: 14 a 23 de Março (10 dias)

Preço: 4.750\$00 (Tudo incluído)

Alojamento no Hotel Alhambra (Valência)

(Quartos com banho)

— Inscrições limitadas —

ALGARVE

2 pousadas nesta viagem
Todos os fins-de-semana
Partidas (Sábados)
às 14,30 horas

Preços: 250\$00 — 650\$00

POUSADAS DE PORTUGAL

(Almoços Regionais)
Domingo — 4 de Março
Pousada de S. Maria
Marvão

NEVE

SERRA DA ESTRELA
Todos os fins-de-semana
Partidas (Sábados)
às 14,30 horas
Preços: 220\$00 — 600\$00

FÁTIMA E GRUTAS DE S. ANTÓNIO

Todos os Domingos
Preços: 100\$00 — 180\$00

BARCA D'ALVA AMENDOEIRAS EM FLOR (PAISAGENS DESLUMBRANTES)

Dias: 3 e 4 de Março

Visitando: Castelo Branco, Covilhã, Perhas da Saúde, Guarda, Almeida, Figueira de Castelo Rodrigo, Barca d'Alva, Freixo de Espada à Cinta, Moncorvo, Trancoso, Celorico da Beira, Coimbra, etc.

Preços: Tudo incluído: 750\$00 — Só viagem: 280\$00
Alojamento no Hotel de Turismo — Guarda

Programas, Inscrições e Informações na

AGÊNCIA DE VIAGENS RODARTE

Rua da Palma, 159-A — Telefones 860011-861214 — Lisboa

SECÇÕES:

Passaportes, passagens aéreas, Marítimas e C. Ferro, Reserva de Hotéis, Viagens individuais e colectivas

ou na sua agência de viagens

CARNAVAL

(Março)

Madrid — De 3 a 7
Sevilha — De 3 a 6
Algarve — De 4 a 6
S. Estrela — De 4 a 6
T. Vedras — Domingo e 3.^a
Sines — Domingo e 3.^a
Algarve — Domingo e 3.^a

BADAJOS E OLIVENÇA

Todos os Sábados

Preços: 220\$00 ou 400\$00

MISSA EM FÁTIMA

Todos os Domingos

Preços: 120\$00 — 200\$00

HOLANDA FLORIDA

De 15 a 30 de Abril

Preço: 8.800\$00

O HOMEM E O AMBIENTE EM EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA

Crianças brincando sobre detritos ou nadando no pântano; velhos dormindo entre caixotes de lixo; uma família comendo da malga comum, numa sala de jantar improvisada sobre bocados de madeira; mulheres lavando a roupa em frente das barracas, ao lado dos cães e das galinhas; gente (crianças também) procurando a comida no meio do lodo; fumo vermelho saindo de chaminés de fábricas para se espalhar sobre a cidade — são apenas algumas imagens da exposição fotográfica «O homem e o ambiente», inaugurada ontem à tarde na secção de Lisboa dos Engenheiros.

Mas, para recordar que o «ambiente» tem (ainda) coisas boas, aparecem imagens de campos verdes, gente reflectindo-se nas águas cristalinas do rio, e um barco flutuando numa paisagem de pôr do Sol. Estas imagens têm, porém, um aspecto quase irreal, em contraste com a nitidez crua das primeiras.

Cada um dos subtemas a que obedecia o concurso fotográfico permitia duas alternativas: o aspecto positivo e o negativo dos elementos. Mas a ver-

dade é que os concorrentes se mostraram muito mais impressionados por este segundo aspecto. Ou as pessoas são masoquistas ou, na realidade, estão rodeadas de coisas menos belas...

São palavras da Comissão de Engenharia Sanitária da Secção de Lisboa da Ordem dos Engenheiros, que organizou este concurso-exposição.

«A POLUIÇÃO DOS POBRES»

Muito se tem falado ultimamente, e a todos os níveis, sobre poluição. A palavra liga-se, pela força do hábito, a imagem do fumo que sai das chaminés de fábricas, ou do escape dos automóveis, dos peixes mortos no rio, da areia das praias escuras pela nafta.

Trata-se, no entanto, de simples aspectos do fenómeno poluição, aquilo a que a Comissão Sanitária chama «a poluição dos ricos». E em nome da solução urgente para esse problema que nos entra pelos olhos adentro, é fácil esquecer que os aspectos negativos da ligação do homem com o ambiente não se resumem a isso e que há poluição (a dos pobres) onde quer que existam bairros de lata, po-

voações sem água, vazadouros de lixo ou lixo sem vazadouros, sobre o qual milhares de pessoas enganam diariamente a sua existência.

Foi isso que a Comissão Sanitária quis lembrar e, ao organizar um concurso de fotografia, esqueceu a palavra poluição para fornecer aos candidatos cinco subtemas dentro do tema geral do homem em relação com o ambiente: o ar, a água, o solo, os alimentos e a habitação. Em Portugal.

«Desmistificar, objectiva e serenamente, é característico da fotografia; daí muita da sua força que, no caso, autoriza a esperança de algo se ter contribuído, desapaixonada e calmamente, para as demolições da miséria e do lixo e para as construções da dignidade e da higiene no povo a que pertencemos» — diz o catálogo.

Por outras palavras: houve um concurso de fotografias que não quis limitar-se a descobrir ou estimular «talentos fotográficos», mediante a competição e a entrega de prémios, e há uma exposição que não servirá apenas para cobrir paredes e ser vista por olhos distraídos e co-

mentada com o habitual «é muito válido». Pretende-se que as pessoas sejam sensibilizadas para determinado tipo de problemas que são seus, ainda que sejam de outras pessoas. E apenas um alerta, cuja força reside primariamente na imagem e secundariamente na palavra (frases e números que acompanham as fotografias, com função esclarecedora).

DIAPPOSITIVOS E CONFERÊNCIAS

A exposição ficará em Lisboa, na Secção Regional da Ordem dos Engenheiros, até ao próximo dia 10, sendo os prémios distribuídos no dia 2. De 22 de Março até 1 de Abril, estará patente na sede da Ordem dos Engenheiros, no Porto. Durante esse tempo, realizam-se naquela cidade duas conferências: uma sobre poluição e outra sobre fotografia. A exposição voltará mais tarde a Lisboa, não se sabendo ainda a sala em que estará patente ao grande público.

Entretanto, realizam-se na Secção Regional de Lisboa, nos dias 2 e 9, sessões de projecção de diapositivos relacionados com o tema.



somos os profissionais do segredo

EDUARDO FRANCO

CASA DOS COFRES E PORTAS-FORTES

Praceta Projectada, à Rua Sacadura Cabral,
Lote 3 — DAFUNDO

Telef. 21 58 87 - 63 93 58



Institut des Arts de Paris

promove no SHERATON HOTEL

CURSOS DE CULTURA FRANCESA

- ★ Educação Social da Mulher
- ★ Decoração de Interiores
- ★ Decoração Floral
- ★ Artes Decorativas
- ★ Relações Públicas

★ Secretariado

Início a 7 de Março — Inscrições no Sheraton

Novo professor de Medicina Interna

Na reitoria da Universidade de Lisboa terminaram as provas para provimento de um lugar de professor extraordinário do 6.º Grupo (Medicina Interna) da Faculdade de Medicina, tendo sido aprovados todos os candidatos em mérito absoluto e em mérito relativo, pela seguinte ordem: prof. Pinto Correia, prof. Sequerra Amram, prof. Nogueira da Costa, prof. Sales Luís e prof. Magalhães Colaço. A vaga será preenchida pelo prof. Pinto Correia.

O prof. José Pinto Correia, que tem 41 anos de idade e é natural de Tremês, Santarém, foi 1.º assistente da Faculdade de Medicina Interna na Faculdade de Medicina, até que em Maio de 1968 prestou provas de agregado em Medicina Interna da mesma Faculdade, tendo ao abrigo da recente legislação passado a exercer funções idênticas às de professor extraordinário. Em 1970 foi eleito presidente da Sociedade Portuguesa de Educação Médica (Secção da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa). É autor de cerca de 50 trabalhos publicados sobre problemas da profissão médica.

Assembleia Geral dos Bancários

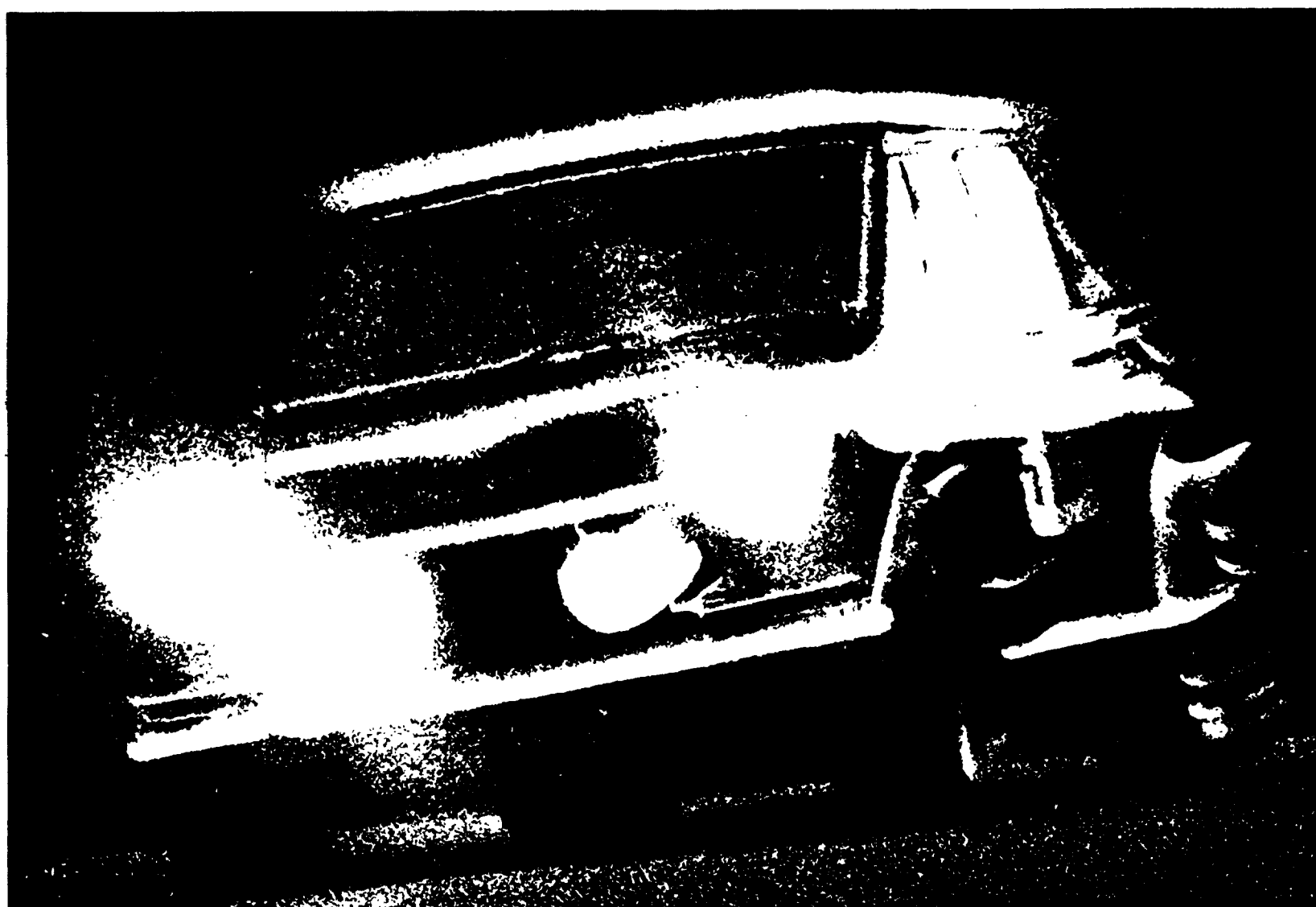
Na Voz do Operário, decorre esta noite uma assembleia geral do Sindicato Nacional dos Bancários do Distrito de Lisboa destinada à apreciação, discussão e votação do relatório e das Contas da Direcção referentes ao exercício de 1972.

Nova edição da Imprensa Nacional

Efectuou-se na Livraria do Estado uma cerimónia para apresentação da nova edição do livro «História de Portugal nos Séculos XVII e XVIII», da autoria de Luis A. Rebelo da Silva. Presentes, além de numerosas personalidades ligadas à vida literária, o dr. Duarte Ivo Cruz, vice-presidente do Secretariado da Juventude; dr. Clemente Rogeiro, presidente da direcção da Emissora Nacional; professores universitários e outras personalidades.

Usaram da palavra os dres. Ruben Andresen Leitão e Jorge Borges de Macedo, que salientaram o significado cultural da obra, editada pela Imprensa Nacional — Casa da Moeda.

LEIA motor



A QUALIDADE MABOR TAMBÉM JÁ CONVENCEU OS CONSAGRADOS!

Depois do Campeonato Nacional de Rallies de 1972
a MABOR volta a situar-se vitoriosa

Rally das Camélias

VENCEDOR ABSOLUTO

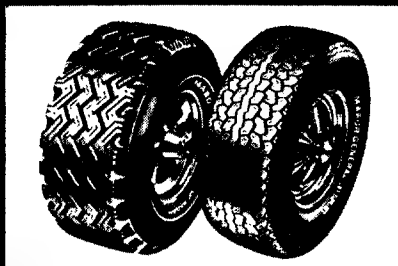
Luis Neto / Manuel Coentro

2º CLASSIFICADO

Mário Figueiredo / Carlos Barata

Mais de 50% dos concorrentes à partida com

WINTER CLEAT RADAN e JET SPORT



Siga o exemplo de quem sabe!

DL/ESTRANGEIRO

ELEIÇÕES FRANCESAS NO DOMINGO

Sem o apoio dos reformadores Pompidou não poderá governar

PARIS, 27 (Por José Gabriel Viegas, correspondente do «DL»). A cinco dias da primeira volta das eleições legislativas, a principal incógnita continua a ser a atitude que tomará o presidente Pompidou, no caso de um recuo importante dos partidos da actual maioria governamental. Recuo que beneficiará, essencialmente, ou a esquerda não comunista ou o Grupo Reformador. O Partido comunista, com 19 a 20 por cento das intenções de voto, terá alcançado o máximo da sua cotação junto do eleitorado.

são indícios de uma nova distribuição das cartas depois do dia onze de Março. A hipótese de constituição de um governo reunindo uma parte dos Gaullistas, Republicanos Independentes e os Centristas ou Reformadores, parece cada vez mais plausível.

das primeiras), novo recurso ao sufrágio universal sob a forma de um referendo ou de uma eleição presidencial. Mas nada indica que tal sejam efectivamente as intenções de Georges Pompidou. Com efeito, a sua táctica tem consistido até agora em deixar pairar a dúvida

Tomemos o exemplo seguinte: na primeira volta, o candidato que mais votos recolhe é um gaullista, seguido por um Comunista, um Radical, um socialista e um centrista. Radicais e Socialistas desistem a favor do Comunista, que, adicionando os resultados precedentes, deveria ganhar. Mas, em muitos casos o comportamento do eleitorado será diferente, o que ninguém ignora. Em primeiro lugar os eleitores reformadores nunca votarão num comunista no caso de um duelo entre comunistas e gaullistas. Em segundo, uma parte das pessoas que afirmam ter a intenção de votar pelos radicais ou socialistas no primeiro turno, declaram que se absterão ou votarão contra o candidato comunista no segundo. Ao contrário, um candidato socialista reuniria os votos socialistas radicais e comunistas e beneficiaria também de uma parte dos votos reformadores. O que significa que em muitos

JOSÉ GABRIEL VIEGAS
correspondente do «DL» em Paris

O QUE FARÁ POMPIDOU?

A dinâmica do sucesso, a qual beneficiou de início a União da Esquerda, reverte a gora a favor dos reformadores, cuja credibilidade aparece reforçada. Conhecido o gosto dos franceses por «votar útilmente», não seria de estranhar uma surpresa quanto ao número de votos que recolherão os reformadores.

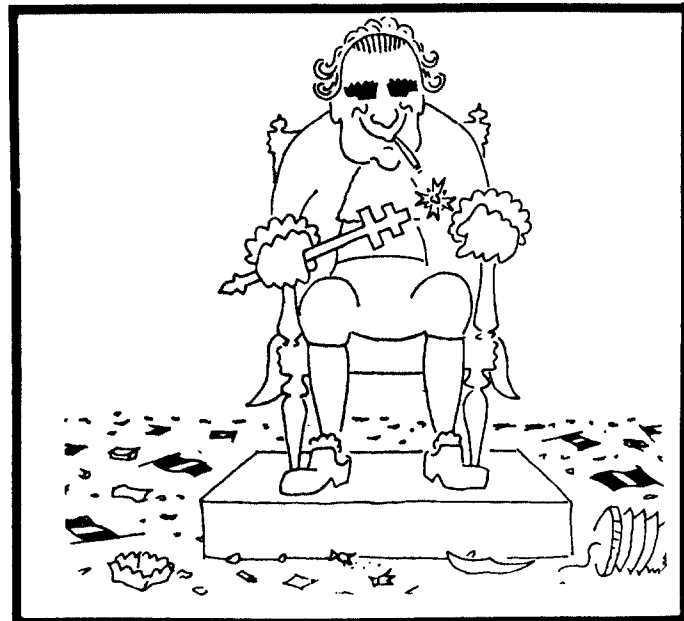
Talvez por isso, Alain Peyrefitte, secretário geral da U.D.R., tentou pôr um travão a esse movimento na direcção do centro. Fazendo uma distinção entre eleitorado e partidos, o líder gaullista declarou nada ter contra os leitores reformadores, que nada separaria dos partidos governamentais, mas recusou um acordo com os seus dirigentes. Se esta tomada de posição reflecte as intenções do Presidente da República, significa que no caso de uma derrota da coligação governamental Georges Pompidou constituirá um gabinete minoritário de fazer aprovar leis, dissolução da Assembleia, novas eleições (cujos resultados podem confirmar ou mesmo acentuar os resultados

sobre a atitude que tomará, excepto no caso de uma nítida vitória da esquerda. Solidariando-se com a maioria governamental, mas tomando as suas distâncias em relação aos líderes dos movimentos que a compõem, Georges Pompidou parece essencialmente preocupado em manter, como ele próprio disse, as mãos livres.

RETICÊNCIAS DO ELEITORADO SOCIALISTA E RADICAL

Resta também saber qual será a segunda volta de escrutínio, a atitude do Partido Comunista — que, a seu modo, é outro árbitro da vida política francesa.

Como as eleições francesas se efectuam em dois turnos, no caso de no primeiro nenhum dos candidatos em presença ter obtido a maioria absoluta dos votos, o jogo das desistências tem uma importância primordial. Socialistas, Radicais e Comunistas assinaram um acordo estipulando que as suas formações desistirão e farão campanha no segundo turno a favor do candidato melhor colocado na primeira votação.



As eleições para a Assembleia Nacional serão o fim de festa do mediocre reinado de Pompidou?

casos não é o candidato aritméticamente melhor colocado que tem mais possibilidades de triunfar, mas o que pode contar com a aprovação ou a oposição do maior número possível de tendências.

Até domingo as sondagens vão suceder-se, mas nenhum

prognóstico poderá ser avançado com segurança. É sintomático que, do outro lado da Mancha, os ingleses estivessem ontem a fazer apostas sobre as eleições francesas na proporção de quatro apostas pela vitória da esquerda e cinco pela vitória das direitas.

Paris em mudança

-Reflexões sobre a Campanha Eleitoral

Encurtam-se as horas que nos separam de duas datas decisivas da década de 70: os dias 4 e 11 de Março. Da vitória, previsível, mas incerta, da Unidade Popular no Chile e da posição que a União das Esquerdas virá a obter no Parlamento fran-

cês dependem não só a evolução política da Europa, com todas as suas incidências mundiais, como o avanço (ou o recuo, ainda que temporário, na pior hipótese) da marcha — em curso — da América Latina para a sua efectiva independência política e económica e para formas de socialismo determinadas pelas peculiares condições objectivas e subjectivas de cada país.

Chego de Paris e, ainda com um pé na varanda do Inverno, que lá deixei desfeito em chuva e névoa, olho, com estranheza, este quieto — à superfície — luminoso e quase quente Fevereiro de Lisboa. E reflito. Já a 16 do corrente o *Monde* nos dava conta de que muitas das circunscrições da região parisiense tradicionalmente ligadas ao grupo ainda conhecido por «maioria» resvalam para a União Popular. É, por exemplo, o caso dos «Hauts de Seine», até aqui uma espécie de feudo da U. D. R. (dez deputados em treze) que se encontra (cito *Le Monde*) ameaçado pelo assalto do P. C. F. e pela renovação do Partido Socialista. E isto é uma gota de água no oceano.

Sabe-se como vota a «cintura vermelha» de Paris (os operários e empregados de casa-emprego-casa, que suportam o esforço de crescimento económico da França); sabe-se mesmo como se perde o grosso dessa opção numericamente gigantesca nos alçapões da lei eleitoral.

Em 1967, o P. C. F. obteve cinco milhões de sufrágios, mas não havia mobilização de esperanças com vista ao acesso ao poder, melhor, ao Governo.

Num importante artigo pu-

blicado muito recentemente em *Le Monde*, François Mitterrand, o homem político hoje mais «desejado» por quase todos os partidos em França, expôs, para um certo público que decerto conhece já bem o Programa Comum, mas insiste ainda na existência de diver-

Do
nosso enviado
especial
**URBANO
TAVARES
RODRIGUES**

gências subjacentes e precisa de ver bem claros os pontos em cima dos ii, o que pensa dos «novos comunistas». Eis alguns parágrafos elucidativos: «O P. C. F., se é certo que não deseja pôr em causa o papel histórico dirigente da classe operária, não desdenha contudo o rápido crescimento de camadas sócio-profissionais cada vez mais submetidas à exploração capitalista. Simplesmente, considera (basta lembrar os termos de Georges Marchais no XIX Congresso do P. C. F.) que o conjunto dos «intelectuais» e a classe operária não constituem uma massa integrada e que assim será ainda por muito tempo. É certo que os novos comunistas mantêm fechada essa janela, mas olham através da vidraça. E não há dúvida de que me «encontro», em muitos pontos com esses novos

DIRECTOR

ADMINISTRATIVO-FINANCEIRO

Somos uma Empresa de características comerciais, em permanente expansão, de sólida reputação no nosso País e ligada a importante grupo alemão. A responsabilidade do lugar e o nível das funções a exercer exigem que os candidatos sejam, de preferência, licenciados em Economia ou Finanças. Devem ter entre 28 e 35 anos de idade e experiência profissional de chefia de serviços administrativos e financeiros. O candidato escolhido terá oportunidade de receber formação específica dentro da Empresa e auferirá vencimento compatível.

As respostas, acompanhadas de currículos escolar e profissional, devem ser dirigidas ao n.º 745 deste Jornal. Garantimos confidencialidade e asseguramos devolução ou resposta a todas as cartas recebidas.



3

Por NICOLE BERNHEIM

Enquanto prossegue, no norte da Irlanda, a guerrilha entre católicos, protestantes e militares, alguns elementos moderados tentam encetar o diálogo entre as duas comunidades inimigas. William Whitelaw, secretário de Estado britânico para a Irlanda do Norte, apoia-se neles, com vista à tarefa de reconciliação que empreende com habilidade e firmeza.

O SUBTIL JOGO DO SUL

DUBLIN — No câmbio rápido e confortável que liga Belfast a Dublin, é perante a primeira estação intacta que nos apercebemos de que passamos, verdadeiramente, a fronteira. Um pouco mais longe, uma fila de estufas de vidros refulgentes asseguram-nos que ultrapassamos a «frente». Os campos da República da Irlanda respiram algo de sereno, de vivo, com a roupa a corar batida do vento, as crianças que brincam nos pátios das quintas, os grupos de caçadores, nos campos, com os cães, que saltam à volta dos donos. Falar-se-ia de prosperidade se o rendimento anual «per capita» não fosse mais baixo do que nos seis condados do Ulster (435 libras contra 548, em 1970).

Dublin vibra ainda com o deflagrar das bombas que, no dia 2 de Dezembro, na altura em que o «Dail» (Parlamento) hesitava em votar a lei anti-IRA proposta por Lynch, mataram duas pessoas e feriram uma centena de outras. A semana que se seguiu foi coroada de falsos alertas a avisar da existência de bombas até aos cinquenta por dia — e a maior parte dos edifícios recebeu a visita dos «gentlemen» atléticos e desportivos de sentido de humor que são os membros das secções especiais da Polícia encarregada da luta contra o terrorismo.

Seja por um velho conhecimento dos métodos do IRA seja por uma certa falta de complexos perante as exigências da segurança pública, o caso é que sempre nos pareceu que os métodos de manutenção da ordem, em Dublin, eram mais rigorosos do que em Belfast, embora menos espectaculares. No aeroporto, a revista das malas era minuciosa e a das bagagens de mão dupla: primeiro, à entrada do edifício, a seguir, na passagem pela Alfândega.

No entanto, ao contrário do que tinha sido previsto, à votação da lei reprimindo as actividades das organizações ilegais não se seguiu qualquer detenção imediata. Foram necessárias perto de duas semanas para que quatro suspeitos fossem presos na fronteira com o Ulster. Nessa altura, os chefes identificados do «Sinn Féin» «provisório», organização política legal mas cujos laços com o IRA são conhecidos, ainda não tinham sido incomodados. A prisão de Rory O'Brady — que se fazia também chamar pelo seu nome irlandês de Ruari O'Brady — Presidente do «Sinn Féin», só se verificou em 30 de Dezembro, depois de

um carro armadilhado ter feito mais dois mortos na cidadezinha de Belturbet, perto da fronteira com o Ulster.

UM PAÍS ESTRANGEIRO

A atitude dos irlandeses do Sul perante os acontecimentos do Norte é complexa. A grande maioria opõe-se aos métodos brutais dos «provisórios», embora se mantenha a recordação dos grandes feitos do passado do IRA: no fim de contas, a maior parte dos responsáveis políticos actuais descende, em linha recta, dos bombistas que prepararam a independência, em 1916. Mas também das duas acções, uma favorável ao tratado de 1921 com a Grã-Bretanha, a outra hostil, que se enfrentaram, em 1922 e 1923, numa terrível guerra civil.

Manifestou-se aqui, em 1968, uma viva simpatia pelos católicos do Norte e pelo movimento dos direitos cívicos. Mas as exações do IRA, a intervenção das tropas britânicas e os perigos do «protestant backlash» desviaram, pouco a pouco, a população da República de um apoio incondicional aos católicos do Ulster. O tradicional sentimento anti-britânico também cedeu o lugar a uma interpretação mais subtil da situação. Esta situação foi precipitada por um factor completamente novo na história da agitação irlandesa: pela primeira vez, o cidadão médio pode, graças à televisão, ver, de perto, o efeito dos atentados do IRA e repressão do Exército. Foi o desfile ameaçador dos activistas protestantes, com as suas máscaras e olhos escuros. Isto explica, em grande parte, garantiram-nos vários interlocutores, o medo da extinção do terrorismo ao Sul e o apoio popular de que Jack Lynch beneficiou quando fez votar a lei anti-IRA.

Na realidade, para a maior parte dos cidadãos da República da Irlanda, o Ulster é um país estrangeiro, de que se sentem separados por um intrincado conjunto de atitudes mentais. Nunca se verificou grande intercâmbio entre as duas partes da ilha, a não ser comercial. Quando muito a entrada ao serviço do comboio rápido Dublin-Belfast incita, actualmente, os habitantes daquela primeira cidade a irem fazer as suas compras à capital do Ulster, onde se abastece de certos produtos ingleses: por exemplo, de anticoncepcionais, cuja venda continua a ser proibida na República. De um lado e outro, cultivam-se, de boa vontade, os estereótipos e o cidadão médio do Norte considera as gentes do Sul como

retrogradas, provincianas e perigosamente enfeudadas a Roma; em contrapartida, os tradicionalistas da República vêem os habitantes de Belfast presa da abominável sociedade de tolerância inglesa...

O primeiro ministro, Jack Lynch, passa, a justo título, por um homem que não dá um passo sem ter a certeza de ter o apoio da opinião pública: os seus opositores têm-lhe censurado a sua demasiada prudência e o facto de impedir uma mais rápida evolução social e económica do país. Mas, assim procedendo, Jack Lynch toma lugar entre os conciliadores possíveis entre as duas comunidades, que se dilaceram no Norte. Bem vistas as coisas, pode muito bem fazer notar que os 5 por cento de protestantes com que conta a República gozam de todos os direitos dos cidadãos irlandeses, naqueles se incluindo os descendentes dos grandes colonos ingleses que monopolizam, outrora, as melhores terras da ilha. Não participou um certo número de protestantes na guerra de independência contra os ingleses? Não pertence o vice-primeiro ministro, Childers, à religião reformada? Não teve Dublin, há uns anos, um presidente da Câmara judeu?

Uns das actuais preocupações de Jack Lynch parece ser modificar a «imagem de marca» do seu país. Não só aos olhos dos habitantes do Ulster mas também aos dos ingleses e dos membros da Comunidade Europeia. Os 83 por cento de votos a favor da adesão ao Mercado Comum, na Primavera do ano passado, surpreenderam, agradavelmente, todos quantos se obstinam em ver na República um pequeno Estado rural, sem ambições económicas; a de alteração do artigo 44 da Constituição, abolindo o estatuto especial da Igreja Católica, embora desprovida de alcance prático e apesar da alta percentagem de abstenções, era destinada a provar aos protestantes e aos parceiros europeus que o «papismo» irlandês não é hoje mais do que uma lenda.

Jack Lynch será, aliás, ajudado neste último ponto pela evolução de uma parte do clero. Se determinados membros da hierarquia, como o bispo de Cork, recusam tal evolução, o cardeal Conway, primaz da Irlanda, passa por ser bastante liberal. O que não impede que uma boa parte do pequeno clero rural não tenha «compreendido bem o significado do Vaticano II», conforme nos afirmou, com prudência, um dominicano progressista.

O Governo de Jack Lynch mantém-se particularmente prudente no capítulo da reunificação. Por um lado, porque nenhuma vontade tem de ser o herdeiro de uma situação explosiva: por outro, porque os Governos irlandeses nunca deixaram de afirmar, desde 1921, que não aceitariam a eventualidade de uma reunificação da ilha a



Incidentes numa rua de Londonderry

O PROGRESSO ECONÓMICO

não ser que a maioria da população do Norte — os dois terços de protestantes incluídos — manifestasse, expressamente, esse desejo.

De facto, são muitos os responsáveis republicanos a pensar, tal como certos moderados do Norte, que a reunificação se fará pouco a pouco, e, sem dúvida, a longo prazo, através da integração económica. A entrada simultânea das duas Irlandas na Comunidade Europeia surge-lhes já como um primeiro passo naquela direcção. Enquanto espera, Dublin deseja multiplicar os órgãos consultivos que já existem em Belfast, em alguns sectores muito limitados, em particular na indústria hidro-eléctrica, na exploração de certas linhas de caminhos de ferro... e no rugby de quinze. Daí que a criação de um «Council of Ireland», que poderá ser anunciada no Livro de William Whitelaw, seja aguardada com uma certa impaciência.

Aquele «Conselho da Irlanda», que não será, bem entendido, mais do que consultivo e se verá limitado a sectores de ordem sobretudo económica e social, poderá ser o primeiro órgão bipartido capaz de reunir, a alto nível, os homens de boa vontade das duas Irlandas.

Os esforços de Jack Lynch no sentido de conciliar os favores do Governo britânico dos protestantes do Ulster e dos católicos moderados do Sul, permitem-lhe desempenhar, com eficácia, este papel de «unificador» da Irlanda com que, sem dúvida sonha?

Os responsáveis pela política económica dividem-se, em linhas gerais, em duas categorias: os pessimistas pensam que é inútil todo aquele subtil jogo e que a publicação do Livro Branco, de William Whitelaw, que poderá anunciar a «morte» definitiva do Parlamento e da constituição do Conselho da Irlanda, provocará uma violenta reacção dos protestantes. Há quem não hesite em prognosticar uma guerra civil «do tipo Briafrá», que poderá terminar por um novo traçado da fronteira. O Ulster, amputado de alguns dos seus condados, tornar-se-ia num enclave pro-britânico, puramente protestante, no território da Irlanda.

Os optimistas, entre os quais se encontram muitos dos responsáveis pela economia, esperam muito do Mercado Comum que, pensam eles, permitirá uma nova expansão da indústria e da agricultura irlandesa, ajudará a absorver o desemprego, favorecerá os investimentos estrangeiros.

Ao mesmo tempo que se anuncia a instalação de uma fábrica norueguesa em Londonderry, tem-se conhecimento de que quatro mil famílias irlandesas — vinte mil pessoas — imigradas em Inglaterra, se teriam reinstalado, em 1971, no território da República. Pela primeira vez, de há um século a esta parte, informou-nos Donald Nevin, secretário geral adjunto do «Irish Congress» os Tra-

de-Unions», a imigração cessou no Sul e a população mostra tendência a aumentar.

A subida do nível de vida, no Sul, os consideráveis investimentos de Londres, no Norte, bastarão para desencorajar o activismo? Ou verificar-se-á o caso de a subtil partida jogada por William Whitelaw e Jack Lynch vir a ser ultrapassada pelos extremistas dos dois campos?

Aguardar-se-á o Exército britânico por muito tempo, entre os «dois fogos», recentemente denunciados por Wilson? E se se verificar o «protestant backlash», combatê-lo-á ele com a mesma determinação com que combateu o IRA? Que acontecerá se a opinião pública britânica de cansar, realmente, desta guerra sem fim e exigir o repatriamento do Exército, como o anunciou, por diversas vezes, o chefe da oposição trabalhista em Londres?

Estas angustiantes perguntas continuam, por enquanto, sem resposta. Mas dois factos recentes indicam que já é tempo de se encontrar uma solução política para a crise: segundo uma sondagem efectuada pela comissão de relações intercomunitárias do Ulster, 65 por cento dos liceus protestantes da Irlanda do Norte, e 58 por cento dos católicos aprovam o recurso à violência.

Em Dezembro, uma patrulha militar descobriu numa casa de um bairro católico de Belfast, três adolescentes a fabricarem bombas de pregos. O «instrutor» tinha catorze anos...

FIM

DL/ESTRANGEIRO

Lanusse renuncia ao poder se não houver eleições

MADRID, 27 (F.P.) — O general Alexandre Lanusse, presidente da República argentina, anunciou segunda-feira à noite que abandonará o poder na hipótese, que lhe parece altamente improvável, de não se realizarem as eleições previstas para 11 de Março.

«Não sei a quem passaria o poder nesta hipótese, mas o que sei é que deixaria o meu cargo», afirmou à imprensa. E recordou solenemente o compromisso assumido pelas Forças Armadas de fazer com que a Argenti-

na regressasse à vida constitucional normal, insistindo na sua própria decisão de entregar em 25 de Maio o Governo ao presidente designado pelo sufrágio universal.

Deu claramente a entender que o Governo não tolerará que o ex-presidente Juan Domingo Peron resida agora na Argentina. Se puser pé em solo argentino, terá de o abandonar imediatamente.

Como lhe perguntassem como explica a popularidade e a influência persistentes do Movi-

mento Justicialista de Peron na Argentina, Lanusse atribuiu-as «a ausência de estabilidade» depois da «fuga» de Peron em Setembro de 1955.

O general Lanusse criticou indirectamente Peron por não haver dado aos restos mortais da sua segunda mulher, Levita Duarte, antigo ídolo das classes populares argentinas, uma sepultura depois de o corpo lhe ter sido restituído no fim do Verão de 1971.

«De acordo com as minhas informações — disse — os res-

tos dessa senhora continuam na casa onde Peron vive habitualmente com sua terceira mulher (Isabel Martinez). Lanusse destruiu, assim, a versão de que o corpo de Eva Peron teria sido depositado há meses na cripta de uma igreja madrilena.

PERON ESPERA UMA VOTAÇÃO EM MASSA NO PERONISMO

PARIS, 27 (UPI/ANI) — O antigo presidente Juan Peron declarou que a Argentina votará em massa no peronismo, nas eleições de 11 de Março.

Numa entrevista concedida ao jornal parisiense «Le Monde», Peron afirmou:

«Não haverá segundo escrutínio. Em 11 de Março, os argentinos votarão solidamente no peronismo, estou convencido disso».

Peron, que se encontra num hotel de Paris, pediu também a formação da comunidade latino-americana e sublinhou: «A América Latina do ano 2000 estará unida ou dominada».

Continuou Peron: «Toda a América Latina deverá autoliberar-se e auto-integrar-se num mundo que não será dependente de qualquer imperialismo».

A pergunta sobre as declarações de que caso fosse mais novo cinquenta anos talvez lançasse bombas, Peron respondeu: «Eu estou mais velho cinquenta anos e contra isso nada posso fazer».

Quanto ao seu breve regresso à Argentina, o antigo presidente afirmou: «Quis dar a minha contribuição para a reconciliação da Argentina».

Mao estuda inglês - revela Kissinger

NOVA IORQUE, 27 (UPI-ANI) — O presidente Mao Tse-Tung, da República Popular da China, está a estudar inglês — revelou o conselheiro presidencial, Henry Kissinger, numa entrevista concedida à televisão da NBC.

Recusando-se embora a divulgar o teor da conversa que teve com Mao, quando visitou Pequim no princípio do mês, Kissinger disse que o chefe do Partido Comunista Chinês parece de «extrema boa saúde, alerta e vivaz».

O seu encontro com Mao — prosseguiu Kissinger — teve lugar no gabinete de trabalho do presidente, que é «muito simples, com livros por todo o lado, e onde se respira uma atmosfera cordial».

«E um homem muito poderoso — afirmou Kissinger. — Aquela espécie de homem que domina uma sala apenas com a sua presença».

«Os livros estão todos escritos em chinês, embora se afirme que ele está a aprender inglês. Na verdade, empregou algumas expressões inglesas».

O conselheiro presidencial norte-americano declarou que as relações entre os Estados Unidos e a China começaram do nada, em 1971.

«Eu não fazia nenhuma ideia, quando me desloquei a Pequim, em 1971, do que ali poderia encontrar ou sobre o que poderia falar» — acrescentou.

Manifestações em Berlim



A condenação do advogado Horst Mahler a 12 anos de cadeia pela sua ligação à organização ilegal conhecida pelo nome de «Grupo Baader-Meinhof», provocou algumas manifestações de protesto em Berlim Ocidental. Bandeiras com dizeres foram estendidas de um lado ao outro de uma rua e a polícia interveio. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

Funcionários públicos ingleses: primeira greve

LONDRES, 27 (R.) — As carreiras das linhas aéreas foram hoje afectadas durante quando funcionários civis britânicos realizaram a sua primeira greve nacional oficial da história do país.

Funcionários alfandegários e dos serviços de imigração não se apresentaram ao serviço nos portos e aeroportos, enquanto que o pessoal que auxilia os controladores do tráfego aéreo não foi trabalhar.

Um informador da alfândega disse que a greve deixaria os portos «completamente abertos aos contrabandistas».

Mais de metade das carreiras aéreas do continente europeu, cujos aviões deviam chegar esta manhã, foram canceladas.

Entretanto, tomaram-se medidas, dependendo principalmente da honestidade dos viajantes, para que não se aproveitasse a situação e se faça contrabando em grande escala.

A greve dos funcionários civis é contra a política do Governo, a seguir à publicação de um documento apresentando a proposta segunda fase das restrições de preços e salários da campanha anti-inflacionista do gabinete conservador.

"Missão Impossível": 14 técnicos mortos

LOS ANGELES, (Califórnia), 27 (UPI-ANI) — O jornalista Lowell Ponte declara que um grupo de sabotadores do género «Missão Impossível» deve ser o responsável pela morte de 14 peritos nucleares franceses.

«Missão Impossível» é uma série da televisão norte-americana, na qual os agentes secretos utilizam em grande escala os mais modernos métodos tecnológicos.

Esgrevendo na cadeia de jornais «McNaugh», Ponte afirma: «Uma série de mortes misteriosas arruina os esforços dos franceses para desenvolver a sua força nuclear independente, série essa que sugere sabotagem».

Cita os casos do general Charles Ailleret, que dirigiu as primeiras experiências nucleares francesas, morto em 1968 quando o avião em que seguia foi de encontro a uma montanha da ilha de Reunião, situada no Oceano Índico, junto da costa de África, e de 13 peritos de armamento atómico e especialistas nucleares, mortos em 1971 quando um avião da Força Aérea francesa se despenhou

perto de Aubenas, em França.

«Será uma coincidência que pelo menos 14 dos mais distintos peritos nucleares franceses tenham morrido violentamente em acidentes de avião inexplicáveis, nos últimos cinco anos?» pergunta Ponte.

«Tudo isto já teria parecido improvável se os aparelhos em questão fossem aviões comerciais, mas eram aviões designados pelo Governo e encarregados de transportar as pessoas mais importantes do país. Tinham os melhores pilotos e as melhores condições de segurança».

Ponte declara que «qualquer país interessado em atrasar o programa nuclear francês» tem um motivo para sabotagem.

«Estes acidentes têm o aspecto de um trabalho da «Missão Impossível» — continua.

Até 1969, Ponte foi especialista em política nuclear da NATO, na Associação Internacional de Pesquisa e Tecnologia, uma empresa consultiva de Washington.

CALEIDOSCÓPIO

PRESSÃO DA ONU — A Comissão de Sanções do Conselho de Segurança decidiu exercer pressão sobre os armadores de países estrangeiros que transportam minério de cromo e outros produtos estratégicos da Rodésia para os Estados Unidos — anuncia a ONU. A comissão pediu ao secretário-geral, Kurt Waldheim, que entre em contacto com os Górnios desses armadores — Grécia, Noruega, Holanda, Inglaterra, África do Sul, Itália e Alemanha Ocidental — e lhes chame a atenção para o facto de navios com as suas bandeiras terem feito no ano passado transporte desse género. (UPI e ANI).

ADVERSÁRIOS INSEPARÁVEIS — A princesa Ana e o tenente Mark Philips tornaram-se inseparáveis. Ontem passaram outra vez o dia juntos. Treinaram-se durante horas em Warkfield (perto de Windsor) preparando-se para as próximas competições hípcas. Farão o mesmo nos próximos dias. No entanto, nenhum deles esquece que serão adversários no próximo concurso a realizar para o mês que vem em Cirencester (Gloucestershire). Neste concurso o tenente Philips montará «Colymbus», um cavalo da rainha. (FP).

SENADOR TURCO CONDENADO — Um tribunal de Nice condenou o senador turco Kudret Bayhan a 15 anos de prisão por ter introduzido estupefacientes em França. O seu motorista, Ibrahim Ikier, foi conde-

nado à mesma pena. Os dois foram também condenados a multa no total de 2 980 000 francos. O senador e o motorista foram presos em Março do ano passado no posto fronteiriço de Menton, depois de no seu automóvel terem sido encontrados escondidos 146 quilos de morfina. (UPI e ANI).

ELEIÇÕES NA COREIA DO SUL — Cerca de quinze milhões de sul-coreanos são hoje chamados às urnas para eleger 146 dos 219 membros da Assembleia Nacional. A oposição que compreende dois partidos, pede aos leitores que votem por uma «democracia autêntica», denunciando, implicitamente, as recentes emendas à Constituição feitas pelo presidente Park Chung Hee depois de dissolver o Parlamento. O Governo, que apela para a estabilidade, deve manter o domínio da nova câmara, pois o presidente Park, que acaba de ser eleito para um novo mandato de seis anos, tem o poder de nomear um terço dos deputados. (FP).

«AGULHEIROS DO CÉU» AINDA EM GREVE — O tráfego aéreo voltou a funcionar, parcialmente embora, nos aeroportos franceses durante o dia de hoje. Isto devido à entrada em vigor do plano «Clement Morot» ou seja o utilização dos controladores militares da navegação aérea em substituição dos controladores civis — os «Agulheiros do Céu» — em greve há sete dias. Segundo o Ministério da Defesa, os militares

tinham assegurado o controle de 260 voos em todo o território nacional até às 16 horas de hoje. (FP).

OBRA DOS TUPAMAROS — Dois homens armados de metralhadora mataram um guarda que se encontrava à porta da residência do antigo ministro uruguaio do Interior Alejandro Rivera — anunciou a Polícia, acrescentando que um dos atacantes foi capturado. De acordo com as autoridades, tudo indica tratar-se de obra dos guerrilheiros tupamaros. (UPI e ANI).

CAMISAS POR MEDIDA

O seu género a seu gosto
Hirondelle
R. Pedro Nunes, 39
(Ao - SALDANHA)

Dentes Postiços que se soitam não

necessitam causar vergonha. Muitos portadores de dentaduras postiças têm sofrido verdadeiros aborrecimentos, porque a placa calu, soltou-se ou moveu-se justamente no momento menos indicado. Não viva no constante receio de que isto lhe possa acontecer. Polvilhe a sua placa APENAS com um pouco de DENTOFIX. Ampara os dentes postiços mais firmemente, de modo que os mesmos proporcionam maior conforto. Não magoa. DENTOFIX elimina o mau hálito das dentaduras. Peça DENTOFIX em qualquer farmácia, drogaria ou perfumaria.

DL/ESTRANGEIRO

Primeiros ataques aéreos na Rodésia

SALISBURY, 27 (R.) Jactos da Força Aérea rodésiana desencadearam um ataque com foguetões contra bases suspeitas de guerrilheiros na área de Centenary, ao norte, que tem fronteira com a província portuguesa de Moçambique, segundo revelaram hoje nesta cidade fontes habitualmente fidedignas.

Não havia confirmação oficial dos ataques que, de acordo com as mesmas fontes, foram efectuados por jactos Vampire durante o fim da semana.

Seriam os primeiros ataques aéreos num distrito que tem sido o ponto focal de actividade cada vez maior de guerrilheiros desde que a herdade de um branco foi assaltada antes do Natal.

Ao todo foram assaltadas quatro herdades na área produtora de tabaco, habitada por brancos, e em dois dos ataques foram mortos uma mulher branca de meia idade, e um visitante da Grã-Bretanha, de 72 anos.

As notícias dos ataques aéreos coincidem com uma comunicação do Ministério da Defesa dizendo que as autoridades tinham localizado os destroços de um helicóptero da Força Aérea, com os dois tripulantes mortos, na reserva de caça de Ruya, na fronteira nordeste da Rodésia com Moçambique.

A identidade dos tripulantes foi indicada como sendo tenente-aviador J. R. Smart, de 27 anos, natural da Grã-Bretanha, e sargento K. Smithdorf, de 28

anos, nascido na Rodésia, ambos solteiros.

Um comunicado oficial revelava que o local do desastre fora ao norte da rota planeada do helicóptero num voo através do país. Foi estabelecida uma junta de inquérito para investigar a causa do acidente.

Entretanto, na mesma área, os teimosos homens da tribo Tangwena da Rodésia voltaram de novo à sua terra ancestral, o rancho Gaeresi, pertencente a brancos, do qual foram expulsos no ano passado, segundo afirmou ontem um informador de uma cooperativa agrícola junto dessa zona.

Disse ainda que um destacamento da Polícia, que guardava

a disputada área, partira no mês passado, a seguir ao recrudescimento da actividade de guerrilheiros no distrito de Centenary.

«Desde então, os 300 elementos da tribo têm descido gradualmente das colinas e voltado a construir cabanas e a sementear colheitas» — acrescentou.

A disputa do Governo com os intransigentes Tangwenas data de 1966 quando a tribo recebeu ordem para sair do rancho e seguir para uma área de reserva a cerca de 24 quilómetros de distância. O chefe da tribo Rekayi Tangwena recusou-se a fazê-lo, afirmando que o seu povo preferia morrer a ser transferido.

A partir dessa altura unidades

da Polícia foram enviadas para a acidentada região fronteiriça, pelo menos, em três ocasiões diferentes e largaram fogo às cabanas da tribo, confiscando o

seu gado. Contudo, após cada acção da Polícia, os Tangwenas voltam a regressar.

A Rodésia teve a sua primeira confrontação com guerrilheiros

africanos pouco depois do regime minoritário branco se separar em 1965 da Grã-Bretanha e proclamar a sua independência.

APTIDÃO à Universidade

MAIORES DE 25 ANOS

O Externato Bocage iniciou a preparação intensiva e adequada. Turmas de 10 alunos e até Outubro. Comece em Março.

Próximo de Sete-Rios

Informações pelos telefones: 78 24 64 / 78 40 24



D. SYLVIE MARTHE TAILLET ALVES

PARTICIPAÇÃO E MISSA DE 7.º DIA

Carlos Garcia Alves, Alfredo Carlos Taillet Alves, sua Mulher, Filhos e genro, Maria Helena Taillet Alves Pessanha Alcoforado, seu Marido e Filhos, Robert Taillet e Mulher (Ausentes), Odette Taillet Lezos, sua Filha, genro e netos (Ausentes), Fernando Alves, sua Mulher, Filha e genro, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento ocorrido no passado dia 21, de sua querida Mulher, Mãe, Avó, Irmã, Cunhada e Tia e que será celebrada missa pelo seu eterno descanso amanhã, dia 28, às 12,30 horas, na Igreja de Nossa Senhora de Fátima.

Ennes Costa, Lda.

Concorde:

Adiamento japonês

TOQUIO, 27 (R.) — A companhia de aviação japonesa (JAL) decidiu hoje adiar por vários meses a sua decisão final sobre a compra do Concorde.

A companhia tinha em princípio manifestado interesse em adquirir três destes aviões supersónicos anglo-franceses e amanhã terminava o prazo para anular ou confirmar a encomenda.

O comunicado da JAL diz que o Concorde, tal como se apresenta actualmente, não preenche os requisitos considerados necessários pela companhia no que diz respeito aos problemas do ruído, ao raio de acção e à carga útil.

Os fabricantes concordaram porém em prolongar até ao fim deste ano o prazo para a assinatura do contrato definitivo e propõem-se entretanto melhorar as características do Concorde de acordo com as exigências das companhias de aviação.

Quatro companhias internacionais já decidiram não concretizar as suas encomendas, sobretudo por estarem convencidas de que a exploração do Concorde não será vantajosa economicamente.

LEILÃO DE PENHORES A COMERCIAL

Trav. da Trindade, 18-20 (ao Chiado) — T. 325082

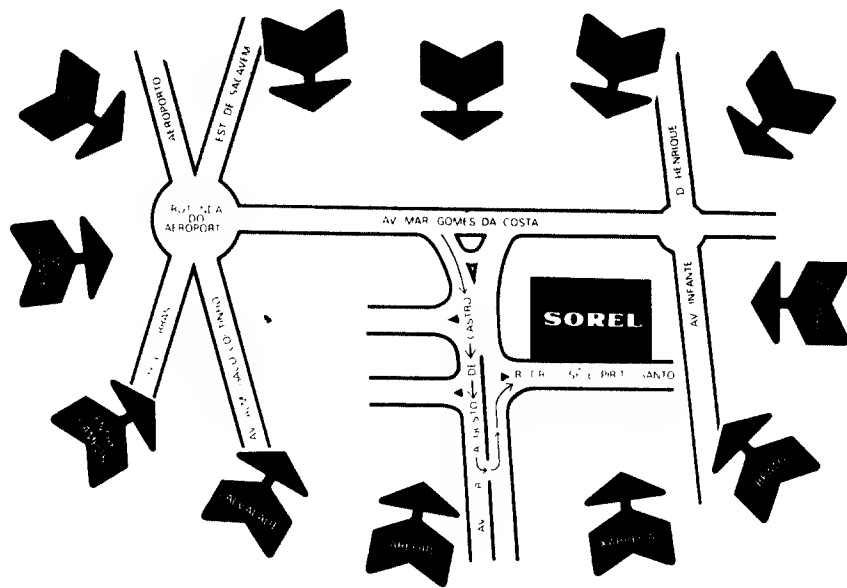
BREVEMENTE DE TODOS OS PENHORES EM ATRASO DE JUROS

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido na Tipografia Triunfo, Lda. — ALTER DO CHÃO



PEÇAS e ACESSÓRIOS

NAS ZONAS NORTE E ORIENTAL DE LISBOA...



...TODOS OS CAMINHOS VÃO DAR AO CENTRO TÉCNICO DA SOREL

Estamos situados numa zona urbana de fácil acesso. Oferecemos a vantagem de deslocar-se cómodos e de estacionamento sem problemas. Funcionamos com rapidez e eficiência. Pouparamos-lhe tempo, sem lhe causar contratempos. Somos, em Cabo Ruivo, o maior depósito de PEÇAS e ACESSÓRIOS GM em Portugal.

No entanto, se estiver no centro da cidade, encontra, como sempre, o que o seu carro precisa em ambas estas moradas:

RUA TOMÁS RIBEIRO, 97A, TEL. 56 34 41 (8 linhas)
RUA D. LUIS I, 28 TEL. 66 27 55 - 66 58 49 - 66 71 71.

SOREL

concessionária para as linhas Opel e Bedford

RUA DR. JOSÉ ESPÍRITO SANTO - CABO RUIVO, TEL. 38 47 61

CASA PARA RENDIMENTO



CASA PARA HABITAÇÃO



CASA DE PRAIA



CAMPANHA DE INVESTIMENTO EM

J. PIMENTA

S.A.R.L.

INFORMAÇÕES:

QUELUZ-EDIFÍCIO SEDE

Av. António Enes, 25 - Telex. 95 20 21/5

LISBOA

Pr. Marquês de Pombal, 15 - Telex. 4 58 43 - 4 78 43

BANCO DA AGRICULTURA

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

SEDE: Rua da Assunção, 74 — LISBOA

RELATÓRIO E CONTAS — 1972

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Senhores Accionistas,

De acordo com as disposições legais e estatutárias vimos submeter a exame, apreciação e votação da Assembleia Geral o Relatório, Balanço e Contas respeitantes ao exercício encerrado em 31 de Dezembro de 1972.

No decurso do ano findo procurou, uma vez mais, a Administração deste Banco dar cumprimento à missão de gerir pela forma mais eficiente os capitais que lhe foram confiados por V. Exas., sem esquecer a responsabilidade especial que cabe a uma Instituição de Crédito em colaborar activamente na prossecução das políticas superiormente definidas, com vista à accleração do processo de desenvolvimento sócio-económico do País.

Nesta medida, o Banco da Agricultura não se poderia alhear, para a fixação dos seus objectivos e na sua forma de actuar, da evolução das economias ocidentais e portuguesas, todas elas a condicionarem os objectivos maiores das nossas políticas e a balizarem as possibilidades de actuação empresarial. Justificar-se-á, pois, uma breve panorâmica sobre a conjuntura portuguesa e ocidental, no decurso do ano de 1972, como que a enquadrar os condicionalismos dentro dos quais tivemos que desenvolver a nossa actividade.

Economia internacional

Como consequência de uma série de medidas tomadas nos fins de 1971, para fazer face à reduzida taxa de utilização da capacidade produtiva e elevado nível de desemprego, verificou-se no decurso do ano transacto uma recuperação da actividade económica nos países industrializados do Ocidente que terá atingido expressão máxima nos Estados Unidos. Todavia, não foi possível que esta recuperação se verificasse sem uma indesejável acentuação das pressões inflacionistas, talvez a significar que, hoje em dia, toda a intensificação do ritmo de expansão económica implicará quase sempre a manutenção das referidas pressões a nível elevado.

Nos aspectos monetários, em 1972, ter-se-á assistido a uma sensível acalmia nos mercados internacionais, somente quebrada aquando da alta assinalada do ouro e pela decisão do Governo do Reino Unido em permitir a flutuação da libra, com a seguinte descida da sua cotação. E se o movimento altista do ouro não terá tido influência apreciável nos mercados cambiais, dado o decréscimo de importância que tem vindo a assumir como meio de liquidez internacional, já a evolução da libra teve uma relevância diferente que no caso português se acentuou, por absorver o Reino Unido parcela tão substancial das nossas exportações.

Do maior significado, no âmbito das relações internacionais, foi a adesão ao Mercado Comum de três novos membros, facto este com repercussão profunda sobre a economia portuguesa, pois o Mercado Comum dos «Nove» absorve já actualmente cerca de 55% das exportações metropolitanas. Indispensável, pois, se tornava salvaguardar os interesses portugueses, o que após laboriosas negociações foi possível alcançar, tendo-se assinado um acordo para o estabelecimento de um regime preferencial de comércio com o território metropolitano português, sem que com isto se prejudicassem as relações já existentes com os países que entretanto permaneceram na EFTA.

Economia portuguesa

O principal aspecto que caracterizou a evolução económica metropolitana no decurso do ano findo, terá sido o especial dinamismo da actividade industrial e dos serviços, a determinar uma taxa de crescimento real possivelmente superior à de 1971, a par, porém, com uma acentuação das pressões inflacionistas.

Estas terão decorrido fundamentalmente de um acréscimo acentuado da procura originada na maior capacidade de consumo, proveniente, em especial, das remessas de emigrantes e do surto turístico. É certo que o ritmo do investimento realizado e o actualmente projectado pelas empresas permitem alimentar esperanças de poder vir a oferta a corresponder às solicitações actuais, embora não seja de esquecer que o mesmo investimento implica o recurso a compras no estrangeiro, com valor crescente, expondo a nossa economia, por mais esta forma, a uma inflação que assim teremos de importar.

Estando a acentuar-se, até pela forma que acabamos de referir, o desnível da nossa balança comercial, necessário se torna a adopção de critérios selectivos para as importações que permitam, pelo impacto destas na criação de riqueza, esbater a breve trecho os efeitos inflacionistas que inicialmente possam ter tido.

Na inflação por via dos custos também os aumentos salariais têm feito sentir os seus efeitos, os quais, obretudo no momento actual, em que se vai entrar em maior intensificação das relações internacionais, devem levar a ponderar cuidadosamente decisões nesta matéria, para evitar que se enfraqueça perigosamente o poder competitivo das empresas.

Há, portanto, toda uma série de medidas restritivas que se impõem para procurar amortecer a alta do custo de vida, mas a sua aplicação ter-se-á de revestir da prudência suficiente, por forma a não prejudicar a dinamização do processo de crescimento económico, pois, estará sem dúvida na revitalização da oferta a forma mais salutar para refoçar a inflação actualmente em curso. De resto, neste particular, várias disposições foram já tomadas, destacando-se de entre elas, pela sua relevância, a Lei de Fomento Industrial, notável documento cuja regulamentação irá permitir uma dinamização acentuada da nossa Economia.

Quanto aos outros aspectos, e para além de uma actuação com vista à contenção dos preços e salários, já várias medidas foram tomadas pelas Entidades competentes, no sentido de diminuir o actual excesso de liquidez do sistema bancário e imprimir maior selectividade à actuação creditícia.

O mercado de capitais conheceu, no decurso de 1972, notável incremento, não só através de um número pouco vulgar de emissões destinadas ao público, como por intensificação da actividade da Bolsa. Se, por um lado, é de registar como positivo todo o invulgar interesse que o público tem vindo a revelar por esta forma de aplicação das suas disponibilidades, por outro, será de lamentar o carácter demasiadamente especulativo de que se tem revestido todo este processo.

Actividade do Banco.

Na sequência de políticas anteriormente definidas, dois objectivos fundamentais nortearam a actuação do Banco da Agricultura no decurso de 1972. Assim, e tendo em vista os interesses dos nossos accionistas, procurou-se não só dimensionar me-

lhor a Instituição, como rentabilizar no máximo os capitais que nos estão confiados. Para este fim realizámos, em Outubro passado, o 4.º aumento de capital em função do qual os fundos próprios do Banco da Agricultura se elevaram para 332 500 contos, tendo sido grato verificar que a parcela destinada à subscrição pública foi coberta cerca de 16 vezes.

No respeitante a rentabilidade já os nossos esforços, todavia, não atingiram o objectivo que seria legítimo esperar para uma actividade empresarial. Não se infira, porém, tratar-se de situação singular dentro do sistema bancário português, pois, trata-se, tão-somente, de consequência dos condicionalismos actuais em que a nossa Banca tem que operar. Limitada por apertadas margens operacionais, superiormente definidas, não têm os Bancos possibilidade de transferir, parcialmente que seja, para a sua «mercadoria», o aumento sensível de encargos que têm vindo a suportar, mormente os de natureza financeira, derivados da preferência crescente do público pelas formas menos líquidas de disponibilidades. Acresce que os encargos decorrentes do esforço que se tem tornado necessário, com vista a um melhor apetrechamento e reorganização interna das Instituições, tem crescido igualmente por forma muito acelerada, sem que a produtividade visada tenha tido possibilidades de aumentar em ritmo paralelo.

A rentabilidade dos capitais sociais da Banca nacional tem vindo, pois, a reduzir-se sensivelmente nos últimos anos, cifrando-se em 1971, para um conjunto das 10 maiores Instituições, nuns modestos 6,2%.

Não poderemos deixar de assinalar que em relação à rentabilidade global do sistema é, porém, notável a obtida pelo Banco da Agricultura no decurso de 1972, mas cumpre-nos acentuar a fraca remuneração dos capitais actualmente possível neste sector, a qual é manifestamente insuficiente para assegurar a sua solidez e são desenvolvimento. Aumento sensível de encargos sem terem sido precedidos por acréscimo significativo de produtividade, poderão fazer perigar um sistema cuja solidez é vital para todo o País.

Foi também objectivo maior do nosso Banco, no decurso de 1972, aumentar o nível e a extensão dos serviços que temos vindo a prestar à Economia portuguesa e, assim, conseguimos autorização de Sua Exa. o Senhor Ministro das Finanças para abertura de oito novos balcões, quatro dos quais em localidades onde o público não beneficiava ainda de serviços bancários. Por outro lado, é-nos muito grato assinalar a confiança que a nossa clientela, em número rapidamente crescente, continua a depositar no Banco da Agricultura, como se pode depreender do crescimento animador do número de contas e volume dos nossos depósitos, os quais aumentaram, não só em valor absoluto, como em função de uma maior participação nos depósitos totais do sistema bancário.

Cientes da nossa especial responsabilidade para o conveniente encaminhamento dos fundos que nos são confiados para os sectores prioritários da economia portuguesa, temos procurado integrar-nos nas directrizes de Sua Exa. o Senhor Ministro das Finanças, numa acrescida selectividade de crédito concedido e na adequação dos seus esquemas tradicionais às necessidades das empresas.

Corpos Gerentes

Terminam o seu mandato os actuais Corpos Gerentes, a Mesa da Assembleia Geral e a Comissão a que se refere o art.º 13.º dos Estatutos, pelo que a Assembleia Geral deverá proceder à respectiva eleição, com vista ao triénio 1973-75.

Lucros do Exercício

Após termos efectuado as necessárias provisões e amortizações, o resultado do exercício findo cifra-se em 2 448 548\$56
o qual, acrescido do saldo do exercício anterior 154 369\$44
soma o total de 25 602 918\$00

1) Deduções, legal e estatutárias:		
para Fundo de Reserva Legal	3 000 000\$00	
Para cumprimento do § 3.º do art.º 13.º		
e do art.º 17.º dos Estatutos	2 308 000\$00	5 308 000\$00
Disponível		20 294 918\$00
2) Para aplicação do resultado disponível pela Assembleia Geral, depois de ouvido o Conselho Geral, propomos:		
Para dividendo (7%)	7 663 000\$00	
Para outros Fundos de Reserva	12 500 000\$00	
Para conta nova	131 918\$00	20 294 918\$00

Estes resultados, obtidos em mercado extraordinariamente competitivo e sujeito a difíceis condicionalismos, são especialmente devidos ao entusiasmo e competente actuação de todos os Directores, Sub-Directores, Gerentes e Procuradores, cujo espírito de integração na empresa nos é muito grato assinalar. A todos estes, bem assim como aos demais colaboradores da Instituição, queremos aqui deixar registado o nosso louvor e agradecimento pela sua tão eficiente actuação.

Aos Senhores Presidente e Vice-Presidente da Assembleia Geral e aos Senhores Presidente e Vogais do Conselho Fiscal queremos também expressar o nosso maior apreço e agradecimento pelo valioso contributo que, uma vez mais, nos foi prestado para a orientação geral deste Banco.

Lisboa, 25 de Janeiro de 1973.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Manuel da Cruz Filipe — Presidente
Manuel Gonçalves Cavaleiro de Ferreira — Vice-Presidente
Alberto Maurício Carvalho Neto
Alfredo Maria Praça Cunha
António Correia de Sampaio Castelo Branco
José António Fernandes Soares
Paulo Melero Sendim
Rafael Termes Carrero

BANCO DA AGRICULTURA

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1972

ACTIVO

DISPONÍVEL E REALIZÁVEL	1972	1971 (Em contos)	1970 (Em contos)
Caixa e Depósito no Banco de Portugal	929 716 985S04	595 001	457 477
Depósitos noutras instituições de Crédito	296 189 311S09	189 798	171 020
Promissórias de Fomento Nacional	58 090 000S00	48 000	43 000
	1 283 906 296S13	832 799	671 497
Correspondentes no Estrangeiro	157 468 026S56	113 916	185 794
Ouro, Moedas e Notas Diversas	2 666 906S38	3 746	5 132
Carteira de Títulos e Cupões	63 221 332S22	40 749	40 551
Carteira Comercial	4 594 801 378S69	3 412 321	2 324 422
Letras sobre o Estrangeiro	46 766 965S22	27 817	73 961
Correspondentes no País	13 090 529S16	18 736	20 340
Empréstimos e Contas Correntes Cauçionados	164 369 808S58	107 031	145 746
Devedores e Credores	204 203 876S91	176 748	118 055
Accionistas	96 802 450S00	39 169	
Empréstimos a mais de um ano	67 255 488S31	32 532	8 783
Outros Valores Realizáveis	1 086 730S86	852	2 432
	5 411 733 492S89	3 973 622	2 925 221
IMOBILIZADO			
Participações Financeiras	32 694 239S00	25 645	22 745
Despesas de Constituição e de Instalação	9 522 967S20	8 124	
Custo	16 492 343S70	12 758	
Amortização	6 969 376S50	4 634	
Mobiliário e Material	10 860 756S18	10 075	
Custo	22 574 225S02	19 732	
Amortização	11 713 469S44	9 656	
Imóveis	14 418 617S88	15 064	8 865
Custo	20 960 883S70	20 960	14 250
Amortização	6 542 265S82	5 896	5 384
Outros Valores Imobilizados	3 071 197S80	2 823	
Custo	3 228 606S00	3 014	
Amortização	157 408S20	191	
Imobilizações Diversas			18 175
Custo			
Amortização			
	70 567 778S06	61 734	49 787
OUTRAS CONTAS DO ACTIVO			
Contas Diversas			46 525
Contas Transitórias e de Regularização	91 760 519S61	35 377	
	91 760 519S61	35 377	46 525
	6 857 968 086S69	4 903 534	3 693 032
CONTAS DE ORDEM			
Valores de Conta Alheia	847 484 641S64	736 473	562 345
Valores Recebidos em Caução	1 944 109 692S44	1 534 978	1 228 893
Devedores por Garantias e Avals Prestados	433 525 435S87	450 116	456 526
Devedores por Aceites	2 094 197 393S00	1 541 585	929 801
Devedores por Créditos Abertos	32 849 183S92	23 963	32 266
Outras Contas de Ordem	146 512 066S24	267 463	246 672
	12 356 646 499S80	9 458 115	7 149 539

O TÉCNICO DE CONTAS

Almerindo da Silva Marques

PASSIVO

EXIGÍVEL	1972	1971 (Em contos)	1970 (Em contos)
Depósitos à Ordem — Moeda Nacional	2 262 847 983S71	1 616 617	1 309 266
Depósitos à Ordem — Moeda Estrangeira	2 599 184S02	14	4 303
Depósitos com Pré Aviso — Moeda Nacional	19 814 618S49	20 616	24 800
Depósitos a Prazo — Moeda Nacional	3 573 594 369S63	2 609 629	1 943 806
	5 858 856 155S85	4 246 878	3 282 177
Cheques e Ordens a Pagar	94 775 186S83	140 504	86 726
Exibilidades Diversas	5 561 861S20	4 044	3 666
Correspondentes no País	9 378 527S97	2 387	11 131
Correspondentes no Estrangeiro	522S79	1 413	
Empréstimos e Contas Correntes Cauçionados	38 027 308S14	29 271	5 456
Devedores e Credores	17 430 992S74	30 565	31 088
	6 024 030 555S52	4 455 065	3 420 246
NÃO EXIGÍVEL			
Contas Transitórias e de Regularização	152 622 626S74	88 610	
Mais-Valia da Carteira de Títulos	14 766 946S50	938	
Provisões Diversas	107 445 039S93	74 060	
Contas Diversas e Provisões			119 815
	274 834 613S17	163 609	119 815
CAPITAL E RESERVAS			
Capital	332 500 000S00	150 000	100 000
Fundo de Reserva Legal	16 500 000S00	14 000	12 000
Reserva de Reavaliação	1 133 661S00	1 133	1 133
Outros Fundos de Reserva	183 366 339S00	99 366	22 866
	533 500 000S00	264 500	136 000
RESULTADOS			
Lucros e Perdas			
Saldo do exercício anterior	154 369S44	126	140
Resultados do exercício	25 448 548S56	20 232	16 829
	25 602 918S00	20 359	16 970
	6 857 968 086S69	4 903 534	3 693 032
CONTAS DE ORDEM			
Credores por Valores de Conta Alheia	847 484 641S64	736 473	562 345
Credores por Valores Recebidos em Caução	1 944 109 692S44	1 534 978	1 228 893
Garantias e Avals Prestados	433 525 435S87	450 116	456 526
Aceites	2 094 197 393S00	1 541 585	929 801
Créditos Abertos	32 849 183S92	23 963	32 266
Outras Contas de Ordem	146 512 066S24	267 463	246 672
	12 356 646 499S80	9 458 115	7 149 539

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Manuel da Cruz Filipe — Presidente
Manuel Gonçalves Cavaleiro de Ferreira — Vice-Presidente
Alberto Maurício Carvalho Neto
Alfredo Maria Praça Cunha
António Correia de Sampaio Castelo Branco
José António Fernandes Soares
Paulo Melero Sendim
Rafael Termes Carreró

CONTA DE LUCROS E PERDAS DO EXERCÍCIO DE 1972**DÉBITOS**

	1972	1971 (Em contos)	1970 (Em contos)
Juros e Comissões a nosso cargo	198 679 004S46	149 009	79 760
Contribuições e Impostos	7 829 532S00	7 579	5 970
Despesas com o pessoal	73 107 711S83	68 648	56 511
Remunerações dos órgãos sociais	5 290 109S00	6 252	
Remunerações dos empregados	54 852 946S01	50 690	
Encargos sociais obrigatórios	11 941 200S20	10 768	
Outros encargos	1 023 456S62	937	
Despesas Gerais	22 850 694S47	20 265	21 497
Publicidade	1 118 487S59	673	
Conservação de instalações, mobiliário e material	1 998 267S85	1 754	
Outras despesas	19 733 939S03	17 837	
Encargos Diversos	261 746S23	179	83
Provisões e Amortizações	40 329 361S02	32 800	17 540
Dotações para provisões diversas	33 248 353S98	27 514	
Dotações para contas de amortização	7 081 007S04	5 285	
Saldo	25 602 918S00	20 359	16 970
	368 660 968S01	298 841	198 434

O TÉCNICO DE CONTAS

Almerindo da Silva Marques

CRÉDITOS

	1972	1971 (Em contos)	1970 (Em contos)
Saldo do exercício anterior	154 369S44	126	140
Juros e Comissões a nossa favor	335 679 060S81	262 103	175 914
Resultados em Operações Cambiais e s/Títulos	26 434 729S36	31 266	17 711
Rendimento de Títulos de Crédito	1 375 769S90	1 692	1 560
Outros Rendimentos, Receitas e Lucros	5 017 038S50	3 653	3 105
	368 660 968S01	298 841	198 434

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Manuel da Cruz Filipe — Presidente
Manuel Gonçalves Cavaleiro de Ferreira — Vice-Presidente
Alberto Maurício Carvalho Neto
Alfredo Maria Praça Cunha
António Correia de Sampaio Castelo Branco
José António Fernandes Soares
Paulo Melero Sendim
Rafael Termes Carreró

Continua na página seguinte

DL/GERAL

Continuação da página anterior

BANCO DA AGRICULTURA

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Senhores Accionistas:

Em cumprimento das disposições da Lei e dos Estatutos, apresentamos o nosso parecer sobre o Relatório do Conselho de Administração, Balanço e Contas referentes ao exercício de 1972.

De salientar a realização, no período a que se refere o Relatório, do 4.º Aumento de Capital e a autorização concedida para a abertura de 6 Agências e 2 Dependências. Aderindo à política praticada pela Administração do Banco, regozijamo-nos pelos resultados obtidos, de atribuir à eficiente actuação dos seus Administradores. Em especial, cumpre-nos referir:

- 1.º — Satisfazerem a Contabilidade, o Balanço e as Contas de Resultados às disposições legais vigentes e estatutárias;
- 2.º — Ter este Conselho acompanhado mensalmente a evolução dos elementos contabilísticos e verificado, com regular frequência, a extensão das existências mais características, tais como as de «Caixa», «Carteira de Títulos», «Cupões» e «Títulos Depositados»;
- 3.º — Assentarem nos critérios valorimétricos estabelecidos pela Lei, os valores respeitantes a ouro amoldado ou em barra, a moedas e notas estrangeiras, a disponibilidades e responsabilidades em moeda estrangeira e à carteira de títulos.

Cabe-nos, ainda, agradecer as referências feitas a este Conselho no Relatório do Conselho de Administração.

Temos, pois, a honra de propor:

- 1.º — Que sejam aprovados o Relatório e Contas do Conselho de Administração;
- 2.º — Que ao saldo de Lucros e Perdas seja dada a aplicação proposta pelo mesmo Conselho;
- 3.º — Que se consigne ao Conselho de Administração um expressivo louvor pela competência evidenciada no exercício do seu mandato e que se registre o maior apreço, pela eficiência e dedicação reveladas, a todos os colaboradores nas actividades do Banco;
- 4.º — Que, findos os mandatos dos actuais Corpos Gerentes, da Mesa da Assembleia Geral e da Comissão a que alude o Artigo 13.º dos Estatutos, se proceda à eleição dos Accionistas que os hão-de constituir no próximo triénio.

Lisboa, 6 de Fevereiro de 1973.

O CONSELHO FISCAL

A PÁTRIA, Companhia Alentejana de Seguros — Presidente
Representada por Dr. Alberto Jordão Marques da Costa
Eng.º Fernando José Salema Garção
Eng.º António Resende Valadas Fernandes — Secretário



SERÁS BOM GUARDA-LIVROS se confiáres
na prof. *Laurença de Carvalho*.
Condições especiais para quem sabe Contabilidade.
Ensino individual e por correspondência.
Av. Praia da Vitória, 13 - Lisboa - T. 532880

Deseja receber, grátis e sem nenhum compromisso, o folheto elucidativo

NOME
MORADA

SENSACIONAL...

Sofás cama - Tipo Belga	1800\$00
Balanças - Casa de banho	150\$00
Torradeiras	180\$00
Frigoríficos 140, L.	1790\$00
T. V. 2 canais	3390\$00

FILIAL SUPERMANOS

ESTRADA DE BENFICA, 705

Sonab

just listen to it

- Colunas de Altifalantes omnidireccionais:
OA-6, OA-5, OA-4, V-1
- Amplificadores sintonizadores:
R-7000, R-4000
- Gira - discos:
85-S

TELECOL

R. D. Estefânia, 121, 6.º
LISBOA Telef. 44798



DOUTOR

MANUEL RIBEIRO ESPÍRITO SANTO SILVA

MISSA DO 30. DIA

A família do Doutor Manuel Ribeiro Espírito Santo Silva participa que serão mandadas celebrar missas pelo seu eterno descanso, amanhã dia 28, às 12.30 horas na Igreja Paroquial do Lumiar e às 19.15 horas na Capela das Casas do Gandarinha, em Cascais.



OS EXTRATERRESTRES NA HISTÓRIA

A Terra foi visitada por seres vindos de outros pontos do Universo e esses seres deixaram sinais inegáveis da sua passagem.

N.º 2 da colecção
230 pgs. — 60\$00
Volume anterior:
HISTÓRIA DA ASTROLOGIA
230 pgs. — 65\$00

UM NOVO LANÇAMENTO NA COLECÇÃO ESFINGE

JACQUES BERGIER

Com rigor científico Bergier descreve e analisa factos que continuam a ser enigmas para a Arqueologia e a Ciência.

À venda nas livrarias
Pedidos a:
EDICÕES 70
Av. Duque de Ávila, 69, 1.º, Esq.
ou
EXPRESSO, SARL
Al. Sto. António dos Capuchos, 6-B
LISBOA

Trabalhos de renovação da via

LINHA DO NORTE (Circulações Ascendentes)

SERVIÇO INTERNACIONAL LISBOA PORTO PARIS

TRANVIAS = PORTO — AVEIRO

Por motivo dos trabalhos de renovação da via, na linha do Norte, a que se vai proceder, nos dias úteis (de segunda-feira a sábado), entre Ovar e Gaia, a partir do dia 19 de Fevereiro de 1973 e até aviso em contrário, vemos-nos obrigados a efectuar as seguintes alterações no horário em vigor:

Comboio n.º 303 — Suspensa a sua circulação em todo (que parte da Pampilhosa às 13-20 h.) o trajecto. Os passageiros terão seguimento a Porto (Campanhã) pela automotora n.º 327 com partida da Pampilhosa às 13-57 h., onde efectuarão transbordo;

Comboio n.º 906 — Suspensa a sua circulação em todo (que parte do Porto o trajecto; (S. Bento) às 7-55 h.)

Comboio n.º 913 — Suspensa a sua circulação em todo (que parte de Ovar o trajecto; às 9-50 h.)

Comboio n.º 911 — Retardada a sua partida de Aveiro (que parte de Aveiro para as 10-05 h., sendo modificada a sua marcha como a seguir se indica:

	H. M.
AVEIRO	10-05
Cacia (ap.)	10-11
Canelas (ap.)	10-17
Salreu (ap.)	10-20
Estarreja	10-24
Avanca	10-30
Válega (ap.)	10-34
Ovar	10-41
Carvalheira-Maceda (ap.)	10-48
Cortegaça (ap.)	10-51
Esmoriz	10-57
Peramos (ap.)	10-59
Silvade (ap.)	11-02
Espinho	11-06
Granja	11-11
Aguda (ap.)	11-13
Miramar (ap.)	11-17
Francelos (ap.)	11-20
Valadares	11-24
Madalena (ap.)	11-27
Coimbrões (ap.)	11-30
Vila Nova de Gaia	11-34
General Torres (ap.)	11-37
PORTO (Campanhã)	11-43
PORTO (São Bento)	11-55

Pedimos desculpa dos inconvenientes que estas supressões possam causar e esforçar-nos-emos por reduzir o período em que o teremos de fazer.



A «LAREIRA»

informa os seus clientes e amigos que reabre no dia 1, remodelada e mais moderna.

A «Lareira» aguarda a sua presença no beberete que tem muito gosto em oferecer naquele dia, a partir das 18.30.

Praça das Águas Livres, n.º 8-I — Telef. 689627



LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica: Av. 5 de Outubro 203-r/c. Esq. Tel. 771639 (Ao Campo Pequeno).

VENDA AO PÚBLICO

EXCURSÕES C. P.

INVERNO/PRIMAVERA 73

Neve na Serra / Carnaval Amendoeiras floridas / Páscoa

Peça o programa geral em distribuição nos seguintes locais:

- Estações de Lisboa-Rossio e Santa Apolónia
- Centrais do Caminho-de-Ferro de Lisboa
- Agências de Viagens
- Serviço de Promoção do Tráfego da C. P. Rua Vitor Cordon, 45 - Lisboa-2.

Trabalhos de renovação da via

LINHA DO OESTE

Por motivo dos trabalhos complementares de Renovação da Via, na Linha do Oeste, a que se vai proceder, entre Ramalhal e Outeiro, a partir do dia 1 de Fevereiro de 1973, serão suprimidas, nos dias úteis (de segunda-feira a sábado), as seguintes automotoras:

AUTOMOTORA N.º 4025 (que parte de Lisboa-Rossio às 13-45 h.) Entre Ramalhal e Outeiro, fazendo-se o transporte de passageiros e bagagens entre estas estações por autocarros;

AUTOMOTORA N.º 4122 (que chega ao Cacém às 17-35 h.) Entre Outeiro e Ramalhal, fazendo-se o transporte de passageiros e bagagens entre estas estações por autocarros.

A automotora n.º 4025 retoma a partir desta data a sua partida de Lisboa (Rossio).

Pedimos desculpa dos inconvenientes que estas supressões possam causar e esforçar-nos-emos por reduzir o período em que o teremos de fazer.

DL/GERAL

Paris em mudança

Continuação da pag. 12

comunistas» (...) Sei por experiência que os dirigentes comunistas de hoje têm um vivo sentido da responsabilidade e que a personalidade de alguns deles, particularmente a de Georges Marchais, não tardará a alcançar, perante a opinião pública o prestígio que merece. A evolução das relações entre o Leste e o Oeste, a expansão do socialismo francês e a mutação sociológica do mundo industrial vão acelerar o advento dos novos comunistas em todos os níveis da sua organização. Porém, longe da interação, esses novos comunistas apressarão por sua vez o surgimento de uma nova situação».

Estas palavras de Mitterrand parecem demonstrar que aos fracassos da esquerda francesa, resultantes de meras coligações de circunstância, sem programa definido nem projectos de futuro comum, terá sucedido aquela firme vontade (consignada no Programa Comum de Governo) de pôr termo «às injustiças e incoerências do regime actual», abrindo a via ao socialismo, através de «modificações profundas e necessárias na vida política, económica e social». A mais ousada política social até à data prevista em França (sem atentado às liberdades individuais, antes as garantindo, outorgando e reforçando) explana-se no Programa Comum — melhoria sem precedentes do destino de quantos, nas empresas, nos escritórios, nos laboratórios ou nos campos, vivem do seu trabalho. Promoção das mulheres na sociedade e abertura de perspectivas eufóricas à juventude.

Ante a maré de crescente entusiasmo levantada em toda a França pelo Programa Comum de Governo (segundo as últimas sondagens a União Popular deverá obter 46 por cento de votos, contra 37 por cento para a U.D.R., que o povo, nas ruas, designa por partido da reacção; 13 por cento para os Reformadores ou outros centristas, 4 por cento para a extrema-direita), o presidente da República e logo após o primeiro-ministro, sr. Mesamer, lançaram a ameaça de um golpe de Estado constitucional (constitucionalidade essa que logo foi posta em causa não só pela esquerda como até pelo sr. Poher, presidente do Senado, que, na emergência de uma demissão do Chefe de Estado, assumiria provisoriamente as suas funções).

O espantalho do referen-

do, a declaração de Georges Pompidou (conquanto Mitterrand «condescendesse» em o aceitar como presidente da República) de que não «colaboraria» com uma assembleia legislativa dominada pela União Popular, trouxe aos lábios do homem-comum a palavra «ditadura», embora, de momento só se ponham hipóteses como a dissolução do Parlamento, novas eleições ou demissão do Presidente da República e apelo ao sufrágio directo para um plebiscito que, em seguimento de uma campanha anticomunista, pudesse (poderia?) trazer de novo ao galarim com o punho mais sólido.

É difícil, neste momento, aventurar certezas. Mas não há dúvida de que esta atitude é anti-popular. Até o *Aurora*, jornal dos «ultras», denuncia o seu «oportunismo».

Não esqueçamos (Mesamer o lembrou) que o artigo 11 da Constituição prevê eventualidades desta natureza (há, de resto, o precedente gaullista de Outubro de 1962). Mas não estão esclarecidas ainda as diversas interpretações do artigo em questão. René Andrieu apressou-se a ripostar no *Humanité*: «O que inspira a diligência do sr. Pompidou não é o sufrágio universal, mas, pelo contrário, o desejo de escapar ao seu veredicto».

Como uma violência, sempre suscita outra violência, a C. G. T., pela boca de Georges Ségué (cujo encontro com um «patrão», previsto para os «duelos» na T. V., foi anulado) declarou que poderia desencadear sucessivas greves levando à paralisação generalizada do trabalho, como represália contra métodos eleitorais antidemocráticos.

O «LEADER» QUE OS PARTIDOS COBIÇAM

A U. D. R. já sugeriu que um entendimento com os socialistas não seria hipótese a pôr de lado no futuro. Dos Reformadores, bastante mais divididos, na realidade, do que os comunicados conjuntos deixam supor, a ala Lecanuet parece cobiçar ardentemente a colaboração de Mitterrand para uma coligação de «centro-esquerda» (assim lhe chamam) que desagregasse a aliança socialista-comunista, respaldada momentaneamente pelos radicais de esquerda.

O canto das sereias é bem audível e «perceptível». Envidam-se todos os esforços para rebocar o bastião do capitalismo monopolista prestes a desmoronar-se. A alta burguesia (mesmo quando agride oratoriamente o patronato, atra-



Mitterrand (à esquerda) e Edmond Maire, secretário-geral da C.F.D.T. (à direita) participam numa reunião promovida pelo Partido Socialista sobre a auto-gestão nas empresas. A C.F.D.T., a segunda central sindical francesa, que agrupa grande parte dos trabalhadores cristãos, dá crescente apoio ao Partido Socialista

vés dos jogos verbais de Jean-Jacques Servan-Schreiber) joga as suas últimas cartas em defesa do privilégio. O P. C. F., na sua campanha, não se desvia da linha comum, falando sempre em nome da União Popular e do Programa Comum, de que se considera, caso obtenha maioria de votos, o lógico defensor (pormenor eleitoral que a direita explora, procurando em vão meter à bulha socialistas e comunistas).

Mas voltemos à propaganda dos Reformadores, que efectivamente podem (seria cegueira não o reconhecer) vir a desempenhar importante papel na vida política francesa. Acenando embora para as bandas de Mitter-

rand, os Reformadores explicitam desde já as condições do seu apoio ao Governo que há-de sair (?) das eleições. E Lecanuet é bem terminante, sabe que disporá provavelmente da posição de fiel da balança. Pompidou, para contar com os Reformadores, terá de os deixar praticamente fixar o seu programa de dez pontos básicos. Servan-Schreiber afirma: «O sr. Pompidou tem de compreender que os franceses desejam uma mudança». Lecanuet sugere que só aceitaria participar num Governo cujo primeiro-ministro e cujo programa fossem reformadores. E jura que, não sendo assim, os seus companheiros usarão da moção de censura para

derrubar um Governo minoritário U. D. R.

Tanto um como o outro destes dois astutos políticos contam com a deserção, após as eleições, de bons números de deputados da direita para as suas fileiras e admitem até a hipótese de alguns socialistas de vivência burguesa acabarem por se desligar de Mitterrand e do seu Partido para aumentar as hostes centristas. Entretanto, François Mitterrand percorre a França de lés a lés e o P. C. F. conquista simpatizantes e aliados tanto à direita como à esquerda da sua organização. Alguns optimistas garantem que a votação excederá as previsões a favor da União Popular. Será assim?

GESTÃO PREVISIONAL

Consultor em Organização e Gestão em exercício de profissão liberal, especializado em Gestão Previsional e na organização de estruturas (de Produção, Comercial e Administrativa) para a sua aplicação, apoiada ou não por tratamento automático das informações, oferece os seus serviços.

Idoneidade, honestidade e sigilo profissionais comprovados.

APARTADO 2559 — LISBOA-2

GRANDE CARNAVAL NO ALGARVE

PRIMEIRO CARNAVAL EM QUARTEIRA

HOTEL QUARTEIRASOL

DINNER DANCING QUARTEIRASOL

4 NOITES — 3 — 4 — 5 — 6 MARÇO

2 AMBIENTES A SUA ESCOLHA

2 CONJUNTOS — «MOZAMBEATS»

«QUARTEIRASOL SHOW»

GRANDES ATRACÇÕES

SÁBADO — JANTAR DE GALA

DOMINGO — NOITE ALGARVIA

SEGUNDA — JANTAR TRAPALHÃO

TERÇA — CHURRASCADA A BRASILEIRA

— DIVIRTA-SE E DANCE ATÉ DE MADRUGADA —
SURPRESAS ATÉ ÀS 6 DA MANHÃ

— PEÇA-NOS PROGRAMA DETALHADO —

★ Reservas nas Agências de Viagem

★ ou pelos Tels. n.º 65421-65316

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

6.º Juízo Cível — 1.ª Secção

ANÚNCIO

Processo 66/Dep.º FAZ SABER que no dia NOVE de MARÇO próximo, pelas CATORZE horas, na Garagem sita na Rua Aprigio Mafra, n.º 1-B, em Lisboa, e pelos autos de carta precatória vindos da comarca de Vila Franca de Xira, extraídos da execução de sentença que António Rafael Soares Bastos move contra a executada Gertrudes Palmira Alves, residente na Avenida de Roma, 119, 2.º Esquerdo, em Lisboa, vai, pela segunda vez, à praça para arrematação em hasta pública e pelo maior lance oferecido acima de metade do valor constante dos autos — Um automóvel marca «Austin», com a matrícula CB-75-03, de cor branca, em mau estado de conservação, tendo o motor em reparação, faltando-lhe o farol do lado direito frente e partido o vidro do farol da rectaguarda, com pneu em estado de novo na roda sobressalente, e com 73.511 quilómetros percorridos, o qual vai à praça por dez mil escudos. É depositária do veículo a própria executada.

Lisboa, 21 de Fevereiro de 1973.

O Juiz de Direito

Fernando Heitor Barros de Sequeiros

O Escrivão de Direito

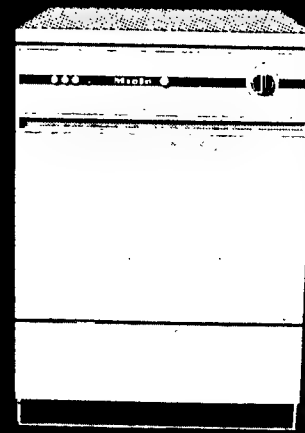
Eugénio Ferreira Pestana

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido no «Beiral das Andorinhas» Chaves Neto, Lda, R. Pedro Álvares Cabral, 15 MONTEGORDO ALGARVE

ANDARES

Visite o andar modelo e compare. Alameda Linhas de Torres, lote 6—A seguir à mata. Div. 4 ou 8 (825 c. e 1.650 c.), «Iris». Tel. 30703.

Máquina de lavar louça G 220 UNIBODY



“Unibody” — um novo sistema de fabrico da MIELE! Maior resistência, menos espaço, melhor isolamento térmico, mais silencioso e naturalmente máxima capacidade de lavagem.

Miele

Agente Oficial:

A. Oliveira

AVENIDA ALMIRANTE REIS, 91-A

Telef.: 538323-536308-530838

Filial: Rua Angelina Vidal, 63-65 — LISBOA

A. C. P. informa:

BILHETES DE FIM-DE-SEMANA

Por motivo da «QUADRA DO CARNAVAL», os «bilhetes de fim-de-semana» têm validade, para início da viagem de ida, desde as 17 horas do dia 2 do próximo mês de Março (sexta-feira) até às 12 horas de domingo, dia 4, e para início da viagem de regresso, desde as 12 horas do mesmo domingo até às 24 horas de quinta-feira, dia 8.

DESPORTOS

NOTÍCIAS DE FUTEBOL

HOTEL ROMA ***

CERVEJARIA

HORÁRIO — Abertura: 11.00 h.

Encerramento: 03.30 h. (manhã)

AMPLA — MODERNA
CONFORTÁVEL

TODOS OS DIAS:

CARIL DE CAMARÃO — CHURRASCO
DE FRANGO — MARISCOS DIVERSOS

SNACK-BAR

AMBIENTE — SOSSEGO
CONFORTOEsmerado serviço de cozinha e pastelaria
COZINHA REGIONAL

TODOS OS DIAS: Cozido à Portuguesa

Pequenos almoços — Almoços — Lanches
Jantares — Ceias

RUA INFANTE DOM PEDRO

EDIFÍCIO DO HOTEL ROMA

Vitor Baptista reaparece

REGRESSO: Vitor Baptista que tem estado ausente, por lesão, da equipa do Benfica (desde a última partida com o Sporting) deve regressar, ac-

tuando, hoje, reserva. Por curiosidade, o adversário é igualmente o Sporting. O jogo disputa-se, às 21 e 30, no Estádio da Luz e cada um dos clubes

apresentará cinco dos jogadores que habitualmente alinham na primeira categoria. Amanhã, completa-se a jornada do Campeonato Distrital com os seguintes jogos: Belenenses-Atlético, Oriental-Vilafranquense, Sacavenense-Sintrense, Torriense-Alverca e Pero Pinheiro-Talaide.

AIMORÉ MOREIRA: Hoje à noite, a direcção do Boavista reúne-se com o treinador brasileiro, com vista à renovação do contrato. Os dirigentes dos axadrezados, vão tentar tudo para que o famoso técnico continue ao serviço do clube, pelo menos até Julho de 1974.

VIAREGGIO: hoje, às 15 e 30 o Benfica defrontará pela segunda vez o Torino numa tentativa de qualificação (venceu o primeiro jogo por 1-0) para a fase seguinte do torneio de juniores que se está a disputar naquela cidade italiana. Segundo se prevê a turma transalpina (e face a um aspecto em que o regulamento é omissivo) fará alinhar nesta partida quatro jogadores titulares da sua equipa sénior. Mais um problema que se espera ver resolvido (e bem) pelos jovens benfiquistas.

AGENCIA ABREU
PASSAPORTE
Av. Liberdade 160

RESCALDO: num comunicado distribuído aos órgãos de informação, a direcção do Sporting da Covilhã denuncia a agressão ao árbitro Joaquim Campos (efectuada no passado domingo no «Campo Santos Pinto» como tendo sido efectuada por Ernesto Gonçalves Dias, natural da freguesia de S. João do Soito, Braga e que pertencia à falange de apoio do Sporting minhoto. A P. S. P. deteve o agressor, cujo julgamento ainda se não verificou por necessidade de Joaquim Campos ser submetido a novo exame médico.

BELENENSES: segundo informações que colhemos junto de um antigo treinador do timorense «Pincho», agora de férias na Metrópole, a nova aquisição dos «azuis» constitui, na realidade, um apreciável reforço para o conjunto de Scopelli. Fisicamente muito dotado, rematando bem com os dois pés e possuidor de elevada cravura técnica, o jovem ídolo de Timor tem efectuado numerosos jogos na Indonésia e na Austrália sendo já famoso (naquelas paragens) os seus pontapés do «meio da rua». Recusou inúmeros convites de clubes metropolitanos mas, por influência de um seu irmão que é agente técnico em Moçambique, decidiu-se agora, a deixar o Benfica de Dili e a ingressar no clube do Restelo. Chega em Março a Lisboa: para triunfar? Tudo parece indicar que sim.

SINDICATO NACIONAL DOS EMPREGADOS BANCÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL

Nos termos do artigo 21.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral para reunir, em sessão ordinária, no dia 27 do próximo mês de Fevereiro às 21 horas, no salão da Sociedade de Instrução e Beneficência «A Voz do Operário», Rua da Voz do Operário, 9-15, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1. INFORMAÇÕES

2. APRECIACÃO, DISCUSSÃO E VOTAÇÃO DO RELATÓRIO E DAS CONTAS DA DIRECTÃO REFERENTES AO EXERCÍCIO DE 1972

Nos termos do § único do artigo 19.º dos Estatutos, a Assembleia só poderá funcionar à hora marcada com a presença de, pelo menos, um quarto dos sócios do Sindicato, funcionando meia hora depois com qualquer número de sócios.

De acordo com o determinado no artigo 20.º dos Estatutos, só podem tomar parte na reunião da Assembleia Geral os sócios com mais de doze meses de inscrição, ou seja até ao número 18 915, inclusivé.

Lisboa, 22 de Janeiro de 1973

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

José de Andrade Soares

O CONCURSO DESTA SEMANA

FRANÇA-PORTUGAL

E O MAIS QUE SE SEGUE

Doze jogos do Campeonato da II Divisão no Concurso desta semana, o vigésimo sexto da temporada, e ainda um encontro internacional, um encontro entre selecções (França-Portugal) que nem mesmo pelo facto de ter carácter meramente particular deixa de apresentar os seus pontos de interesse. Um Concurso ao tanto diferente e em relação ao esquema habitual e nessa diferença reside também muito do seu interesse.

Eis o Calendário:

1 — FRANÇA-PORTUGAL

— Jogo particular, jogo a disputar em Paris cidade que nunca inspirou os portugueses para grandes cometimentos, mormente ao nível de selecções. Desta vez, porém, tudo poderá ser um pouco diferente, já porque a França não tem a força de outros tempos já porque a equipa portuguesa, depois de uma fase menos boa parece encontrar-se agora no melhor caminho pelo menos a fazer fé nas indicações recolhidas dos jogos com o Chipre e da Minicopa (Brasil) Portugal não deve perder — vamos, pois, admitir o empate.

2 — BRAGA-GIL VICENTE

— Quatro pontos separam o Braga, que é 2.º, do Gil Vicente, que é 4.º, mas que segue com menos um jogo. Em jogo o segundo lugar da Zona Norte já que o primeiro deve estar definitivamente entregue à Académica. Ambos precisam de ganhar, ambos estão a pensar na «Li-guilla». Favoritismo para quem? Braga joga em casa e aí está uma vantagem. Todavia nos últimos cinco jogos os bragarense apenas conseguiram uma vitória. Gil Vicente, por sua vez desde que se encontra sob a orientação de Meirim ape-

nas perdeu um jogo e com a Académica, «Dupla», pelo menos: «1x»:

3 — SANJOANENSE-COVILHÃO

— Duas equipas separadas por um ponto: 20 para os visitantes e 21 para os visitantes. Equipas do meio da tabela, equipas da zona tranquila, mas que assim mesmo se não podem descuidar por pouco que seja já que a batalha dos últimos está agora em fase empolgante. Importante: Sanjoanense, em casa apenas perdeu um jogo e para a Académica, Covilhão, fora, venceu um único jogo, exactamente na penúltima jornada. Em todo o caso símbolo «1».

4 — ESPINHO-OLIVEIRENSE

— Espinho, com 18 pontos, não vive uma situação tranquila: Oliveirense tem 21 e não tem problemas por aí. Os visitantes, para além da melhoria acusada em relação às últimas jornadas, cometeram a proeza de no último domingo irem impor à Académica um empate em Coimbra. Oliveirense encontra-se em nítida fase de quebra: uma vitória nos últimos dez jogos. Símbolo «1».

5 — VARZIM-ACADÉMICA

— Varzim em 3.º lugar com 25 pontos, menos dois do que o Braga que é segundo, e Académica a comandar com 34. Varzim, em casa, ainda só perdeu três pontos: Académica fez um só ponto nas últimas duas jornadas o que denuncia quebra. Jogo para dupla: «1x»

6 — SALGUEIROS-VILANOVENSE

— Salgueiros, com 17 pontos, é antepenúltimo mas não é culpa que facilite seja o que for quando a jogar em casa, e a prová-lo o facto de apenas ter perdido um ponto

nos últimos seis jogos disputados nessa situação: Vilanovense tem mais um ponto e menos um jogo e parece estar agora em fase de quebra de rendimento dado que apenas conseguiu fazer um ponto nos últimos quatro jogos.

7 — TIRSENSE-FAMALICÃO

— Tirsense, em último, continua com 15 pontos: Famalicão tem 18 o que todavia lhe não oferece tranquilidade. Tirsense continua com um único jogo perdido em casa, o que aconteceu à primeira jornada, e até se deu ao luxo de vencer os dois últimos jogos que disputou como visitado. Famalicão, fora, é equipa que empata com alguma frequência... Jogo para «dupla»: «1x»

8 — OLANHENSE-ORIENTAL

— Olanhense é o 1.º da Zona Sul, com 32 pontos: Oriental é 2.º com 30. Há dezasseis jornadas que os algarvios não perdem a equipa de Lisboa, por

sua vez, perdeu em Leiria há nove jornadas. Jogo decisivo para o Olanhense, que se ganha já só muito dificilmente poderá perder o título. Oriental, por seu turno, fica em 1.º lugar se vencer mas se perde fica a quatro pontos. Enfim, os algarvios parecem justificar um certo favoritismo. Símbolo «1».

9 — ALMADA-MARINHENSE

— Almada vai a meio da tabela, com 20 pontos: Marinhense é 3.º, com 29, e continua com pretensões se não já ao primeiro lugar pelo menos ao segundo. A equipa de Almada apenas por uma vez foi derrotada no seu terreno o que aconteceu quando defrontou o Olanhense: os da Marinha Grande, por seu turno, e não obstante a excelente posição que ocupam não venceram ainda mais do que dois jogos fora de casa. Tendência para «1» aparecendo o empate como alternativa.

10 — SEIXAL-PENICHE

— Seixal é último, com 11 pontos, e um último já com poucas esperanças: Peniche tem 18 e a sua posição nada tem também de tranquila. A equipa visitante nunca conseguiu ganhar fora mas regista alguns empates fora de casa: Seixal também não é equipa para grandes proezas e mesmo a jogar no seu campo não

conseguiu mais do que duas vitórias. Tendência para empate.

11 — CALDAS-C. PIEDADE

— Caldas, com 16 pontos, na zona dos aflitos: Cova da Piedade com mais dois mas em posição igualmente nada brilhante. A equipa visitada regista duas únicas vitórias em todo o Campeonato, ambas no seu campo: Cova da Piedade, fora, venceu apenas um jogo mas empata com certa frequência. O empate parece ser pois aqui também a solução.

12 — SINTRENSE-TRAMAGAL

— Sintrense em 5.º lugar com 26 pontos; Tramagal a meio da tabela com 18 está numa posição que não deixa de

ser de certo modo preocupante. A equipa visitante, nessa situação, não regista mais do que quatro pontos o que leva a atribuir favoritismo declarado aos sintrenses apesar de uma certa irregularidade de que a equipa dá mostras.

13 — SACAVENENSE-NAZARENOS

— Duas equipas da cauda, duas equipas em maré de aflição — visitados com 15 pontos e visitantes com 14. Sacavenense, depois de uma série negra de oito derrotas consecutivas, acertou o passo e ainda não perdeu em casa nesta segunda volta. Os Nazarenos, por seu turno, ainda só fizeram um ponto fora de casa em todo o Campeonato. É símbolo «1»

OS PRÓXIMOS CONCURSOS

CONCURSO N.º 27

- 1 CUF-Beira Mar
- 2 Leixões-Sporting
- 3 Montijo-Barcelense
- 4 Atlético-Belenenses
- 5 Benfica-Setúbal
- 6 Guimarães-Porto
- 7 Farense-U. Tomar
- 8 Famalicão-Fafe
- 9 Penafiel-Braga
- 10 Oliveirense-Varzim
- 11 Nazarenos-Olanhense
- 12 Oriental-Portimonense
- 13 C. Piedade-U. Leiria.

CONCURSO N.º 28

18-3-73

- 1 Benfica Huambo-Atlético
- 2 C. Piedade-Gil Vicente
- 3 Boavista-Porto
- 4 Penafiel-Leixões
- 5 Belenenses-Benfica
- 6 Vilanovense-B. Mar
- 7 Montijo-Marinhense
- 8 Burgos-Oviedo
- 9 Corunha-Real Madrid
- 10 Saragoça-Espanhol
- 11 Atalanta-Bolonha
- 12 Inter-Milan
- 13 Roma-Torino

Nas épocas anteriores...

Nos concursos n.º 26 das onze épocas anteriores verificaram-se as seguintes «chaves»:

1961 - 62	211	x12	12-	1x21
1962 - 63	112	xxx	11x	1111
1963 - 64	x11	x2x	111	12x1
1964 - 65	121	2x1	221	21x1
1965 - 66	11x	121	1x1	1122
1966 - 67	x21	2xx	111	1x11
1967 - 68	12x	111	x11	222x
1968 - 69	11x	x1x	122	12xx
1969 - 70	121	x12	x11	21xx
1970 - 71	1x1	121	xx1	1xx2
1971 - 72	2x2	222	121	12x1

a) Apenas no jogo n.º 10 ainda falta sair um dos três símbolos possíveis:

b) As tendências mais nítidas verificam-se nos jogos n.ºs 1, 3, 7, 9 e 10;

c) O jogo n.º 12 é o que mostra menos tendência para as vitórias dos visitados.

VAMOS FALAR DE SISTEMAS

Respondemos em primeiro lugar ao sr. Romeu de Almeida, de Braga, dizendo-lhe que o sistema que nos enviou para apreciação é destituído de qualquer interesse e não corresponde à verdade as garantias que o mesmo aponta, é mais um dos muitos casos de sistemas «milagreiros».

Ao sr. A. de Sousa, de Lisboa, dizemos que um sistema de correcção de erros (ou de tendências) poderá ser do maior interesse desde que seja bem aplicado. Têm estes sistemas a vantagem de poderem «acertar» em surpresas que nem mesmo

aqueles que o aplicaram poderiam esperar. Vejamos um exemplo: se jogamos com cinco triplas, onde a única condição é verificar-se a saída de, pelo menos, dois símbolos «1» pode acontecer que saiam apenas dois desses símbolos e que nos três restantes jogos se verifiquem vitórias dos visitantes que ninguém esperava... e quem assim jogou acertou naqueles cinco jogos e não faltaram depois os que falem em sorte. Consideramos este tipo de aposta como um dos melhores para o nosso Totobola... e temos conseguido bons resultados.

Salário mínimo na Argentina

«Nenhum jogador de futebol poderá receber um vencimento inferior ao salário mínimo vigente» — dispõe o Estatuto do Jogador de Futebol Profissional, em vigor na Argentina.

O Estatuto, velha aspiração do futebol argentino, mais de uma vez provocou movimentos colectivos dos jogadores, e ainda no ano passado foi responsável pela greve que paralisou o futebol por vários dias em todo o país.

GREVE NA COLÔMBIA

A Federação Colombiana de Futebol dissolveu a selecção nacional, que devia participar nos jogos de qualificação para o Campeonato do Mundo, devido aos jogadores terem entrado em greve para melhorar os seus salários.

A federação proibiu também os jogadores da selecção nacional de jogarem pelos seus clubes, no campeonato nacional, que está precisamente no começo.

De imediato não se sabe bem se o facto significa a completa retirada da Colômbia dos preliminares do Campeonato do Mundo.

CUBILLAS NA SUÍÇA

O Futebol Clube de Basel (da Basileia, Suíça) acaba de contratar o jogador peruano Cubillas. Ao Alianza de Lima serão pagos 8 milhões de solos pela transferência do jogador e o Basel, pagará 60 mil dólares por um ano de contrato a Cubillas.

ESPAÑA

O Real Madrid ofereceu ao Barcelona, numa bandeja, a possibilidade de se tornar campeão de Espanha, ao consentir um empate a zero no seu estádio, enquanto no outro duelo entre clubes das duas maiores cidades de Espanha o Espanhol derrotava o Atlético, por 2-1. A classificação geral ficou: 1.º Barcelona, com 32 pontos; 2.º Espanhol, 30; 3.º Real Madrid, 28 e Atlético Madrid, 27 pontos. No domingo, jogam entre si o Barcelona e o Espanhol, pelo que o campeonato poderá ficar decidido.



Fase do jogo Real-Madrid-Barcelona, que terminou em branco. Garcia Remon antecipa-se à tentativa de cabeceamento do catalão Barrios.

A surpresa da jornada foi a vitória que o Corunha conquistou em Valência, aos pupilos de Alfredo Di Stefano, por 1-0. Já se falava da saída de Di Stefano, até por haver litígio entre ele e os jogadores, mas esta derrota deve acelerar processo.

INGLATERRA

O Liverpool alcançou o Arsenal no topo da classificação da liga inglesa, ao bater o Ipswich, por 2-1. O Liverpool tem os mesmos 44 pontos, mas melhor «goal-average». Entretanto, os «tomba-gigantes» não apareceram na 5.ª eliminatória da Taça da Associação de Futebol, pois as equipas da primeira divisão saíram vencedoras no confronto com os clubes da divisão inferior. Apenas o Sunderland ia provocando uma surpresa mas não foi além de um empate a uma bola com o Manchester City.

Uma equipa da segunda divisão, contudo, passou à fase seguinte da competição: o Luton, que derrotou o Bolton por 1-0. O Luton interrompeu, assim, a

série de 26 vitórias consecutivas em casa do Bolton.

Dois dos principais corretores de apostas dão ao Leeds o favoritismo para conquistar a Taça, na proporção de sete para dois. A seguir, colocam o Arsenal (4-1), o Derby (9-2), o Chelsea (6-1) e o Manchester City (7-1).

GRÉCIA

O jogo Nicósia-Panathinaikos, do campeonato grego não chegou ao seu termo, pois a assistência irrompeu em campo, fazendo parar o embate entre o clube cipriota e a mais famosa equipa de Atenas. Na classificação geral, o Paok segue na vanguarda (com 55 pontos) seguido do Olympiakos (54), Panathinaikos (54) e Panahiki (47).

BRASIL

8 Depois de bater, em São Paulo, o Peñarol de Montevideo, por dois golos a zero, o Palmeiras (do Brasil) comanda a classificação da «Taça dos Libertadores», com dois jogos, duas vitórias e 5-2 em golos, seguido do Nacional e Botafogo

(com uma vitória) e o Peñarol, ainda a zero. Nos outros grupos da Taça, o «Wilsterman» de Dochacamba (Bolívia) bateu o São Lorenzo D'Almagro (da Argentina) por 1-0 e uma outra equipa argentina, o River Plate, derrotou o Oriente Petrolero, por 3-1.

A CASA DE PELÉ CUSTOU 10 MILHÕES

Pelé ainda não sabe exactamente quanto gastou na construção da casa que pretende inaugurar após o regresso da digressão do Santos, no próximo mês. Os responsáveis pela obra dizem que o seu custo se aproxima dos 10 milhões de cruzeiros.

A casa de três andares fica situada na Praça Nossa Senhora do Carmo, próximo ao Canal 7. Ninguém conseguiu, por enquanto, fotografá-la por dentro. A vigilância é constante e os empreiteiros cumprem rigorosamente a ordem deixada pelo famoso jogador, proibindo as visitas dos jornalistas e repórteres fotográficos.

Cada vez que Pelé viaja para o estrangeiro traz uma ideia nova. A casa é uma mistura de muitas coisas que ele observou por esse mundo fora, em 16 anos de viagens com o Santos e a selecção brasileira.

Pelé parece não se ter preocupado muito com a beleza das linhas, preferindo construir uma casa funcional, essencialmente técnica, a começar pelo comando electrónico do portão principal, pelo sistema de som estereofónico com 30 alto-falantes em todas as dependências, 10 aparelhos de ar condicionado, rádio activo atómico, 10 interfonos, 10 telefones e um elevador com capacidade para seis pessoas.

Só nos vidros «rayban», Pelé gastou 250 mil cruzeiros. A área lateral esquerda é ajardinada com plantas brasileiras e estrangeiras e dá acesso ao «playground» de plástico vitrificado. Há ainda uma piscina suspensa, de forma circular, com duas entradas, uma pelo elevador e outra por uma passarela directa que sai do terceiro andar, onde estão os dormitórios.

GENTE ANÔNIMA NO ESTÁDIO

A terça-feira, já estão ultrapassados os comentários dos especialistas, já as informações dos técnicos são poeira que o vento levou na confusão enorme de produtos desportivos vendidos através da Rádio e da Imprensa e da TV em menos de vinte e quatro horas de actividade. Fica apenas a voz anónima da gente que alimenta a máquina, o «Zé da geral» que acorre ao futebol faça chuva ou sol. Como estes quatro rostos apanhados na multidão do Jamor, após a vitória do Sporting sobre o Montijo.



Luis de Almeida, serralheiro mecânico à semana e porteiro no estádio da Luz ao domingo, esteve ontem no Jamor a ver o jogo «O Sporting pareceu-me um bocadinho melhor. Pelo menos já vi jogos em que não se aproveitava nada. Claro que é preciso ver que o Montijo não pode oferecer grande resistência, pois não tem os jogadores que o Sporting tem»



António João Martel, bobinador e actualmente militar, opinou assim: «Achei o Sporting melhor que contra o Benfica, mas o adversário também é mais fraco. Cá para mim precisa doutro treinador. Há um rapaz que anda comigo na tropa e que é jogador do Sporting que diz que o Allen não serve. Acho que o Fernando Vaz seria melhor. Também faz falta um avançado para ajudar mais o Yzalde que joga muito sózinho»



Maria Madalena Martins da Cruz, jovem estudante foi ao Jamor com o pai: «Não percebo nada de futebol. É a primeira vez que venho ver o Sporting. Gostei mais ou menos. Eu sou do Montijo e acho que ele não vai descer»



Jorge Salgado, mecânico: «Achei o Sporting muito fraco pois devia ter jogado mais contra uma equipa que só luta para não descer de divisão. Está a jogar muito pouco realmente. Deviam chamar o Pedroto para treinador. Ele é que sabe. E deviam ter melhor organização pois jogadores não lhes faltam»

NOTÍCIAS E FACTOS

SETÚBAL: Classificações finais das provas organizadas pela Associação de Futebol de Setúbal — **Campeonato de reservas:** 1.º Vitória (6 jogos, 6 vitórias e 18 pontos); 2.º Cuf (13 pontos); 3.º Sesimbra (9 pontos) e 4.º Jovana da Piedade (8 pontos). **Juniors:** 1.º Vitória (60 pontos); 2.º Sesimbra (57) e 3.º

CUF (52). Torneio complementar de seniores: 1.º Montijo (5 pontos em 2 jogos), 2.º Cuf (5) e 3.º Vitória (2). A propósito: com estes dois jogos oficializados, Octávio, que havia sido expulso no jogo da 1.ª Divisão com o Sporting, acabou de cumprir o seu castigo. **Juvenis:** Apuraram-se para a Taça Nacional de Juvenis, os três primeiros de cada série (Vitória, Sesimbra e Sarilhense, por esta ordem, na série A e Amora, Montijo e Barreirense, na série B) mais CUF que derrotou o Almada no jogo de apuramento. O campeão regional é o Vitória.

SORTEIOS: Os sorteios do torneio complementar de juniores e do campeonato distrital de iniciados, da Associação de Futebol de Setúbal realizam-se amanhã às 21 e 30, na sede da Associação.

TIRO AOS PRATOS: A Comissão de Festas do Clube Desportivo de Mafra, em continuação de programas que vem realizando para angariação de fundos, leva a efeito em data a designar, um torneio de tiro aos pratos a nível nacional, com a participação dos melhores atiradores do País.

TIRO AO VOO: O Clube Português de Tiro a Chumbo organiza quatro provas de tiro ao voo, com prémios totais de 300 contos. Datas: 23 de Março (na distância de 22,24, 26 e 28 metros e prémios de 60 contos); 24 de Março (taça e 80 contos, distância de 26 metros) e 25 do mesmo mês, na distância «handicap», com o maior prémio, 100 contos.

CICLISMO EM AVEIRO: No dia 4 de Março a Associação de Ciclismo de Aveiro organiza a 1.ª prova do seu campeonato regional de fundo, para populares, na distância de 84 quilómetros. Partida e chegada em Sangalhos.

ADEUS, AMADORIS. MO: Bob Beamon, recordista mundial e olímpico do salto em comprimento, com 8,90 metros, tornou-se profissional. Beamon, cujo «record» foi estabelecido na Cidade do México em 1968, estreia-se como profissional em Los Angeles, no dia 24 de Março. Conta, actualmente, 26 anos.

BOA COMPRA: Chama-se Rábida e é fisicamente parecido,

com Pelé o novo «astro» do futebol do Sporting de Luanda, adquirindo ao União de S. Paulo pela fabulosa (para o meio) quantia de 60 contos.

SALGUEIROS: Os dirigentes salgueiristas, Toni Dantas e António Zenha, convidaram os representantes da Imprensa para um almoço que, serviu para testemunharem aos órgãos da Informação o agradecimento pelo apoio dado ao Salgueiros.

No dizer de Toni Dantas, o **Salgueiros carece do auxílio de todos».** **SEGUROS E FUTEBOL:** O Sindicato de Seguros do Porto tem vindo a promover a quarta edição dos Jogos Desportivos dos Seguradores do Norte, que inclui vinte modalidades. O torneio de futebol conclui-se com um jogo que estava em atraso entre as equipas da Tranquilidade e da Mutual. O empate registado (1-1) possibilitou à primeira turma a conquista do troféu atribuído pela organização.

«RECORD» EM PISTA COBERTA: Em Lyon, a búlgara Zlateva melhorou a sua própria marca mundial dos 800 metros, correndo a distância no tempo

de dois minutos, dois segundos e nove décimos. O antigo «record» da atleta da Bulgária era dois minutos, três segundos e dois décimos. Entretanto, Amelie Ehrhardt e Doris Selmgkeit igualaram o «record» mundial feminino das 100 jardas, nos campeonatos alemães orientais de atletismo, também em pista coberta, disputado em Cottbus.

Ambas gastaram 10,69 segundos, pelo que igualaram a marca estabelecida, há treze anos, pela norte-americana Wilma Rudolph.

Nos 400 metros femininos, Renate Siebach igualou o record europeu de 53,1 segundos, que fora estabelecido pela atleta federal alemã Christel Fose.

VETERANOS: A selecção de jogadores veteranos de futebol, recomeça a sua preparação, com uma certa regularidade, no próximo dia 2 de Março, no estádio de Alvalade, às 18 e 30. Objectivo: preparar uma equipa para jogar, no Canadá, Estados Unidos e no Ultramar. O seleccionador é o popular Chico Ferreira.

nhã de ontem ao hasteamento da bandeira na sede do clube, e pouco depois foi rezada uma missa por alma dos sócios e atletas falecidos. Houve também uma romagem ao cemitério da Senhora da Hora.

BADMINGTON: Com a realização das últimas eliminatórias, ficaram apurados os campeões lisboetas de «badminton». Em pares, o título acabou por premiar o conjunto mais regular de todo o torneio: efectivamente Susana-Pinto Costa, acabaram por impor a sua classe, vencendo na final o par Isabel Cruz-João Cruz (do Badminton Clube de Portugal) por 2-0. Em singulares-homens, o campeão de Lisboa é João Rega do Benfica. Em singulares-senhoras, o título foi conquistado por Ivone Armstrong (que não teve adversária na final), enquanto em pares-homens, o título acabou por sorrir ao par, P. Costa-José Mega.

TÊNIS DE MESA: A Associação de Lisboa resolveu trocar as datas da 6.ª jornada do seu campeonato regional de equipas, juniores. Do dia 5, passa para 9 de Março, mantendo-se o mesmo horário.

Totobola O NOSSO PALPITE

FRANÇA - PORTUGAL	2
Braga - Gil Vicente	1
Sanjoanense Covilhã	1
Espinho - Oliveirense	1
Varzim - Academica	X
Salgueiros - Vilanov.	1
Tirsense - Famacão	1
Olhanense - Oriental	1
Almada - Marinhense	2
Seixas - Peniche	X
Cardas - Piedade	1
Sintrense - Framagal	1
Sacaven - Nazarenos	1

FUNDOS DE ESTADO

	Elect. Compra	Venda
Cons 2 3/4	461\$	460\$
Cons 3 1/2	499\$	499\$
Cons 3 1/2	588\$	588\$
Centenários	1.298\$	1.298\$
Tes 5 % 57	1.011\$	1.011\$
Tes 5 % 59	1.011\$	1.011\$
Extern 1 a c	632\$	632\$
Extern 3 a c	634\$	634\$
Extern 3 a c	720\$	720\$
Caut 3 a s	730\$	730\$

FUNDOS PÚBLICOS

A Lx 6 %	900\$	900\$
C M L 5 3/4	1.015\$	1.015\$
C P 5 5 %	980\$	980\$
C P 5 5 %	980\$	980\$
C P 5 5 %	980\$	980\$
Corr 5 3/4	995\$	995\$
Metr 5 3/4	1.025\$	1.025\$
Tur 5 3/4	1.025\$	1.025\$
C P 6 3/4	1.030\$	1.030\$

ELECTRICAS

G 5 %	58	850\$	850\$
G 5 %	59	870\$	870\$
G 5 %	62	950\$	950\$
G 5 %	63	950\$	950\$
G 5 %	64	950\$	950\$
G 5 %	65	950\$	950\$
G 6 %	67	960\$	960\$
G 6 %	69	960\$	960\$
G 7 %	71	1.040\$	1.040\$
H E C 5 %	750\$	750\$	750\$
H E C 5 %	750\$	750\$	750\$
H E C 5 %	960\$	960\$	960\$
H E N P 5 %	940\$	940\$	940\$
H E S E 5 %	950\$	950\$	950\$
H E Z 5 %	940\$	940\$	940\$
N E C 5 %	750\$	750\$	750\$
N E C 5 %	965\$	965\$	965\$
Termoe 5 %	60	750\$	750\$
U E P 5 %	63	950\$	950\$
U E P 5 %	940\$	940\$	940\$
U E P 5 %	940\$	940\$	940\$

DIVERSAS

A P T 5 %	56	860\$	860\$
A P T 5 %	58	980\$	980\$
Lisnave 6	860\$	860\$	860\$
Nitratos	1.020\$	1.020\$	1.020\$
Pel 2 a	955\$	955\$	955\$
Sacor 7	860\$	860\$	860\$
Sacor 5 %	54	955\$	955\$
Sacor 5 %	60	860\$	860\$
Sid 5 %	2 a	740\$	740\$
Sid 5 %	3 a	740\$	740\$
Sid 5 %	4 a	935\$	935\$
Socel 5 %	940\$	940\$	940\$
U Fabril 67	935\$	935\$	935\$
U Fabril 68	940\$	940\$	940\$

ULTRAMARINAS

Carboni 5 %	57	550\$	550\$
Rev 5 %	59/60	810\$	810\$
Rev 5 %	59/60	810\$	810\$
Moqamb 5 %	59/60	810\$	810\$
Sonefe 5 %	59/60	810\$	810\$

ACÇÕES

De Bancos	
Pinto & Sotelo Mayor	18.600\$ 18.600\$
Apicultura	5.600\$ 5.600\$
Alentejo	2.400\$ 2.400\$
Angelo	5.400\$ 5.380\$
Cred Predial	5.830\$ 5.820\$
Esp Santo	18.850\$ 18.800\$
Fomento	5.580\$ 5.550\$
F & Burnay	7.500\$ 7.500\$
N Ultr m	6.200\$ 6.200\$
N Ultr c	9.400\$ 9.400\$
Portugal n	5.400\$ 5.350\$
Portugal p	8.500\$ 8.500\$
P Atlântico	16.450\$ 16.400\$
Totta & Açores	8.800\$ 8.800\$
Algarve	3.150\$ 3.120\$
Borges & Irmão	8.400\$ 8.400\$

J. BURNAY, LDª

Notas estrangeiras
Papéis de crédito

RUA DO OURO, 72 TEL. 321273



Banco Borges & Irmão
Índice de cotação das acções (Base: Dez 857.000)

	20-2-73	26-2-73	27-2-73
GERAL	282,2	275,6	277,2
METROPOL	293,7	286,3	288,8
ULTRAM	198,2	197,0	192,0

De Seguros

Alentejo	580\$	570\$	585\$
Bonança	21.000\$	16.000\$	16.000\$
Imperio	42.000\$	46.000\$	46.000\$
Mundial	2.780\$	2.780\$	2.800\$
Soberana	8.400\$	8.400\$	8.400\$
Tranquilidade	8.400\$	8.400\$	8.400\$

Electricas

C P E p	1.250\$	1.250\$	1.260\$
C P E n	1.190\$	1.180\$	1.200\$
E Berris	1.820\$	1.845\$	1.845\$
G Elec c	345\$	348\$	348\$
H E A A	169\$	169\$	169\$
H E N P	1.600\$	1.750\$	1.750\$
H E S E	1.800\$	1.815\$	1.815\$
U E P	1.800\$	1.815\$	1.815\$

Ultramarinas

Ag Cassequei	990\$	980\$	995\$
Ag Incomati	210\$	210\$	210\$
Ag S T e P	2.000\$	2.000\$	2.050\$
Alg Angola	295\$	295\$	300\$
Ang Agric	680\$	670\$	680\$
Boror	88\$	88\$	90\$
Boror Com	88\$	88\$	90\$
Buzi	88\$	88\$	90\$
Cabinda	88\$	88\$	90\$
Com Lobito	645\$	640\$	645\$
D A T 100	2.300\$	2.300\$	2.300\$
H E Revue	540\$	540\$	540\$
I do Princ	500\$	500\$	500\$
Moqambique	350\$	340\$	350\$
Sonefe n	400\$	400\$	400\$
Sonefe p	80\$	80\$	80\$
Zambezia	80\$	80\$	80\$

Diversas

Ag Lx ant	845\$	840\$	850\$
Ag Lx 34	840\$	840\$	840\$
Ag Lx 36	840\$	840\$	840\$
Cel Guadiana	6.000\$	6.000\$	6.000\$
C Leiria p	18.500\$	18.200\$	18.500\$
C Tejo p	51.000\$	50.000\$	52.000\$
F Ramada	1.420\$	1.400\$	1.420\$
Fornos Elect	285\$	285\$	290\$
P Celulose	6.100\$	6.000\$	6.200\$
Siderurgia p	7.300\$	7.300\$	7.300\$
Siderurgia n	4.150\$	4.100\$	4.200\$
Socel	5.000\$	5.000\$	5.000\$
Cidla	9.550\$	9.500\$	9.550\$
C U F	3.650\$	3.600\$	3.650\$
Intar	605\$	605\$	610\$
Nitratos	1.200\$	1.200\$	1.210\$
Petroquímica	1.200\$	1.200\$	1.220\$
Sacor	5.120\$	5.100\$	5.120\$
Tab Portugal	7.600\$	7.600\$	7.600\$
Tabaqueira	11.600\$	11.600\$	11.700\$
U F Azoto	840\$	830\$	840\$
Empor	550\$	550\$	550\$
Ind Aliança	1.550\$	1.550\$	1.550\$
I P Colón	1.550\$	1.550\$	1.550\$
Nac Naveg	1.550\$	1.550\$	1.550\$
Naveg (Col)	1.550\$	1.550\$	1.550\$
P Pesca	1.150\$	1.100\$	1.180\$
Matut	2.900\$	2.900\$	2.900\$
R Marconi	1.810\$	1.810\$	1.850\$
TAP	1.400\$	1.390\$	1.410\$
Compal	7.000\$	7.000\$	7.000\$
Salvor	1.850\$	1.850\$	1.950\$
Penina	2.700\$	2.700\$	2.700\$
Lisnave	15.970\$	15.970\$	16.000\$

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico	205\$30	201\$50
SIDES	205\$30	201\$50

COTAÇÕES

PAÍSES	COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul Rands	30\$00	33\$00
Alemanha Marco	8\$60	9\$00
América	24\$30	25\$20
Dollars de 1 a 2	24\$70	25\$60
Dollars de 5 a 20	25\$00	25\$90
Dollars de 50 a 1000	25\$00	25\$90
Argentina Peso Novo	1\$20	1\$26
Austria Schilling	\$61,5	\$65
Belgica Franco	3\$60	4\$40
Brasil Cruzeiro	24\$50	25\$40
Canada Dólar	3\$90	4\$30
Dinamarca Coroa	\$42	\$46
Espanha Peseta	5\$35	5\$70
Francia Franco	8\$55	8\$95
Holanda Florim	61\$50	64\$50
Inglaterra Libra	\$04	\$044
Italia Lira	5\$000\$	5\$000\$
Marrocos Dhran	4\$10	4\$45
Noruega Coroa	5\$45	5\$85
Suécia Coroa	7\$65	8\$05
Suica Franco	600\$00	650\$00
Ouro	630\$00	670\$00
Ouro fino Barra	70\$00	76\$00
Inglaterra Libra Isabel	600\$00	650\$00
Inglaterra 1/2 Libra	630\$00	670\$00
Ouro fino Barra	70\$00	76\$00

BANCO DO ALENTEJO

GESTÃO DE CARTEIRAS DE TÍTULOS
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

Praca D. João da Câmara, 18 - Tel. 328645
Rua do Ouro, 52 - Tel. 30309

televisão

HOJE
1.º Programa (22.00)
Noite de cinema
TOTÓ DESCEU À CIDADE

2.º Programa (22.25)

Série Policial
«Os Protectores»

MADEIRA SIEMENS

O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa	12.45 Abertura e Circo
1.º Período	13.00 Fronteiras do amanhã
	13.16 «Debbie Reynolds»
	13.45 Telejornal - 1.ª edição
	14.00 O Livro à procura do leitor
	14.15 Logo à noite
2.º Período	14.40 Ciclo Preparatório TV
	19.00 TV Educativa
	19.30 Telejornal - 2.ª Edição
	19.45 TV Infantil
	20.00 Dimensão
	21.00 Frente a frente
	21.30 Telejornal - 3.ª edição
	22.00 Noite de cinema «Totó desce à cidade»
	23.45 Telejornal - 4.ª edição
	00.00 Meditação e fecho.
2.º Programa	20.30 Abertura e desenhos animados
	20.45 O Livro à procura do leitor
	21.00 «Debbie Reynolds»
	21.30 Telejornal - 3.ª edição
	22.00 Século XXI
	22.25 «Os Protectores»
	22.50 Tempo Internacional
	23.15 Canções pelo Coral Phidellius
	23.35 Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa	12.45 Abertura e Zé Colmeia (Desenhos animados)
1.º Período	13.00 Feminino singular
	13.15 Gente miúda
	13.45 Telejornal - 1.ª edição
	14.00 Portugal no Mundo
	14.15 Logo à noite
2.º Período	14.40 Ciclo Preparatório TV
	19.00 TV Educativa - Iniciação Desportiva
	19.30 Telejornal - 2.ª edição
	19.45 Vámos jogar no Tóboia
	20.00 Motres em marcha
	20.30 Eurovisão - Campeonato do Mundo de Patinagem Artística
	21.30 Telejornal - 3.ª edição
	22.00 Música para olhar
	22.30 Evasões célebres
	23.45 Telejornal - 4.ª edição
	23.50 Meditação e fecho.
2.º Programa	20.30 Abertura e Gente Miúda
	21.00 Portugal no Mundo
	21.15 Desenhos animados
	21.30 Telejornal - 3.ª edição
	22.00 Eurovisão - Campeonato do Mundo de Patinagem Artística
	23.20 Fecho.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	56 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Aguas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo

09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava geralmente muito nublado em várias regiões do Norte e Centro e o vento era fraco a moderado predominando de Norte.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	11.º
P. DOURADAS	4.º
COIMBRA	10.º
PORTALEGRE	9.º
LISBOA	11.º
FARO	13.º
FUNCHAL	14.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Faro	Máxima	22.º
------	--------	------

Penhas da Saúde
Mínima 3.º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	13,2.º
Atmosfera	11,5.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
12.22 2,9 m	17.57 1,8 m

Dia 28

0.49 3,1 m	6.43 1,6 m
13.28 3,0 m	19.00 1,6 m

Dia 1

1.47 3,3 m	7.35 1,4 m
14.18 3,2 m	19.48 1,4 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado a norte do rio Tejo e geralmente pouco nublado para Sul; vento fraco ou moderado a Norte e Noroeste; períodos de chuva fraca ou chuvisco na faixa costeira para norte do rio Mondego.

AMANHÃ

NAScer ÀS 8.12
OCASo ÀS 19.29

DIA 5	DIA 11	DIA 18	DIA 26
-------	--------	--------	--------



Teatro e Cinema

cinemas

LISBOA

TURNO L-1
(ATE AS 22 HORAS)

AJUDA:
Teles, R. João de Barros (T. 63449)

ALVALADE:
Aveiz, Av. de Roma, 56-B (T. 715370); Brasília, Av. Rio de Janeiro, 68 (T. 722368)

ARCO DO CEGO:
Palma, Av. Duque de Avila, 25-31 (T. 47088)

ARROIOS:
Matos, R. Alvaro Coutinho, 10 (T. 821671)

AVENIDA DA LIBERDADE:
Nacional, R. do Salitre, 7 (T. 46858)

AVENIDAS NOVAS:
Avenidas, Av. da República, 27-A (T. 533688); Galeno, Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (T. 774920)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO:
Assenso, P. do Norte, 11-A (T. 311216)

BAIXA:
Nacional, R. do Salitre, 7 (T. 46858); Americana, C. de Santana, 3 (T. 863984)

BENFICA:
Souza, E. de Benfca, 429 (T. 760027)

CAMPOLIDE:
Gomes, R. Rodrigo da Fonseca, 101-A (T. 682333)

CAMPO DE OURIQUE:
Ourique, R. Freitas Gazul, 23-B (T. 671867)

CONDE REDONDO:
Capucho, R. Luciano Cor.

GRACA:
Rosa e Viçegas, R. de S. Vicente, 31 (T. 864351)

LAPA:
Central, R. dos Navegantes, 10 (T. 661734)

LUMIAR:
Alameda, Al. das Linhas de Torres, 201-B (T. 790942)

PENA:
Americana, C. de Santana, 3 (T. 863984)

SANTA CATARINA:
Combro, C. do Combro, 78 (T. 328059)

SÃO SEBASTIÃO DA PEDREIRA:
Aguilar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (T. 768343/764629)

S. VICENTE:
(Ver Gracia)

SETE RIOS:
Aguilar, Av. Bordoal Pinheiro, 93-A (T. 786343)

XABREGAS:
Salter, R. de Xabregas, 63 (T. 381185)

TURNO L-2 (TODA A NOITE)

ALCANTARA:
Lealade, R. do Olival, 226 (T. 663441)

ALFAMA:
Nacional, R. S. João da Praça, 26 (T. 863632)

ALVALADE:
Carlaxo, Av. da Igreja, 21-C (T. 778358); Nova Lisboa, R. Guilhermina Suggia, 12 (T. 727721)

AREEIRO:
João XXI, Av. João XXI, 16-A (T. 726462)

BAIRRO ACTORES:
Esperança, R. Carlos Mar-del, 101-B (T. 722868)

BAIRRO ALTO:
Azevedos, R. da Misericórdia, 24 (T. 323540)

BELEM:
Remiso, R. dos Jerónimos, 14-C (T. 631699)

BENFICA:
LIBOA: R. Cláudio Nunes, 73-A (T. 703393)

BOA HORA:
Sepol, C. da Boa Hora, 94-A (T. 631958)

CAMPOLIDE

Patric, C. dos Metres, 30-A (R. das Amoreiras) (T. 880627)

AMPO DE OURIQUE:
Castro, R. Quanto de Infancia, 28-A (T. 688857)

CARNIDE:
Leal de Matos, R. Neves Costa, 33 (T. 780181)

ESTEFANIA:
Estefânia, R. Pascoal de Melo, 90 (T. 444368)

GRACA:
Santo Antonio, R. Leite de Vasconcelos, 72-C (T. 862333)

LUMIAR:
S. Torre, E. do Desvio, lote 12-C (T. 790704)

MOURARIA:
Bastos, C. de Santo Andre, 107 (T. 860453)

OLIVAS:
Nova, lote 469 (Olivais Sul) (T. 318402)

PENHA DE FRANCA:
Carrondo, R. Padre Sena de Freitas, 10-A (T. 842518)

PICHELEIRA:
Luzmar, R. João Nascimento, 18-A (T. 728395/720703)

RATO:
D. João V, R. D. João V, 16 (T. 682772)

S. MANDE:
Marçal, R. de S. Marçal, 100 (T. 325319)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA:
Bairro Azul, Av. Ressano Garcia, 7-A (T. 51461); Nova, Av. Luis Bivar, 11 (T. 44324)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS:
Miramar, R. Ernesto Silva, 81 (T. 212048)

CAXIAS:
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 242839)

PAÇO DE ARCOS:
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039)

OEIRAS:
Alcantara Guerreiro, P. Residencial dr. Augusto de Castro Lote 10 (T. 2430691)

FAREJE:
Grincho, Av. da República, 87 (T. 2471204)

S. JOÃO DO ESTORIL:
S. João, (Tel. 261186)

MONTE ESTORIL:
Costa, Av. Saboria, 29-B (Tel. 260085)

CASCAIS

Misericórdia, R. Regimento 19,41 (Tel. 280141); Cascais, R. Conde Monte Real - B.º Caixas (Tel. 282407)

LINHA DE SINTRA

AMADORA:
Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019); Flama, R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485); Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel. 9381490)

DAMAIA:
Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (Tel. 970523)

QUELUZ:
André, Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (Tel. 951841)

CACÉM

Central, R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)

MEM MARTINS:
Quilma, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA:
Valentim, (Tel. 980456)

SINTRA:
Marrazes, L. Afonso Albuquerque (Tel. 980058)

COLARES:
Colares, Abreja, (Tel. 290886)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE:
Munoz, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137)

ALHOS VEDROS:
Gomes, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020)

ALMADA:
Algarve, R. Fernão Lopes, 1 (Tel. 270271)

BAIXA DA BANHEIRA:
Alfama, Est. Nacional, 174 (Tel. 224302)

BARRERO:
Avenida, Av. Alfredo da Silva, 88 (Tel. 2273212)

COVA DA PIEDADE:
Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 31-A (Tel. 274356)

MOITA:
Silva Rocha, P. da República, 16 (Tel. 239029)

MONTIJO:
Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (Tel. 230156)

SESIMBRA:
Leão, Av. Salazar (Tel. 229471)

SETÚBAL:
Costa, L. da Misericórdia (Tel. 22760); Brasil, P. do Brasil (Tel. 24788)

SEIXAL:
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560)

PORTO

4.º TURNO

SUB-TURNO A:
Boavista (da), Rua da Boavista, 601; Cosme, Rua Costa Cabral, 584; S. Diniz, Rua S. Diniz, 428; S. Pedro, Rua Santos Pousada, 71; Vitalia, Praça da Liberdade, 34-37

SUB-TURNO B:
Alberto Ferreira, Rua da Estação, 100; Antero de Quental, Rua Antero de Quental, 520; Antunes, Rua do Bonjardim, 485; Cardosa dos Santos, Rua D. Manuel, 90; Merculano, Rua Alex Merculano, 384

SUB-TURNO C:
M. Nazaré, Av. João das Regras, 132 (Tel. 23033); Figueiredo, R. da Sofia, 107-109 (Tel. 22837)

COIMBRA

TURNO C

M. Nazaré, Av. João das Regras, 132 (Tel. 23033); Figueiredo, R. da Sofia, 107-109 (Tel. 22837)

CINEMA CASTIL

(Tel. 530194)
15.00 - 17.00 - 19.00 e 21.45
Grupo B (10 anos)
4.ª semana
Technicolor. Barba Streisand e Ryan O'Neal em "QUESE PASSA DOUTOR". Rua Castilho - Metro Rotunda. Estacionamento Parque Castil.

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
4.ª semana
"EM NOME DO POVO ITALIANO" de Dino Risì com Vittorio Gassman e Ugo Tognazzi. Eastmancolor.

SATÉLITE (Tel. 555131)
15.30 - 18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
3.ª semana
"O ÚLTIMO A RIR" um filme de Alain Tanner

IMPERO (Tel. 555134/5)
Estreia
21.30
(Grupo D-18 anos)
Um filme de Sergio Corbucci "O CANTICO DA NAVALHA". Adriano Celentano, Claudia Mori. Eastmancolor. As 15.15. "TCHAIKOVSKY". (Grupo B-10 anos). Sessão clássica, amanhã às 18.30, adultos. A revelação do cinema polaco "O FARO" de Jerzy Kawalerowicz. Scope - Eastmancolor (Metro: Alameda)

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30-18.30-21.45
(Grupo D-18 anos)
A obra completa de JEAN VIGO. A Propósito de Nice (c. m.) Taris (c. m.) Zero em comportamento Alante

CASINO (Tel. 2642/264949)
17.00 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
"OS IMPOSTORES".

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30, 18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
7.ª semana
Uma adolescente, os sonhos a imaginação... o amor! "DESEJO DE AMAR". Isabele Adjani Muriel Catala.

MUNDIAL (Tel. 538743)
18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
2.ª semana de êxito
Jacqueline Bisset, Stella Stevens e Lee Prael na comédia colorida sobre o desejado movimento de libertação feminino "QUANDO AS MULHERES QUEREM". Um frente a frente com todas as possíveis vantagens para elas! Só a noite no "oyer" novo - Jorge Pontes e sua guitarra

ROYAL

(Tel. 865037)
15.00 e 21.00
(Grupo D-18 anos)
"O ÚLTIMO RESGATE", em complemento "MINHA FILHA NÃO É MINHA".

ODEON (Tel. 326283)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo C (14 anos)
Colorido
A grande Carmen Sevilla na história de dois amores
"RELICÁRIO". A famosa canção gpa-dilla. A Faria de tourões com corridas de gala.

ROMA (Tel. 727778)
15.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
2.ª semana
"ENCONTRO COM UMA MULHER DE 30 ANOS". Massimo Ranieri e Florindo Bolkan. Eastmancolor. Amãhã às 18.45. (Grupo B-10 anos)
"COMO ROUBAR UM MILHÃO".

ALVALADE (Tel. 717460)
15.15 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
Um filme de Joseph Losey "EVA". Jeanne Moreau Standley Baker. (3.ª semana)

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
Por amor a César por amor a David. Entre dois amores... Rosalia "CESAR ET ROSALIE". Yves Montand, Romy Schneider. Eastmancolor.

EDEN (Tel. 320788)
Estreia
21.45
(Grupo D-18 anos)
"OS NOIVOS DE MINHA MULHER". Alfredo Landa (o delicadinho), Esperanza Roy. Technicolor-Scope. As 15.30 e 18.30. "OS JUSTICEIROS". (Grupo C-14 anos)

LONDRES (Tel. 731313)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
15.ª semana, colorido. A estrela do ano Liza Minnelli "CABARET". (Adeus Berlin) Snack-Bar - Pub-The Flaz. o melhor encontro gastronómico.

POLITEAMA (Tel. 32305)
15.15, 18.15 e 21.45
(Grupo C-14 anos)
2.ª semana, Richard Harrington e Donald O'Brian no filme "2 IRMAOS NUM LUGAR CHAMADO TRINITA". Riso e acção explosiva

IMPERIAL

(Tel. 821933)
15.00 e 21.00
(Grupo D-18 anos)
"O GATO DAS 7 VIDAS" em complemento "O LONGO DIA DO ÓDIO

LYS (Tel. 48560)
15.00 e 21.00
(Grupo D-18 anos)
Continuação de estreia - 2.ª semana
"O GOSTO DA VINGANÇA" e em complemento "UM HOME DE QUEM EU GOSTO".

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15 - 18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
5.ª semana
Colorido. Nem tudo na estãtua estava certo... "A ESTATUA" com Vima Lili e David Niven.

S. JORGE (Tel. 5453/4)
15.15, 18.15 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
Michael Caine aposta a vida... mas faz "PULP". BATOTA: NO JOGO. Mickey Rooney Elizabeth Scott.

BERNA (Tel. 778098)
15.15, 18.30 e 21.45
2.ª semana
(Grupo B-10 anos)
Technicolor. Jerry Lewis. "AS NOITES LOUCAS DO DR. JERRYLL".

AVIZ (Tel. 47183)
15.30 e 21.45
(Grupo B-10 anos)
57.ª semana Record de exibição em Portugal! "TRINITA COW-BOY INSOLENTE" com Terence Hill e Bud Spencer. Color-Scope

APOLLO 70 (Tel. 763319)
15.15, 18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
10.ª semana
Technicolor. Genial! "O GRANDI CONQUISTADOR" com Wood Alle

CONDES (Tel. 322523/326710)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
2.ª semana
Trish Van Devere, Monte Markham Janet Leigh, Melvyn Douglas "MULHERES SEM MARIDO Ela muda de vida... quando o marido mudou de ideias.

VOX (Tel. 720808)
15.15, 18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
O mais ousado filme de Otto Perninger "AMANTES DESCONHECIDOS". Technicolor

BARS BOITES

FANTASMA-Dancing Caveau com variedades. Maria Helena Odete Maria. Domingos Ramos e o fabuloso Tony Sandro e Garcia e o seu conjunto R. Gomes Freire, 145-B Aberto das 18h às 21 h e das 22.30h às 05.00h.

TAMILA - Marão e s/ conjunto "Matinees" todos os dias. Encerra aos domingos. Avenida Duque de Loulé 69. Tel. 534117.

LUSO - Grande elenco de folclore fado de Lisboa por Augusta Erminda e Jose Luis Tomar. fado de Coimbra por Americo Silva. fado de castiço Cristina Maria. Travesa da Queimada, 10. Tel. 362889. Aberto todos os dias.

HIPOPÓTAMO - Com Helder Reis Encerr. aos domingos. Av. Antonio Augusto de Aguiar, 5-A. Tel. 48384

PRINCEPE NEGRO - Dancing com variedades Calçada da Glória, 2. Tel. 368987.

EL CIDE - Dancing com o conjunto "X 4". Rua Bernardo Lima, 18-A (Ao conde Redondo). Tel. 500538 Com variedades

SAN-PAYO - Bar boite c/musica constante. Aberto até às 5h da madrugada. Rua Rodrigues Sampaio, 34. Tel. 561422. (Ar condicionado)

CASEBRE - Rua da Barroca, 133. Tel. 369760. Encerrado aos domingos Cantam Carlos Barria Deolinda Rodrigues e Nazaré. A 100h convidado special em tempo-show. Folclore pelos cinco tipicos de Vila Franca de Xira. Tocam Carvalhinho e Julio Gomes

FRAGATA REAL - Maria Valejo Maria João Nelo e Joaquim Campos em Fado Lisboa. João Queiroz em Fado de Coimbra. acompanhamento de Antonio Parreira e Francisco Gonçalves. Artistas convidados Ana Rosmarinho, Natalia Desjeos e João Cabral. Trav. S. Miguel, 22. Alfama-Tel. 86552

JACO - Dancing c/musica ambiente com singing quarteto. Rua Camilo Castelo Branco, 23-A

FORCADO - Elenco Mariana Silva. Isabel de Oliveira Francisco Marinho, Maria de Portugal, João Alberto, Manuel Martins. Folclore pelos 5 Tipicos de Vila Franca de Xira. Ar condicionado. Rua da Rosa, 221-Tel. 368579.

SOLAR DA HERMINIA - Herminia Silva, hoje e sempre Largo Trindade Coelho n.º 10 e 11 Encerra aos domingos Tel. 320164

CASINO ESTORIL - Jogo autorizado. Variedades internacionais. Telefones 26461, 264526, 264596, 264621 e 264946

NINA - Dancing com atrações. Rua Paiva de Andrade, 7-13. Tel. 34859/365167

LISBOA/Teatros

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
"Cá vamos pagando e rindo".

VARIEDADES
21.45 (14 anos)
"Sua Excelência o Pendura".

CAPITÓLIO
21.45 (18 anos)
"Sexo, nunca! Somos britânicos".

A.B.C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
"É o fim da macacada".

MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
"Mulheres é comigo".

TRINDADE
21.45 (18 anos)
"Adriano VII".

LISBOA/Cinemas

CINEARTE
21.00 (14 anos)
"Os profissionais".

OLIMPIA
19.00 (14 anos)
"As Balas do Ódio".

JARDIM CINEMA
21.30 (18 anos)
"Os amores de uma loira" e "Black Jack".

MAYER
21.00 (18 anos)
"Fuga para a Liberdade".

MOSCAVIDE
21.00 (18 anos)
"Um príncipe nas Lonas".

PROMOTORA
21.00 (10 anos)
"Os guerreiros".

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (4 anos)
"A lha do vitorio".

OEIRAS
Cine
21.00 (18 anos)
"A Rapariga dos olhos verdes".

PARADE

Royal Cine
21.15 (17 anos)
"A viúva que não casou".

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.30 (18 anos)
"Os Impostores".

CASCAIS
S. José
21.30

DL / ÚLTIMAS



RENASCENÇA GRAFICA S. A. R. L.
PROPRIETARIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1 92.º E-4.º
TELEF. 654531/234
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA DA ROSA, 44
END. TEL. DIBOA, 57
LISBOA-PORTUGAL

Recenseamento em Peniche

Começou a funcionar no sábado passado em Peniche um posto de Informações do Recenseamento que terá o seguinte horário: de segunda a sexta-feira entre as 18 e as 20 e entre as 21 e as 23 horas; e aos sábados e domingos das 16 às 20 e das 21 às 23 horas.

A Comissão de Informação e Promoção do Recenseamento daquele concelho composta por 61 membros, homens e mulheres, elaborou um documento intitulado «Apelo de Recenseamento» que vai distribuir publicamente.

O HOSPITAL DE MAFRA NÃO TEM OFTALMOLOGISTA

MAFRA, 27. A par de outras deficiências, o Hospital de Mafra, continua a lutar com inúmeras dificuldades, especialmente no campo clínico. Está privado, nomeadamente de um oftalmologista, há já bastante tempo.

O dr. Lúcio Contrand, que se deslocava a este Hospital vindo de Lisboa, médico conceituado e procurado por dezenas e dezenas de doentes de todas

as classes sociais, muitos vindos de localidades distantes, deixou de prestar o seu trabalho e auxílio nesta terra, pois que os doentes (alguns sem possibilidades) têm de recorrer a outros postos de saúde e médicos oftalmologistas de Lisboa, sobrecarregados com maiores despesas.

Para o facto se chama a atenção da Mesa do Hospital da Misericórdia de Mafra.

Incêndio num andar do Restelo

No primeiro andar dum prédio pertencente à Cooperativa de Habitação dos Servidores do Estado com Formação Universitária, situado na rua Rodrigo Reinell, ao Eestelo, ocorreu esta manhã um incêndio que destruiu completamente o andar das assoalhadas do referido andar.

O sinistro teve origem num lençol que se incendiou, em con-

tacto com um aquecedor ligado. A rápida intervenção dos bombeiros evitou que o fogo atingisse mais graves proporções, pois entretanto ocorreram vários curto-circuitos que levaram à total destruição da referida assoalhada.

O andar está arrendado a Joana Esteves, gerente comercial ausente em Moçambique. Os prejuízos estão cobertos pelo seguro.

TOTOBOLA

Quase dois mil totalistas

O concurso n.º 25 das Apostas Mutuas Desportivas, teve nada mais nada menos do que 1.866 totalistas, sendo 1.517 da metrópole, 226 de Angola e 123 de Moçambique. A cada um, cabe o prémio de 2687\$80.

Com doze resultados certos, foram apuradas 31071 apostas, sendo 25526 da metrópole, 3495 de Angola e 2050 de Moçambique: a cada uma, cabe o prémio de 161\$40.

Ciclo Preparatório

Em suplemento ao «Diário do Governo» (2.ª série, n.º 48) a Direcção de Serviços do Ciclo Preparatório do Ensino Secundário insere a declaração de que foi anulado o aviso publicado no suplemento ao «Diário do

Governo», 2.ª série, n.º 30, de 5 do corrente e rectificado no n.º 40, do dia 16 respeitante ao concurso para provimento dos lugares vagos existentes no quadro do pessoal docente das escolas preparatórias.

MINISTRO DO EXÉRCITO

O ministro da Defesa Nacional e do Exército visitou ontem os conjuntos habitacionais de Lisboa para pes-

soal das Forças Armadas: 307 fogos para oficiais, 262 para sergentes e 102 para praças.

Industriais Estrangeiros em Portugal

Regressaram hoje aos seus países importantes individualidades do mundo financeiro dos E. U. A. e de Espanha, que durante alguns dias permaneceram no País, em visita às instalações da GARINA — Companhia Industrial de Margarina, Lda, e suas Associadas, onde trabalharam com os seus Administradores Srs. Avelino Pereira, Brigadeiro João Domingues e Major Baptista da Silva, para estudo de eventuais projectos de novos empreendimentos económicos em Portugal.

Falsa dor de estômago por 3 milhões de marcos

DÜSSELDORF (Alemanha Federal), 27 (UPI-ANI). O condutor de um carro blindado afastou os seus companheiros confiados, ao enganar-os com uma falsa dor de estômago, e a seguir desapareceu com três milhões e setecentos e noventa mil marcos (cerca de trinta e quatro mil contos), anuncia a Polícia alemã.

O inspector da Polícia, Hans Fabelje, declarou numa conferência de imprensa que o condutor Guenther Heinemann tinha fugido com o dinheiro, uma hora antes de os seus companheiros terem dado o alarme.

Heinemann, de vinte e nove anos, e mais três homens tinham sido incumbidos de levar o dinheiro do banco do Estado a um banco comercial, em duas viaturas. Mas Heinemann fingiu que tinha uma dor de estômago, continuou o inspector. Os três companheiros ficaram no refeitório do banco do Estado, a beberem café, enquanto Heinemann ia tratar da «dor de estômago». Em vez disso, passou todo o dinheiro para o seu próprio veículo e fugiu.

A Polícia informa que Heinemann estacionara o seu próprio automóvel nos arredores de



O carro blindado que transportava três milhões e setecentos e noventa mil marcos, roubados no percurso entre dois bancos, é inspecionado pela polícia.

Düsseldorf e que aparentemente transferira o dinheiro para este, abandonando o carro blindado. Mais tarde, o automóvel foi encontrado perto do aeroporto internacional de Düsseldorf.

Uma busca no apartamento de Heinemann revelou uma car-

ta escrita pelo patrão, a anunciar que seria despedido a partir de 31 de Março, e outra seria para um amigo, a dizer: «Como a minha saúde já não está boa, irei tentar utilizar o dinheiro de maneira a proporcionar-me uma vida confortável».

TURISMO EM CRISE

A "Hilton" deixa a Madeira

A «Hilton» detentora dum contrato de gestão do «Madeira Hilton», unidade hoteleira do Funchal e integrada naquela cadeia de hotéis, abandona a Ilha por não considerar rentável a exploração turística. Estão entabuladas negociações entre a «Lignum» Investimentos Turísticos da Madeira e uma importante firma do Continente que irá ocupar lugar prioritário na sociedade, encarregando-se da exploração do hotel. Essas negociações dependem de medidas de carácter oficial tendentes a resolver uma crise extremamente grave que atinge o turismo na Ilha da Madeira.

A notícia da saída da cadeia da «Hilton» do Funchal, veio alertar as autoridades para um problema muito sério: a não rentabilidade dos investimentos da carácter turístico construídos na Madeira que, hoje, depende, quase exclusivamente, dessa indústria. Centenas de milhares de contos foram investidos por particulares e o Fundo de Turismo terá feito empréstimos e concedido subsídios de igual montante. O afluxo turístico à Ilha terá de triplicar para que esses investimentos se tornem rentáveis.

Entidade ligada aos recentes acontecimentos, informou o «DL» que o Governo tomará, de certo, medidas urgentes. Uma comissão representativa da Madeira deslocou-se a Lisboa há dias, para se avistar com entidades ligadas ao turismo, às quais apresentou um projecto para alargamento do aeroporto. O projecto seria entregue a uma

empresa internacional, tendo-se a mesma comissão proposto subsidiar o custo das obras.

É opinião generalizada que a falta de transportes é uma das causas da situação a que agora se chegou: — O «Holiday Inn», após a inauguração ainda não ultrapassou o número de dez hóspedes em tempo normal; recentes unidades hoteleiras como o «Sheraton» oferecem estadias a preços irrisórios, aceitando as condições impostas pelas agências; e os organizadores de «tours» europeus caem na ilha, a toda a hora, para ditarem condições.

Por outro lado, afirma-

ram-nos que a falta de promoção é também uma das causas e a partir de agora há necessidade urgente de elaborar um plano entre os responsáveis do turismo e organizações afins com essa indústria, radicadas na ilha.

A crise que já existe, se não for travada a tempo, trará prejuízos incalculáveis para a economia da Ilha e, dado o investimento ali feito pelo Governo, através do Fundo de Turismo, será seriamente afectada a própria economia nacional — salientou o nosso informador, pessoa ligada à exploração hoteleira no Funchal.

Ainda por nomear o futuro embaixador norte-americano

Ao entrar na última semana da sua estadia em Portugal como representante dos Estados Unidos da América, o embaixador Ridgway B. Knight teve a amabilidade de nos escrever para manifestar o seu «apreço pela excelente colaboração e extrema cortesia» que, em seu amável entender, lhe foram dispensadas por este jornal.

Entretanto, um porta-voz da Embaixada disse-nos que não era ainda possível saber quem substituiria, como embaixador, o sr. Ridgway B. Knight. «Essas nomeações levam o seu tempo» — afirmou o porta-voz, que acrescentou não lhe ser possível determinar quais as origens do «voato» que apontava para a sr.ª Shirley Temple Black como possível embaixatriz dos EUA no nosso País.

A nomeação de um embaixador americano é feita pelo presi-

dente da República, mas tem de ser confirmada pelo Congresso.

Enquanto não for nomeado um novo embaixador, a representação dos EUA em Lisboa ficará a cargo de um «chargé d'affaires», o sr. Richard Saint-Francis Post, que se encontra entre nós há já alguns meses.

Rotary Clube

Na reunião semanal do Rotary Clube de Lisboa, o prof. dr. Salazar Leite proferiu uma palestra subordinada ao tema «A importância do 68.º aniversário do Rotary Internacional».

Presidiu à reunião o eng. Hélio Paulino Pereira, secretário pelo Eng. Carlos Xavier de quadros.

NOTAS POLÍTICAS

ASSEMBLEIA DA A.N.P.

A comissão do concelho de Lisboa da Acção Nacional Popular decidiu ontem convocar para o próximo dia 9 de Março a Assembleia das Comissões de Freguesia de Lisboa daquela organização.

SISTEMA FISCAL

A direcção da Associação Industrial Portuguesa reuniu-se com o director-geral das contribuições e Impostos para uma troca de impressões sobre o estudo da revisão do sistema fiscal português, que aquela direcção-geral projecta. O director-geral das Contribuições e Impostos fez uma exposição sobre os motivos da elaboração do estudo seguindo-se depois uma troca de impressões sobre os objectivos, instrumentos e meios processuais de reforma que mais directamente respeitam às actividades industriais.

SECRETARIA DE ESTADO DA AGRICULTURA

Em reunião do secretário de Estado da Agricultura com os funcionários superiores do seu ministério debateram-se ontem alguns problemas relativos ao Serviço de Reconhecimento e de Ordenamento Agrário e ao andamento dos trabalhos da contribuição da Secretaria de Estado para o IV Plano de Fomento.

I CONGRESSO DE PREVIDÊNCIA SOCIAL

Prestações de saúde e seguro na doença, invalidez, velhice e sobrevivência, âmbito e estrutura das Casas do Povo, Previdência rural e mutualismo são os temas postos à discussão no I Congresso Nacional da Previdência Social que decorrerá em Lisboa de 22 a 28 de Julho próximo, com o patrocínio do ministro das Corporações e Previdência Social e da Saúde e Assistência. As inscrições provisórias terminam amanhã.

TÉCNICOS DE SAÚDE

Cerca de 20 técnicos de saúde pública representando a República Federal da Alemanha, Canadá, Dinamarca, Bélgica, Estados Unidos e Portugal reuniram-se em Seixal onde trocaram impressões sobre as técnicas aplicadas em cada um dos países respectivos no que respeita a consumo e custo dos cuidados médicos qualitativos e quantitativamente.

MEDICINA TROPICAL

Individualidades ligadas às Sociedades de Medicina Tropical e aos meios universitários de vários países reuniram-se ontem numa sessão internacional constituída por um simpósio subordinado aos temas «A importância actual da Medicina Tropical» e «O ensino da Medicina Tropical nas Escolas e Universidades». Os trabalhos prosseguem hoje.

NOIVOS

As alianças e prendas da
OURIVESARIA
DA MODA
dão felicidade
RUA DA PRATA, 257



A DESVALORIZAÇÃO DO DÓLAR

«O amplo e persistente «déficit» da balança de pagamentos dos Estados Unidos está na base da crise monetária» — diz-nos o eng. Sobral Meireles, presidente do Banco Português do Atlântico

«A chamada reforma do sistema monetário internacional continua em estudo o qual, ao que parece, vai progredindo com bastante lentidão»

Eng. Sobral Meireles:

«A forma como reagiram algumas moedas — a lira e o yen nomeadamente — leva a esperar novos ajustamentos de paridades ainda que graduais». Espera-se, assim, certo ajustamento de paridade da libra no sentido da baixa e do yen no sentido da alta»

A recente desvalorização do dólar — a segunda vez em 14 meses — causou nos meios financeiros internacionais justificadas apreensões. Em que medida, um factor considerado anómalo — embora não imprevisível — pode afectar a «saúde monetária e económica» das grandes potências e, consequentemente, do Mundo? As causas da crise encontram-se em razões puramente económicas ou, também, políticas? Em que extensão as economias e a sua interligação (cada vez mais indispensável, face ao crescimento do potencial de indústria das nações mais avançadas) podem ser atingidas pela insegurança provocada pelas modificações irregulares do padrão-dólar? Estas e outras interrogações tornaram-se objecto de comentários de tons diversos mas, quase todos, alinhados por um denominador comum: as estruturas financeiras mundiais enfrentam uma funda situação de crise.

Portugal, sob a pressão de um desenvolvimento industrial inadiável e perante a urgência de ingressar nos dispositivos económicos europeus, não podia permanecer

alheio a estes fenómenos. Sabe-se, aliás, como a nossa economia se encontra face à indispensável necessidade de se integrar no potencial europeu, ao mesmo tempo que precisa de intensificar as suas vendas no espaço do dólar para compensar as suas compras (reconhece-se, por exemplo, o impacto sentido na nossa balança comercial devido à compra pela TAP, de dois, Jumbo-Jet). Ultimamente, não tem sido estranha a opinião pública a actividade da Banca nacional que procura encontrar uma flexibilidade que lhe permita uma participação mais activa nos nossos esquemas de desenvolvimento, quer no sector da indústria, quer no do comércio. E, assim, não surpreende que tenha sido na Banca que maior choque provocou a recente desvalorização do dólar. Não surpreende, também, que o «Diário de Lisboa», tenha tentado documentar os seus leitores acerca destes fenómenos, procurando encontrar opiniões abalizadas e seguras que permitam o enquadramento exacto e a tempo, da conjuntura nacional, quando atingida pelo deflagrar de dispositivos longamente tidos como irremovíveis.

Continua na página quatro

À VOLTA DA ACTIVIDADE PARA EXPORTAR

Por SÉRGIO RIBEIRO

O Fundo de Fomento de Exportação pode ser a ilustração de qualquer coisa de insólito na actividade económica portuguesa ou, para sermos mais precisos, na administração pública ligada a questões de actividade económica. É que se atravessa uma fase de crescente intervencionismo, e esse crescente intervencionismo do aparelho estatal se, por um lado, aparece evidente e irrecusável, por outro lado, mostra-se desfazado e, por vezes, com também evidentes carências de dinamismo e iniciativa.

Este tema, sempre tão aliciante, é-o muito mais quando, num mundo em que a França é uma das charneiras, se discutem caminhos franceses de dinamização da actividade económica e, muito mais do que isso, de viragem nos objectivos a prosseguir por essa actividade, através de uma tomada (parcial) do poder político, suficiente (ou não?!) para fazer com que os objectivos passem a ser menos os de acumulação de rendimentos de capital mais os de satisfação de necessidades da população.

Mas é necessário não nos desviarmos dos caminhos e das coisas portuguesas e, para isso, começamos a escrever sobre o Fundo de Fomento de Exportação. Continuáramos dizendo que este organismo do aparelho de Estado se tem revelado notoriamente empreendedor. A ajuizar pela grande quantidade de informação que faz che-

gar à imprensa e nada nos leva a colocar a mínima reserva a esse manancial informativo trata-se de organismo que, por todo o lado e em todas as oportunidades, entende dever estar presente e a cumprir o que se definiu como seu papel: promover a venda, no exterior, dos produtos resultantes de actividade económica nacional.

Temos, nestas páginas, procurando dar continuidade a esse esforço transformando em informação nossa aquilo que até nós vem chegando como informação do Fundo de Fomento de Exportação.

Por isso, tem-se tornado evidente que o F.F.E. está dinâmico. E por isso nos parecem oportunas duas observações. A primeira respeita ao que consideramos um perigo resultante de uma diferença de ritmo de sectores diferentes de actividade económica. Não se pode pensar em exportar sem produzir, e a actividade de promoção no exterior pode deparar, como num e noutro caso já tem sucedido, com um estrangulamento nascido no facto de se haver conseguido vender aquilo de que se dispõe por não haver um aparelho produtivo capaz de responder. Esta reserva reforça a que temos sempre presente, e que é a de considerar a exportação como actividade que não pode ser prioritária relativamente às necessidades de uma população presente.

Continua na página seis

Na página oito

ACTIVIDADES
ECONÓMICAS

Nas centrais

O "NEGÓCIO CONCORDE"

N.º 47
27 DE
FEVEREIRO
DE 1973

Economia

A integridade e o possível

No dia 7 de Fevereiro dois deputados bateram na Assembleia Nacional duas teclas que, de tanto usadas, adquiriram talvez já direito a lugar-comum: a integridade da pátria, por um lado, e a política como arte do possível, por outro.

Não pretenderam certamente os dois deputados centrar as suas intervenções num denominador comum, mas assim não o entendeu a minha percepção crítica — e logo, na sequência da meditação suscitada, se atropelaram as interrogações.

Que deve entender-se por Pátria? Um

conceito abstracto no sentido da vivência humana, isto é, apenas um território geograficamente delimitado, ou uma realidade económica, social, cultural e política na qual os seres humanos nela inseridos se considerem parte integrante, como entidades enraizadas e com possibilidades de viverem uma vida digna e rezoavelmente feliz, que não isenta de luta, de sacrifício, mas também com algumas compensações?

Se assim for, então que significado terá o conceito de Pátria para cerca de dois milhões de portugueses que, nos últimos dez anos, tiveram que ir tentar obter no estrangeiro as condições de vida

E quando se sabe que muitos deles decidiram já voltar as costas ao seu país de origem e criar os filhos como estrangeiros, o assunto reveste-se de uma gravidade tão grande que não poderá ser ignorado ou negligenciado por aqueles que tanto se preocupam com a integridade da Pátria. Pois não

será esta também uma forma — dramática — de desintegração?

E aqui surge a segunda tecla: a política como arte do possível. Mas «possível» em que circunstâncias, com que intenções, com que meios, com que vontade de lutar, com que inteligência?

Palavra ambígua, perigosa. Para uns poderá ser justificação para a passividade, o conformismo, a estagnação, o reaccionarismo. Para outros definirá o objectivo da acção dinâmica, corajosa, inconformada, apoiada em planos e ditada pelo entusiasmo e pela competência.

Quer tomando apenas como referência as realidades internas quer, sobretudo, à luz do que se tem feito noutros países, impõe-se a pergunta: não teria sido «possível» criar condições económicas e sociais que permitissem manter na Pátria portuguesa a maioria desses dois milhões idos para o estrangeiro?

E a pergunta não é apenas retórica: é que, se os responsáveis considerarem que o «possível» não inclui a modificação de realidades dessa natureza, a Pátria portuguesa ficará cada vez mais «desintegrada» de portugueses. Depois disso, para quem servirá?

Segundo previsão do Serviço de Estatística do Ministério das Corporações, a população portuguesa será de 7 988 100 habitantes em 1980, contra 8 380 600 em 1970 e 8 525 700 em 1965. Quer dizer: quando já

Continua na página dois

UM LIVRO POR SEMANA

Portugal e o Mercado Comum

MORAIS

Carlos Roma Fernandes e Pedro Álvares
PORTUGAL E O MERCADO COMUM



Temas e Problemas

MORAIS

Carlos Roma Fernandes e Pedro Álvares
268 páginas de texto e um anexo estatístico
Morais Editores (Coleção Temas e Problemas)

O livro recentemente saído apresenta a maior oportunidade, neste começo de ano em que o acordo comercial de Portugal com a Comunidade Económica Europeia entrou em vigor, depois de negociações longas e difíceis, e quando uma estratégia «comunitária» não se apresenta ainda claramente definida, e menos ainda o papel de Portugal nessa estratégia, particularmente no que respeita à «Bacia do Mediterrâneo».

O livro de Carlos Roma Fernandes e Pedro Álvares abre com uma introdução e compõe-se de quatro partes.

Segundo o seu índice, temos:

Introdução

Parte I — A evolução das transacções externas portuguesas.

Parte II — A necessidade económica do Acordo entre Portugal e o Mercado Comum.

Parte III — O Acordo celebrado entre Portugal e a CEE no quadro dos acordos concluídos com os países da bacia do Mediterrâneo.

Parte IV — Perspectivas de evolução do comércio externo da Metrópole em face dos recentes arranjos comerciais à escala europeia.

Além dos quadros e gráficos intercalados no texto, o livro inclui um anexo estatístico com onze quadros.

Se a oportunidade, nestes temas, se encontra sempre ultrapassada, na constante mutação das condições da integração europeia, a utilidade deste livro é indiscutível e assinalável, uma vez que os dados que faculta, organizados e orientados para a compreensão de uma evolução e de decisões tomadas, não perdem oportunidade, antes serão sempre indispensáveis para uma documentação sobre estes «temas e problemas», tal como a editora escolheu para título da colecção onde publicou o livro.

Na contracapa põem-se perguntas e o modo como o livro lhes procura responder, concreta e pragmaticamente. Daí a sua utilidade e os seus limites. Os problemas sociais e políticos, se aparecem aflorados, têm de o estar na subordinação à óptica «concreta e pragmática» deliberadamente escolhida pelos autores, até pelas posições que ocupam.

O livro mereceu citação particular no «EFTA Bulletin», de Janeiro-Febrero de 1973, onde se salienta que Pedro Álvares é economista no Secretariado da EFTA, e Carlos Roma Fernandes faz parte do «team de l'ambassadeur Guerra», como chamam à comissão portuguesa que negociou com a CEE.

EFTA



Sous le titre «Portugal e o Mercado Comum» l'auteur de cet article, Pedro Álvares, économiste au Secrétariat de l'AELE, joint de publier en collaboration avec Carlos Roma Fernandes, membre du team de l'ambassadeur Guerra qui prépare la négociation avec le Marché commun, un ouvrage très documenté sur la situation de l'économie portugaise dans le cadre de l'intégration européenne. L'étude décrit l'évolution du commerce extérieur portugais depuis 1951, les effets de l'AELE, montre la nécessité de l'accord avec le Marché commun, présente celui-ci de manière détaillée en le comparant avec les accords qui régissent les échanges entre la CEE et les autres pays méditerranéens et se termine par une analyse des perspectives du commerce portugais en Europe (268 pages - une annexe statistique - éditeur Morais L. Sbonner).

A integridade e o possível

Continuação da primeira página

ninguém deve ter dúvidas de que o potencial humano é o recurso mais rico de que um país pode dispor, Portugal deixa esvaír, com aparente indiferença e algum aplauso, muita dessa riqueza.

Portanto insisto: não se pensa ser «possível» lutar contra uma tendência, que pode ser fatal para o futuro do País?

E a tecla da integridade da Pátria, quando inspirada — como foi — na problemática ultramarina, suscita outra interrogação: não teria sido «possível» desde décadas atrás, evitar toda a agudeza e toda a gravidade dos problemas que nos afligem?

O interesse nacional exige, portanto, que não nos satisfaçamos com lugares-comuns, por muito sonoros que sejam. O progresso das nações não se consegue por essa via. Os actos foram sempre muito mais difíceis que as palavras. Mas não foram levados pelo vento.

MÁRIO BAPTISTA

INVESTIMENTOS FRANCESES NOS E.U.A.

De 1962 a 1968 as empresas americanas investiram em França 5480 milhões de francos, enquanto as empresas francesas apenas investiram além-Atlântico 630 milhões.

De facto, os investimentos franceses nos Estados Unidos não foram além, no período 1962-1970, de 5 por cento dos investimentos no estrangeiro. Em Fevereiro de 1972, em 537 sociedades estrangeiras instaladas nos E. U. A., 42 eram francesas, enquanto em 819 sociedades americanas com participação de capital estrangeiro, apenas 63 se encontravam ligadas.

Estes dados não fazem mais do que confirmar uma situação de que se tinha conhecimento: uma forte penetração do capital americano em França (e em outros países europeus), sem uma contrapartida equivalente do lado francês.

Mas a situação parece vir a sofrer algumas alterações, sem chegar, no entanto, a inverter-se.

Assim, a Michelin vai realizar nos Estados Unidos um investimento de 1000 milhões de francos (cerca de 6 milhões de contos), valor que ultrapassa, de uma assentada, o investimento que as empresas francesas realizaram naquele país durante o período 1962-1968, conforme número acima citado.

Este acontecimento é tanto mais de salientar, quanto é certo que a economia americana se caracteriza por um forte proteccionismo (recordar as medidas de Nixon para combater a crise da economia de que é mandatário), que ainda há pouco fez sentir em relação às exportações para este país da produção da Michelin-Canadá.

Anunciam-se ainda outros investimentos de que se referem os mais importantes:

A. Sector da Produção:

1) Instalação das seguintes unidades fabris:

- do grupo têxtil «Agache Willot», na Carolina do Sul;
- da «Rilsan Industrie», filial da «Aquitaine Organico», na Pensilvânia;
- de fio de aço da «Hoover Ugine», filial da «Cefilac», no Michigan;
- de sistemas de arranque automático para motores de reacção de uma filial da «Microturbo», em Bohemia;
- de «colants» da filial da «Begy», em Porto Rico;
- de produtos derivados do isopreno da «Rhône-Poulenc», no Texas.

2) Constituição de uma filial da «Tekelec-Airtronic» em Los Angeles.

3) Aquisição, pela «Générale Occidentale», da divisão de alimentos para bebés de uma filial da «Squibb Corporation».

B. Sector da Distribuição:

- de bicicletas da «Gitane»;
- de «skis» da «Rossignol»;
- de óculos de sol da «Ets Lamy Jeunes et Fils»;
- de pilhas eléctricas da «Wonder»;
- de motores lineares da «Merlin Gerin»;
- comercialização de aviões «Mystère» 20 em associação com a «Panam».

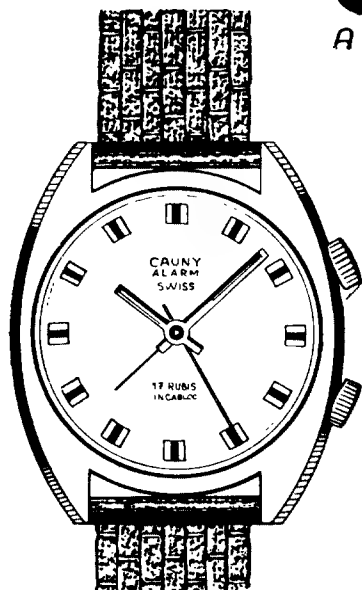
O RELOGIO DESPERTADOR

CAUNY

A MAIS ALTA PRECISÃO SUÍÇA

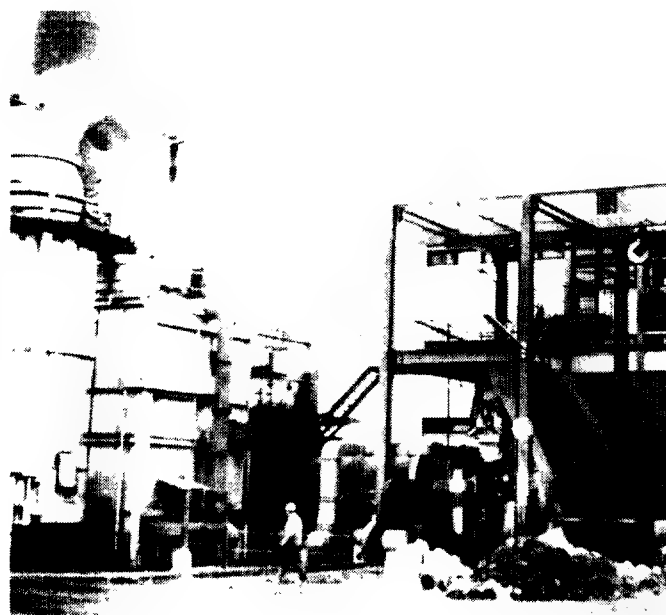


Mudança de data ultra-rápida



EXIJA A MARCA CAUNY
GRAVADA NA COROA
E NA PARTE EXTERIOR
DA CAIXA

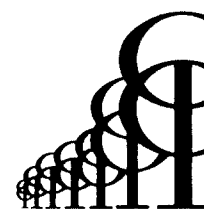
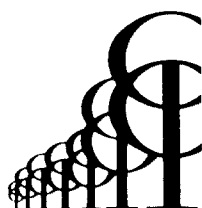
O lixo para a economia ou a economia para o lixo



APOIO À HABITAÇÃO PRÓPRIA

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

UM BANCO VOLTADO AO FUTURO



para a Império marketing quer dizer segurança

M

A

K

E

T

I

N

G



Porque a Companhia de Seguros Império é uma Companhia de Marketing.

Porque só depois de estudar as necessidades do Cliente concebe os produtos aptos a satisfazer essas necessidades. Porque pensa que o Cliente é o único juiz das decisões da empresa e que as suas iniciativas só são válidas quando o Cliente aceita os produtos pelo seu justo valor. Porque dispõe hoje de uma diversidade de soluções para os problemas de segurança que o preocupam: a protecção face aos riscos que afectam os indivíduos e as famílias na sua saúde, nos seus rendimentos, no seu património. Porque se organiza para atingir níveis de produtividade que permitam, através de preços mais baixos, alargar o mercado a novos grupos de consumidores. Porque faz da inovação uma força impulsionadora da empresa, nos caminhos do progresso. Porque sabe que, a longo prazo, só a satisfação das necessidades do Cliente é garantia duma empresa sólida, rentável, dimensionada em termos de futuro, útil à economia do País.

A Império tem consciência de que a segurança se tornou um dever social e trabalha para se integrar na nossa sociedade do futuro. Porque a inovação é uma das suas constantes, a Império deu o passo decisivo para estar mais perto das necessidades do Cliente: formou homens para uma profissão de vanguarda: Consultores de segurança. A sua missão: estudar, conhecer o seu problema, aconselhar.

AO SEU SERVIÇO



IMPERIO

a sua seguradora

A desvalorização do dólar

Continuação da página um

Neste sentido, decidimos solicitar uma entrevista ao eng. João Carlos Sobral Meireles o qual desde 1971, desempenha o cargo de presidente do Conselho de Administração do Banco Português do Atlântico, depois de uma activa carreira como administrador. Licenciado em engenharia com elevada classificação, pela Faculdade do Porto, o eng. Sobral Meireles foi, também, durante três anos, assistente daquele estabelecimento de ensino superior e director de uma empresa de produtos químicos de projecção internacional. Tendo feito o seu estágio final de curso em África, durante um ano, o eng. Sobral Meireles foi, também, administrador-delegado de um importante complexo fabril que veio a fundar duas grandes unidades têxteis em Angola e Moçambique. Mais tarde, foi então convidado a exercer as funções de administrador do Banco Português do Atlântico tendo, em 1968, ascendido ao cargo de vice-presidente desta instituição de crédito para três anos decorridos, assumiram a presidência do seu conselho de administração. O eng. João Carlos Sobral Meireles é, também, presidente da assembleia-geral da Sociedade Hidroeléctrica do Revuê, presidente do conselho de administração da Lusotur e tem exercido, no Porto, o cargo de cônsul da Bélgica.

A nossa primeira pergunta foi a seguinte: — Poderia, na sua posição de responsável por uma das nossas principais instituições bancárias e tendo acompanhado, como naturalmente acompanhou, com toda a atenção, o desenrolar e os antecedentes da crise que levou à desvalorização do dólar, dizer-nos quais os factores que conduziram à situação que forçou o Governo americano a desvalorizar pela 2.ª vez em 14 meses a sua moeda?

O PRESIDENTE DO BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO RESPONDEU:

— Uma explicação completa seria longa e envolveria a apresentação fastidiosa de números relativos a balanços de pagamentos dos Estados Unidos, do Japão e de alguns países da Comunidade Económica Europeia.

Em termos sucintos, porém, a circunscrevendo-me às causas próximas — uma vez que me pergunta porque se tornou necessário proceder a nova desvalorização de uma divisa-chave 14 meses após uma anterior revisão da sua paridade — direi que as razões foram essencialmente duas:

— o amplo e persistente «déficit» da balança de pagamentos dos Estados Unidos da América; e

— a facilidade com que o dólar se converte em outras moedas.

Poderia acrescentar, ainda, do outro lado, o forte saldo positivo da balança de pagamentos do Japão e a influência desestabilizadora do yen no equilíbrio de paridade das principais moedas.

ESQUEMAS A SEGUIR

— Assistimos, portanto, à repetição dos acontecimentos. 1.º Dezembro de 1971

Não exactamente — respondeu o nosso entrevistado. A situação que, agora, se enfrentou, foi um tanto distinta da de então e as medidas tomadas diferiram, também, sensivelmente, das do final de 1971.

E PROSSEGUIU:

— As moedas fortes europeias não foram, agora, como então sucedeu, solicitadas a revalorizar, verificando-se antes uma desvalorização unilateral do dólar. O próprio yen não foi forçado a uma revalorização «tout court», tendo optado pela flutuação. Por outro lado, também desta vez se agiu mais prontamente, tendo a decisão de desvalorizar sido encarada pela Administração norte-americana com uma quase naturalidade «técnica», o que mostra que os problemas de paridade passaram a ser menos vistos em termos de prestígio e mais em termos de realidade monetárias, sujeitas a leis e condicionalismos próprios.

UMA SITUAÇÃO DE EQUILÍBRIO ESTÁVEL ENTRE MOEDAS NUNCA SE ATINGIRÁ

— Poderemos então — interrompemos — confiar, agora, numa maior estabilidade monetária, crendo ter-se atingido uma posição de maior equilíbrio entre as principais moedas ou deveremos, ao contrário, esperar novos acontecimentos no campo monetário?

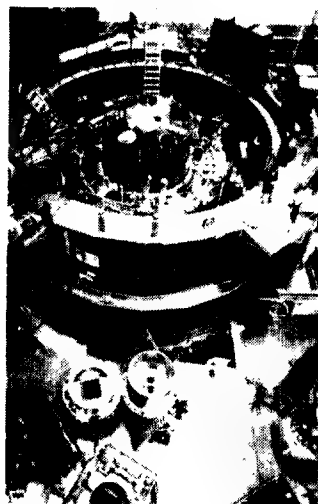
— Penso que uma situação de equilíbrio estável entre moedas nunca se atingirá. As relações de câmbio entre as moedas constituem o reflexo do poder concorrencial relativo das respectivas economias e, sendo este variável, terá de haver sempre lugar a ajustamentos naquelas. Esses ajustamentos poderão ser mais ou menos bruscos ou mais ou menos suaves, conforme o mecanismo ou sistema que os regula e as próprias variações do poder concorrencial das economias.

Mas nunca poderão evitar-se.

Aquilo a que acabamos de assistir foi, precisamente, um desses ajustamentos, e não a reforma do mecanismo que estabelece a forma de ajustar o valor das moedas.

A chamada reforma do sistema monetário internacional, chamada a produzir um sistema que substitua os Acordos de Bretton Woods — hoje reconhecidos como insusceptíveis de responder às necessidades e condicionalismos do mundo presente — continua em estudo a qual, ao que parece, vai progredindo com bastante lentidão.

A própria forma como reagem algumas moedas — lira e yen nomeadamente — passando a flutuar, e o facto de outras serem já flutuantes,



tes, leva a esperar novos ajustamentos de paridade, ainda que graduais. Espera-se, assim, certo ajustamento da paridade da libra, no sentido da baixa e do yen no sentido da alta. Espera-se, igualmente, que as divisas dos países da Comunidade Económica Europeia que presentemente flutuam (libras inglesa e irlandesa e lira italiana) regressem mais tarde ao regime de paridades fixas. Existem, com efeito, neste momento, três regimes diferentes em matéria de paridades no Mercado Comum, o que não favorece a pretendida unificação monetária da C.E.E.

— E quanto a Portugal que consequências devemos esperar do facto de termos seguido parcialmente o dólar? perguntámos depois.

Em relação ao nosso País — afirmou o eng. Sobral Meireles — que é o que mais directamente nos toca, notarei antes de mais que em termos de balança de pagamentos, de nível de reservas externas e de solidez do escudo, poderíamos ter-nos colocado perfeitamente na posição da maior parte das divisas europeias que consistiu em manter integralmente a paridade em relação ao ouro sem acompanhar parcialmente o dólar.

Se se entendeu não o fazer — e diversos países, tanto na Europa, como no resto do mundo, optaram por uma solução intermédia, quando não acompanharam inteiramente a divisa norte-americana ou deixaram que as suas moedas passassem a flutuar — foi certamente por razões de competitividade das nossas exportações. E é mesmo provável que, mais do que a competitividade imediata, se tenha procurado salvaguardar a competitividade futura.

E continuou:

— Não dispomos dos dados de que o Governo e as autoridades monetárias certamente dispuseram para proceder a um cômputo preciso das implicações das diversas alternativas que se nos ofereciam. Mas há, desde logo, duas ou três considerações que me parecem óbvias.

Uma, é a de que, mantendo-se a libra flutuante e esperando-se que a desvalorização do dólar resulte um ajustamento do valor desta moeda que a leve a acompanhar em parte a alteração de paridade da moeda norte-americana, o mantermos inalterado o valor-ouro do escudo corresponderia a deixar que se tornassem

CONCORDE

O problema do Concorde apareceu, nos últimos tempos, como um acontecimento a merecer a maior atenção nos grandes veículos da informação.

Como já tivemos oportunidade de citar (DL de 13 de Fevereiro), um jornal francês ligado ao mundo económico não teve qualquer dúvida em ligar a evolução do «affaire» a uma ofensiva geral de administração norte-americana, em que as questões do sistema monetário seriam mais um elemento. Dizia «Les Echos» de 7 de Fevereiro que «em alguns dias a Administração de Nixon desencadeou hostilidades em

grande escala; lançou em descrédito o Concorde com a queda de duas encomendas das duas principais empresas americanas (...) por fim nova vaga de especulação monetária...».

O problema parece-nos poder ser exemplificado como motivador de reflexões sobre o momento da economia e das relações comerciais e correndo. Por isso, recorremos a várias fontes no sentido de contribuir para a organização de um «dossier».

S.F

mais caras as nossas exportações para dois dos nossos principais mercados.

A outra é a de que, indo as nossas pautas de importação sofrer nos próximos anos uma rápida redução em relação aos países do Mercado Comum, e desprotegendo, como tal, as nossas indústrias, conteria a via da paridade do escudo alguma compensação no que toca ao poder concorrencial da nossa produção em face da concorrência da Comunidade Económica Europeia.

Não foi essa, também, uma das considerações que levaram a Administração norte-americana a aceitar com tanta facilidade a desvalorização unilateral do dólar? A de ganhar poder concorrencial face à C.E.E. antes de iniciar o chamado «Nixon-round» de negociações pautais?

O nosso entrevistado concluiu depois:

— E certo que, do facto de termos acompanhado parcialmente o dólar, vai resultar o encarecimento das nossas importações do Mercado Comum e, de forma mais geral, de outros países da Europa. Mas poderemos defender-nos em parte desviando as nossas compras no exterior para os Estados Unidos ou aqueles países cujas divisas acompanharam em parte o dólar.

O problema não é simples e, como disse, não disponho de dados que me permitam julgar com precisão os prós e contras das várias alternativas possíveis; mas penso que, dispondo o Governo desses dados, terá naturalmente optado pela solução que melhor pondere essas vantagens e inconvenientes.

CONCORDE: "SOBRE BRASAS"

Era ontem que os responsáveis da Pan American deviam confirmar ou anular as oito opções sobre o supersónico franco-inglês.

No momento em que escrevemos estas linhas, a decisão ainda não é conhecida deste lado do Atlântico. O negócio é importante, ou mesmo decisivo para o futuro comercial do «Concorde». Um «sim» da «Pan Am» equivaleria a um verdadeiro voto de confiança, espécie de cheque em branco que levaria as outras companhias americanas a encomendar o supersónico. Isso representará, à partida, para os governos inglês e francês, obreiros do programa, uma encomenda global de vinte e nove aparelhos cujo preço unitário (equipamentos, peças de reserva e treino de equipagem) oscila por cerca de três mil milhões de francos belgas (perto de dois milhões de contos).

Por isso, desde há um mês, diplomatas e homens políticos ingleses e franceses tentam convencer as autoridades americanas a influenciar favoravelmente a decisão da «Pan Am».

Este caso tornou-se, de facto, um dos maiores «dossiers» entre a Europa e os Estados Unidos. Neste nível, não se esconde que sirva — secretamente — de objecto de «traficância» particularmente no quadro das concessões recíprocas em matéria comercial.

Todavia, para além das considerações deste tipo, a decisão da companhia depende também e antes de mais, de considerações financeiras: técnicas e comerciais: a tesouraria da «Pan Am» não está florescente e o «Concorde» não teria ainda provado a sua rentabilidade...

Assim se compreenderia melhor a inquietude de uns e de outros. Se «Pan Am» disse «não», se isso desencadear a desistência das outras companhias americanas, o programa «Concorde» deverá ser seriamente revisto pelos governos inglês e francês. Revisão que corre o risco de ser abrupta.

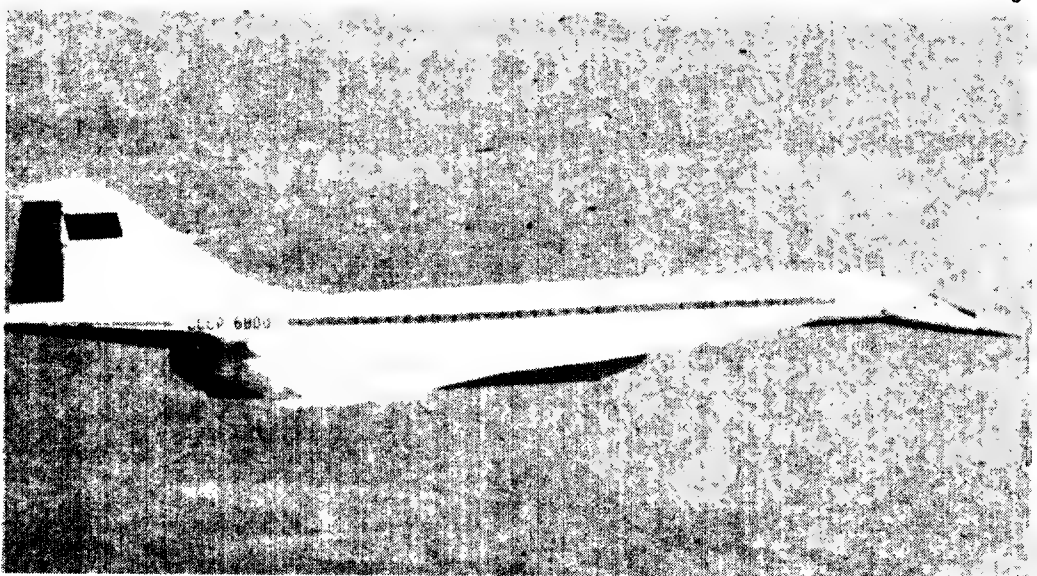
Journal d'Europe de 2 de Fevereiro de 1973, secção «Cliquez tant»

ESSA MÁQUINA DE FAZER DINHEIRO CHAMADA CONCORDE

Por: Andrew Hofton

A Imprensa mundial noticiou o aperfeiçoamento do avião supersónico anгло-францез, «Concorde». Foi um sucesso notável, do ponto de vista puramente técnico, no que respeita às médias de velocidade consumo de combustível e rendimento do motor obtidas durante um voo de provas e que vieram confirmar os prognósticos dos fabricantes, a «Aérospatiale» de França e a «British Aircraft Corporation» de Inglaterra.

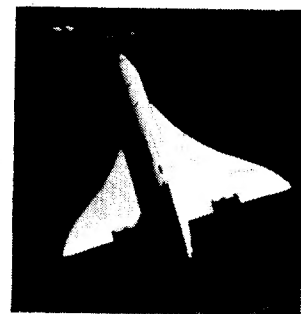
Contudo, antes de comprar equipamento novo, as companhias aéreas exigem a mais do que uma técnica perfeita. Qualquer avião novo tem que ser seguro e não deve levantar problemas aos engenheiros.



A propósito do Concorde

A União Soviética foi o primeiro país a desenhar e a construir um avião de passageiros com velocidade supersónica. Foi o TU-144, que na gravura se vê a voar em média velocidade, pois quando passa a barreira do som se transforma numa linha recta. O Concorde tem um desenho muito parecido com o TU-144. Actualmente, a U.R.S.S. já conta com um outro avião de passageiros supersónico, o TU-154.

UM EXEMPLO DE LUTA ECONÓMICA OU DA ECONOMIA À POLÍTICA E VICE-VERSA



nheiros, pilotos ou inspectores do tráfego das companhias aéreas. Além do mais, talvez as companhias aéreas necessitem de ser convencidas de que o avião trará lucro — lucros suficientes que assegurem a rentabilidade dos grandes investimentos necessários para comprar o aparelho juntamente com peças sobressalentes e material de terra.

As viagens que se realizaram em Setembro de 1971 a bordo do primeiro protótipo do «Concorde» e em Junho de 1972 a bordo do segundo protótipo bem como os voos experimentais e testes das partes contribuintes, motores e estrutura, provaram que o «Concorde» é um avião seguro. Também se provou que os vulgares pilotos de linha serão capazes de pilotar o avião, não se exigindo portanto a perícia excepcional do piloto de provas.

Há já algum tempo que se pensa acabar com os oos supersónicos sobre países densamente povoados devido ao ruído provocado por aviões voando a velocidade superior à do som. Consultando o globo notar-se-á que as rotas principais escolhidas para o «Concorde» entre a Europa, a América, o Extremo Oriente e a Austrália são em grande parte sobre água. Neste momento os Governos negociam a criação de corredores supersónicos que atreversarão regiões árticas e desérticas. Parece assim provável que se estabeleça um plano de rotas realista que compense a vantagem de velocidade do «Concorde». Segundo os fabricantes o «Concorde» não fará mais barulho a aterrar ou a levantar do que os jactos utilizados hoje em dia.

A interrogação mantém-se: o «Concorde» dará lucro? Para provar a afirmativa é necessário observar primeiro o tipo de passageiros que nele viajarão e quanto pagarão. Em segundo lugar devem fazer-se algumas contas para comparar as despesas e as receitas. O «Concorde» interessará às pessoas que viajam em negócios — passageiros que exigem um serviço rápido e pontual e que não hesitam em pagar mais desde que isso lhes assegure poupança de tempo. Este é o tipo de serviço que só as viagens aéreas permitem e a experiência mostra que um número considerável de passageiros não se importa de pagar

mais desde que a velocidade seja aumentada.

Parece provável que os passageiros do «Concorde» venham a pagar um pouco mais do que as actuais tarifas em classe económica. Vamos portanto supor que o preço dum bilhete do «Concorde» será menos 10 por cento do que o preço duma passagem de primeira classe hoje. Isto parece razoável se considerarmos que hoje em dia, os passageiros pagam preços de primeira classe por um nível de serviços de bordo mais elevado, ao passo que os passageiros de classe turística pagam menos de metade desta quantia.

Já se realizaram voos experimentais no «Concorde» em número suficiente para se poder esperar que uma hora de voo custará cerca de 124 contos, de acordo com as estatísticas dos próprios fabricantes apoiadas em garantias dos contratos feitos com os clientes das companhias aéreas. Este orçamento inclui desvalorização, custo de manutenção, salário da tripulação de um avião. Esta soma varia, sem dúvida, de rota para rota pois o preço de combustível, as taxas de aterragem, as despesas de manutenção e as despesas gerais das companhias de aviação diferem umas para as outras. Tomando como exemplo a rota de Londres a Nova York, o tempo de voo para o «Concorde» será de três horas e meia e o custo total de uma viagem de ida é de aproximadamente 435 contos.

O bilhete de primeira classe de ida importa actualmente em cerca de esc. 11.340\$00. Se o «Concorde» voar com metade da lotação, isto é com 54 passageiros a bordo, e cada um pagar cerca de esc. 10.206\$00 (aproximadamente menos 10 por cento do que o bilhete de primeira classe), a receita total da companhia de aviação será de cerca de 550.800 contos. A diferença entre despesa e receita dá um lucro de aproximadamente 116 contos. Se o «Concorde» tem lucro voando com metade dos passageiros para que tem capacidade, mais fará se mais lugares forem vendidos.

O «Jumbo» 747, em serviço já há algum tempo, tem uma despesa de aproximadamente 108 contos por cada hora de voo, dependendo este preço uma vez mais da rota. Leva em média pouco mais de sete ho-

ras para atravessar o Atlântico entre Londres e Nova Iorque, importando cada viagem em cerca de 772 contos. Em média, o preço de um bilhete para o 747 é de 5.130 contos considerando o número de pessoas que pagam bilhetes de primeira classe, e os preços em classe económica, preços de excursão e de viagens em grupo. Com 172 passageiros a bordo, uma vez mais com metade da lotação, a receita obtida é de cerca de 880 contos o que sugere um lucro de aproximadamente 108 contos.

Actualmente o «Concorde» é duas vezes mais rápido do que o 747, muito embora não possa vir a efectuar, dentro de um ano, duas vezes mais voo do que o «Jumbo», em vista do aumento de aterragens e descolagens. As estatísticas das companhias aéreas mostram que os 747 voam cerca de 4.000 horas por ano e espera-se que o «Concorde» venha a completar as 3.600 horas de voo.

Estes tempos de voo permitiriam que o «Jumbo» fizesse 562 travessias do Atlântico, em sentido único, na rota de Londres a Nova Iorque, comparadas com 1.025 viagens de sentido único feitas pelo «Concorde». O lucro total de um ano (lucro por voo multiplicado pelo número total de vãos) é de aproximadamente 120 mil contos para o «Concorde» e de 60 mil contos para o 747. Um «Concorde» com peças sobressalentes custaria cerca de 1.240 mil contos permitindo um lucro de 9,6 por cento sobre o investimento. O preço do 747, com peças sobressalentes, é de aproximadamente 770 mil contos, permitindo um lucro de 8 por cento sobre o investimento.

Quando o «Concorde» começar a voar em serviço, as companhias aéreas com horários á tabela poderão propor aos seus clientes que escolham entre o grande «Boeing 747» subsónico e o pequeno e rápido «Concorde» supersónico. O «Jumbo» ocupará-se daqueles que não desejam pagar muito, enquanto que o avião supersónico transportará os que desejam poupar tempo. Neste caso podiam adaptar-se mais lugares aos 747: retirava-se a zona de primeira classe e substitua-se por lugares económicos. O preço em média baixaria, uma vez que os passageiros de pri-

meira classe seriam transportados pelo Concorde.

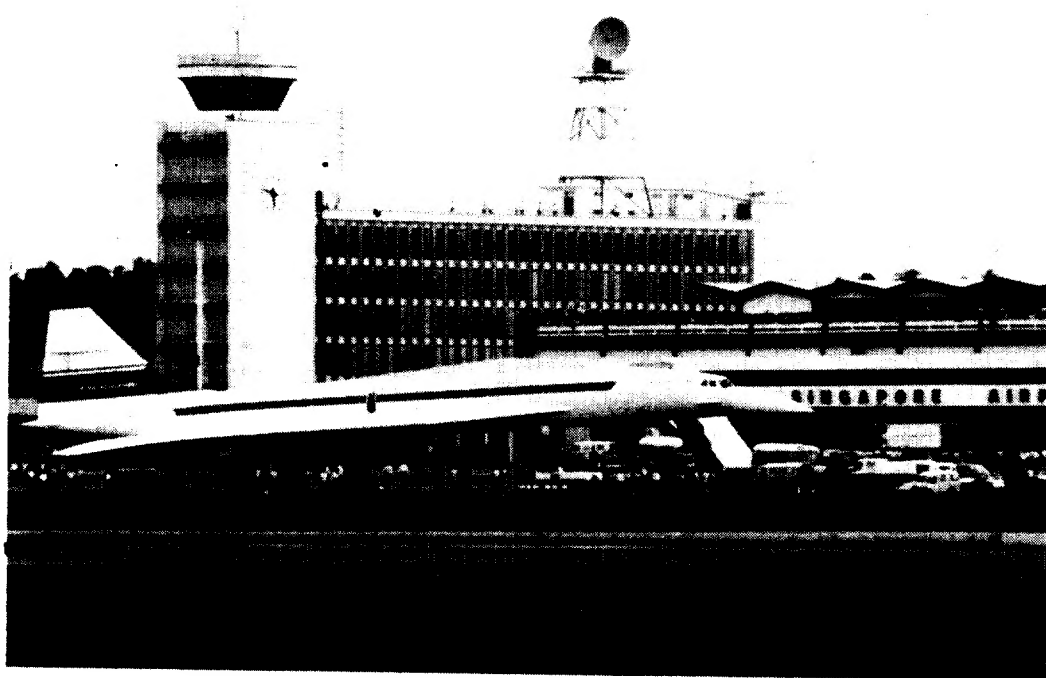
E possível repetir os cálculos das despesas no Atlântico Norte e mostrar que uma frota de 747 e o «Concorde», com os diferentes tipos de passageiros distribuídos entre os dois aviões, faz mais dinheiro do que uma frota de 747 transportando passageiros de primeira classe e de classe económica. E o que ainda é mais,

a frota de classes mistas de «Jumbos» e «Concordes» permite um lucro maior sobre o investimento.

As companhias aéreas fazem certamente cálculos mais elaborados do que estes e consideram uma rede de rotas mais realistas. A revista «Flight International» fez os seus próprios cálculos, independentemente dos cálculos dos fabricantes e provou que uma série de ro-

tas incluindo Londres, Nova Iorque, Tóquio, Joanesburgo e Sydney uma frota só de Jumbos.

Se estes cálculos estão certos, o primeiro transporte supersónico do mundo terá larga venda entre as companhias de aviação e segundo o primeiro ministro britânico «nenhuma companhia aérea poderá passar sem ele».



O Concorde em frente da «Torre de Controle» do aeroporto de Singapura, numa das suas viagens de promoção de vendas.

Açores em Dezembro de 1971, se submeteram às exigências dos E. U. A.

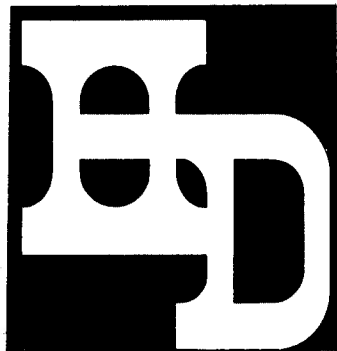
Esta viragem de agora, espectacular e desastrosa, não é a primeira. Lembremo-nos do «Caravelle», o mais conseguido dos aviões a reactores: 280 aparelhos vendidos ... contra milhares do mesmo tipo pelos americanos. A própria Air France fez voar quatro Boeing por um Caravelle, sem falar da UTA que se forneceu quase exclusivamente de Douglas.

Mais recentemente, o poder, fiel às suas origens, acaba de «entregar» aos E. U. A. a energia nuclear francesa utilizada para fins civis. Com a mesma docilidade, tomou conhecimento da recusa de Nixon de cooperação para a construção de

procurava a possibilidade de comprar, no outro lado do Atlântico, material aeronaval.

Os atrasos sucessivos de programas, o desperdício de fundos públicos, a diminuição de postos de emprego, tudo poderia ter sido evitado. A Federação dos Metalúrgicos CGT, em nome dos trabalhadores mostrou o caminho a seguir: é necessário continuar, a acelerar o programa e não se deixar ultrapassar.

Pelo seu lado, René Piquet, candidato da esquerda na «pátria do Concorde», Toulouse, diz ser «indispensável que a companhia Air France transforme rapidamente as suas últimas opções em encomendas firmes; é necessário acelerar o arranque em serviço dos Concorde encomendados».



E tudo em nome de um princípio muito simples: se os Concorde forem explorados por Air France, rapidamente, as outras companhias terão de a seguir. Não se consegue travar o progresso!

JEAN-JACQUES VALIGNAT



dos Serviços de Informação Britânicos

emitido pela Embaixada Britânica em Lisboa Telf. 66-11-91

Concorde: a "chance" de ser o primeiro

1 de Fevereiro: duas companhias americanas dão o «dito por não dito». Outras se seguirão. Pelas altas esferas, faz-se um esforço para acreditar nos pretextos invocados, mas não têm consistência. Dentro de cinco anos, o transporte supersónico, seja ele anglo-francês ou americano, será uma realidade comercial. A verdadeira razão é política: os monopólios

da aviação civil dos Estados Unidos, os Boeing, Lockheed e Douglas, manobram para sabotar Concorde, esperando que serão capazes de inundar, sem outros concorrentes, todo o mercado mundial. Então, segundo pensarão, as companhias aéreas, incluindo a Air France, deverão comprar o supersónico americano, qualquer que seja o preço.

Toda a gente estava consciente desta situação, há muito tempo. Dos operários aos investigadores, os trabalhadores da nossa indústria aeronáutica sabiam bem o que se engendrava e disseram-no. Os responsáveis são os que deram «a sua ajuda» à operação. São aqueles que, de Servan-Schreiber a Pompidou, do «défi américain» à genuflexão dos



Ironia? Nos Açores, em Dezembro de 1971, o presidente Nixon prestou as maiores homenagens ao Concorde em que se deslocou o presidente Pompidou e que visitou com grande interesse e palavras de muita admiração pela supersónica francesa.

A VOLTA DA ACTIVIDADE PARA EXPORTAR

Continuação da página um

Esta reserva de fundo pode ilustrar-se no exemplo, várias vezes referido e que não pode deixar de merecer o maior desacordo, de se terem condições de concorrência na exportação por os salários (aqui) de quem produz serem baixos, e tão baixos que não possibilitam o acesso àquilo que se exporta e que os estrangeiros podem consumir, pois os seus salários tal possibilitam... ao mesmo tempo que esses mesmos salários não consentem

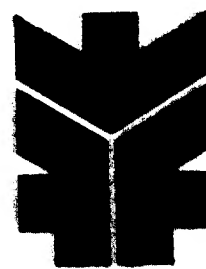
custos para a produção e concorrência.

Ainda dentro desta observação, e como seu fecho, a questão é, em termos claros, de planeamento da actividade económica global, e de coordenação de actividades no seu dia-a-dia de concretização.

A outra observação respeita a uma questão que pode parecer um tanto insólita, e não pretende ser mais do que um oportuno (?) levantar de problema. O Fundo de Fomento de Exportação é um organismo

que pretende colocar no exterior produtos (e trabalho incorporado) de origem nacional. Mas, por outro lado, é utente de trabalho, produtos e serviços. E é aí que não podemos deixar de fazer a observação que nos parece estranho que, por vezes, este organismo, voltado para a exportação, importe serviços. As razões podem ser muito válidas e acreditamos que o sejam, e muitas mas julgamos que o chamar de atenção para esta aparente contradição não será de to-

do inútil. Sobretudo na oportunidade, quando se começa a falar de um congresso de consultores e projectistas e para ele se encontra uma alínea sobre serviços e sua exportação. Não nos move qualquer intenção «chauvinista», proteccionista ou coisa parecida, mas não deixamos de salientar que, se a «grande riqueza» são os homens, por todo o lado e nas mais variadas manifestações na actividade económica... eles aparecem esquecidos e emigrados...



CONTRATOS DE DESENVOLVIMENTO PARA A EXPORTAÇÃO

- MÁQUINAS - FERRAMENTAS E CUTELARIAS PRIMEIROS SECTORES A CONSIDERAR

O Fundo de Fomento de Exportação vai convidar os empresários a apresentar, em sectores da exportação nacional que se consideram de potencialidade evidente, projectos de desenvolvimento com importância para a exportação. O F.F.E., em colaboração com a Caixa Geral de Depósitos, propõe-se a aplicação dum amplo esquema incentivador definido por portaria recentemente divulgada referente a «contratos de desenvolvimento para exportação».

Neste programa motivador será abrangida uma extensa gama de sectores os primeiros dos quais visam as indústrias de máquinas-

ferramentas e cutelarias.

Reconhecida a necessidade de incrementar rapidamente as vendas de Portugal no exterior e o facto de o dimensionamento das unidades produtivas nacionais só poder, em muitas actividades, viabilizar-se através de um alargamento substancial dos mercados, justificam relativamente a sectores de manifesta importância actual ou potencial, a atribuição de apoios às empresas que tendo uma estrutura financeira conveniente, se disponham a obrigar-se à consecução de metas específicas, particularmente no domínio da exportação.

Espera o F.F.E. a apre-

Continua na pag. sete



Angola

já precisa de produzir 2,5 milhões de contos em metal-mecânicas por ano

Um recado de Angola para o industrial.

Continuação do recado:

Angola produziu apenas o equivalente a 280 mil contos, ou seja um décimo do consumo total, em 1971.

Importou o "resto". No entanto, esta indústria é das de maior futuro em Angola.

Foram criadas fortes restrições à importação, a vigorar a partir de 1972, e que se irão agravando.

É a altura de instalar a sua indústria de metal-mecânicas em Angola. Aqui tem parte da nossa proposta:

Um mercado aberto: seis milhões de pessoas, infra-estruturas preparadas, fácil acesso à

mão-de-obra, recursos naturais inexplorados e mercados limítrofes compradores.

Importantes facilidades: isenções e redução de impostos industriais, sobre a aplicação de capitais e complementares; importação automática de bens de equipamento e de matérias-primas; redução nas tarifas de energia e nos preços de combustíveis; garantia de repatriamento de uma percentagem de capitais; crédito a médio e a longo prazo em condições excepcionais; em certos casos, redução de emolumentos alfandegários.

Estas são condições gerais. Há outras, específicas, que acertará connosco.

Que mais precisa para ser industrial de metal-mecânicas em Angola? Estamos prontos a ouvi-lo.

Somos o Serviço de Promoção Industrial da Direcção dos Serviços de Indústria de Angola

Novas delegações

Integrando-se no programa de promoção de vendas de produtos portugueses, no ano em curso, de cerca de trinta por cento, o F.F.E. inaugurou delegações em Los Angeles e Nova Iorque.

A cerimónia da abertura das novas instalações em Nova Iorque assistiu o embaixador de Portugal em Washington, dr. João Hall Themido, e em Los Angeles esteve presente o conselheiro de Portugal em S. Francisco, dr. Campos Alves.

Os dres. Amaro de Matos, Nelson Trigo e Sarmento Pinto, respectivamente, presidente, vice-presidente e assistente da Presidência do F.F.E., presidiram aos actos de abertura, aos quais estavam presentes, tanto em Nova Iorque, como em Los Angeles numerosas personalidades ligadas à vida comercial, além de representantes da imprensa.

Na inauguração da delegação de Nova Iorque, o delegado local, José do Amaral Osório, depois de apresentar os directores do F.F.E., disse:

«Sabemos que, na sua maioria, os norte-americanos só conhecem os nossos produtos tradicionais, como o vinho e as conservas, mas vamos promover activamente também os nossos produtos industriais. Por exemplo: esperamos vender bicicletas nos Estados Unidos, bem como maquinaria industrial, cortiça, mármore e porcelana em grande quantidade.

Pelo seu lado, o dr. António Amaro de Matos salientou o incremento que se pretende dar à exportação portuguesa, nomeadamente aproveitando nos Estados Unidos sectores que nunca foram devidamente explorados.

«A desvalorização do dólar norte-americano pouco efeito terá no aumento das exportações portuguesas para a América — acrescentou. «Essa desvalorização foi de dez por cento, mas como, pelo nosso lado, desvalorizámos o escudo de cinco por cento, há apenas uma desvalorização de cinco por cento nos negócios que fizermos.

«Muitas das nossas exportações, de qualquer forma, são produtos de preço elevado, e essa modificação de cotações pode ser facilmente absorvida».

Quanto a sectores específicos em que se vai tentar o incremento das exportações, foram apontados o calçado e o vestuário portugueses.

Com o fim de promover as exportações para os 14 estados ocidentais, a delegação do F.F.E. em Los Angeles estabelece contactos comerciais, faz estudos de mercado, coordenando a exposição de produtos portugueses em feiras e exposições de comércio, fornecendo a comerciantes e importadores informações sobre oportunidades de importação e conseguindo contactos e contratos com exportadores e produtores portugueses, ocupando-se ainda com «joint ventures».

As delegações já existentes — além de 2 nos E.U.A. — são as de Viena (Austria), Bruxelas (Bélgica), Montreal (Canadá), Copenhague (Dinamarca), Helsínquia (Finlândia), Paris (França), Milão (Itália), Beirute (Líbano), Oslo (Noruega), Madrid (Espanha), Estocolmo (Suécia), Geneve (Suíça), e Düsseldorf (Alemanha Ocidental).

CONTRATOS PARA A EXPORTAÇÃO

Continuação da pag. seis

sentação, por parte desses empresários, das duas candidaturas à realização dos referidos contratos de desenvolvimento, e fixaram-se prazos por forma a possibilitar a comparação entre os vários projectos, analisando as diferentes alternativas que vierem a ser oferecidas à consideração dos serviços. Seleccionar-se-ão assim aqueles que dentro dos limites de apoio financeiro a estabelecer com a Caixa Geral dos Depósitos Crédito e Previdência, melhor sirvam os interesses da exportação nacional.

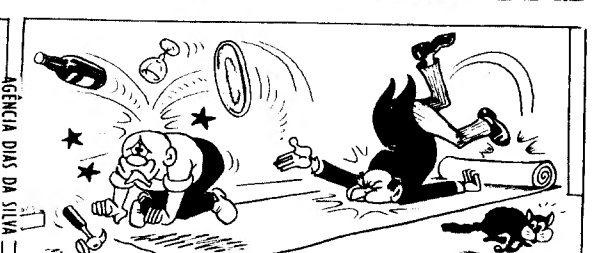
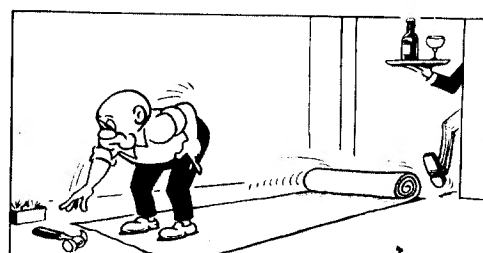
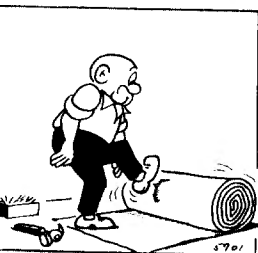
Até ao dia 31 de Março, e para os sectores já citados (cutelaria e máquinas-ferramentas) as empresas ou grupos de empresas comunicarão ao F.F.E. a intenção

de se candidatarem, tão concretizadamente quanto possível e dando nessa altura todas as referências necessárias.

O F.F.E. pronunciar-se-à no prazo de 15 dias a contar da data de recepção, subentendendo-se como aceites as candidaturas que não tiverem sido objecto de qualquer comunicação dentro desse prazo.

Posteriormente, e até 31 de Agosto, as empresas cuja candidatura haja sido aceite, a apresentarão ao F.F.E. propostas suficientemente detalhadas com a justificação técnica e económica e financeira dos projectos.

Sobre os critérios de apreciação e outros pontos importantes vão ser informadas as Associações Comerciais e Industriais e a banca comercial.

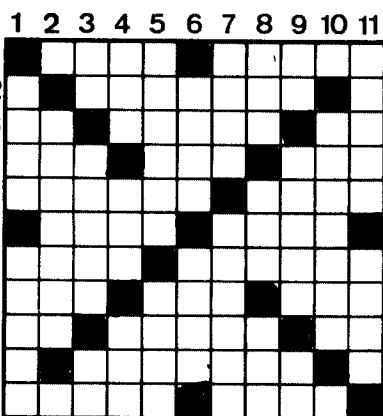


COM PROVÉRBO

PROBLEMA N.º 10354

HORIZONTAIS:

- Na parte exterior. Adoçar com mel.
- Quebrara.
- Artigo definido. Fora para fora. Actínio (s.q.).
- Um cento. Triture. Apelido de um romancista português autor de «A Relíquia».
- Deseja a r e n temente. Guarnece de asas.
- Após. Proveito.
- Pessoa de aspecto grotesco (pop). Demoras.
- Larva das feridas dos animais. Utensílios domésticos. Reze.
- Oferece. Rede de malha muito estreita. Antes de Cristo.
- Trabalhará à noite.
- Terceiro estômago das aves. Mau.



VERTICAIS:

- Pessoa sovina. Removem.
- Sofrera.
- Abreviatura que se usa em música. Compra. Catedral.
- Freguesia do concelho de Penafiel. Primeira parte do nome de uma cidade de Tonquim. Doçura.
- Guarneces de arames. Colocará.
- Irmãos do pai. Vento frio (pop).
- Rio de Portugal. Agarrar (fig).
- Estava. Armaria. Sapo do Amazonas.
- Nota musical. Célebre actor trágico de Roma, amigo de Pompeio e de Cícero. Nesse lugar.
- Aquece.
- Tocar de leve. Enxuga.

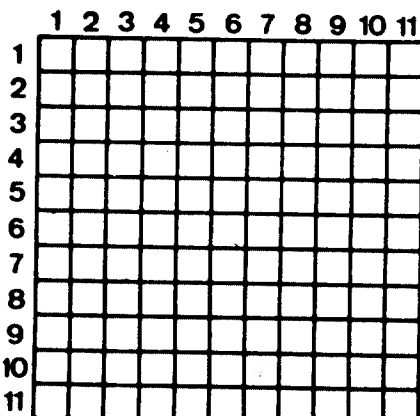
Resolveu completamente este problema?
Procure agora como segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6510

HORIZONTAIS:

- Voltar. Pune.
- Mete em mala. Queimar.
- Plural (in.º). Tempo do verbo ser. Nota musical. Catedral.
- Cidade da Holanda. Rumo.
- Armaria. Código (abrev.). Grande quantidade.
- Ilha do Pequeno Belt. Gritar.
- Cativar.
- Arsénio (s. q.). Festa da natalidade de Cristo. Atmosfera.
- O mesmo que mãe (Gir). Dificuldade (fig).
- Co n s e n timento. Sênio (abrev.). Textualmente.
- Vasilha com asas. Rezara.



VERTICAIS:

- Mulher de idade avançada. Pacífica.
- Soluçara. Vais para fora.
- Batráquio. Magnete natural. Sacerdote muçulmano o mesmo que imame.
- O mesmo que aldeia. Ladrão do mar.
- Chefe etíope. Acredite facilmente. Apelido.
- Filho (abrev.). Moeda da Grécia antiga.
- Forma apocópica e proclítica de vale. Rija. Letra grega.
- Rio da Alemanha. O mesmo adulto da galinha doméstica.
- Nosso Senhor (abrev.). Califa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria. Sua Senhora.
- Consumir. Empunhar.
- Limpar metais. Mudança.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10353

HORIZONTAIS:

- Pacas. Borba.
- Abra. Seis.
- Uri. BOM. Iço.
- LIVRO. Arnal.
- Arear. Liara.
- Atrás. Acode.
- Mauro. Ramal.
- Ina. BOM. Ami.
- Gana. Unas.
- Olono. Brasa.

VERTICAIS:

- Paula. AMIGO.
- Abrrir. Tanal.
- Crive. Ruano.
- Aa. Rasar. An.
- Bor. Sob.
- Fo. Ob.
- Mal. Arm.
- Os. Risca. Ur.
- Reina. Omana.
- Bicar. Damas.
- Asda. Elisa.

Provérbo: BOM LIVRO, BOM AMIGO.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6509

HORIZONTAIS:

- Os. Rabia. Ma.
- Uail. Ien. Ror.
- Airas. Apeio.
- Troa. Anos.
- Ias. Ene.
- Saul. Sugo.
- Sia. Cró.
- E. C. Vigor. Ti.
- Gatas. Laços.
- Alor. Coca.
- Remas. Mamar.

VERTICAIS:

- Quali. Pegar.
- Sairas. Cale.
- Irosas. Tom.
- Aa. Uivara.
- Ais. Elais.
- Be. S. N.
- Ina. Escol.
- P.ª. Urraca.
- Renego. Com.
- Moio. Toca.
- Arosa. Pisar.



Actividades económicas

INFORMAÇÕES

Saiu o número 2, de Fevereiro de 1973, do novo «boletim informativo» do Banco Totta e Agóres. Tal como no número 1, as quatro páginas arrumam bastante informação que leva a considerar o boletim da maior utilidade. No meio de uma verdadeira inundação de papeis que nos «perturba» constantemente, é agradável encontrar páginas que sistema-

tizam um pouco dessa muita importação e a apresenta de forma organizada. Com a permanente reserva e prevenção de não ceder à comodidade do fácil, e de deixar de «procurar» a informação «informar-se cada um e de «abdicar (pouco que seja) do sentido crítico em relação à que nos é «oferecida»...

MERCADO FINANCEIRO

SOBRE O MERCADO DE TÍTULOS EM JANEIRO

No que se refere à evolução do mercado de títulos na Bolsa de Lisboa, poderemos dividir o mês em dois períodos: um, até ao dia 14, de tendências altistas; outro, até ao fecho do mês, caracterizado por uma ligeira recessão inicial, seguida de estabilização.

No primeiro período mencionado, há a destacar cotações espectaculares nos sectores «Ultramarino», «Bancário» e «Diversos», salientando-se neste último as empresas turísticas. No segundo período, ocorrido entre 22 e 31, apesar daquela tendência geral, assistiu-se a algumas subidas nos sectores «Bancário», «Águas» e «Cimentos».

AUMENTO DE CAPITAL

Durante o mês de Janeiro, aumentou o capital social:

- a **Companhia de Seguros Tagus**, de 5 000 para 15 000 contos, por incorporação de 10 000 contos de reservas.

RATEIO

Foi anunciado, no mês de Janeiro, o seguinte rateio de títulos oferecidos à subscrição pública:

- **Banco de Fomento Nacional** (acções)

Subscritas	Atribuídas	Subscritas	Atribuídas
1 a 5	1	126 a 160	8
6 a 14	2	161 a 175	9
15 a 26	3	176 a 200	10
27 a 51	4	201 a 250	11
52 a 75	5	251 a 499	12
76 a 100	6	500 a 1000	13
101 a 125	7	Mais de 1000	14

ADMISSÕES À COTAÇÃO

Durante o mês de Janeiro foram admitidas à cotação na Bolsa de Lisboa:

- **Banco do Alentejo, SARL**—600 000 acções, do valor nominal de 150\$00, representando o capital de 90 mil contos.
- **Banco Pinto & Sotto Mayor, SARL**—700 000 acções, do valor nominal de 1 000\$00, representando o capital de 700 mil contos.
- **Companhia União Fabril, SARL**—550 000 acções, do valor nominal de 1 000\$00, representando o capital de 550 mil contos.
- **Crédito Predial Português, SARL**—300 000 acções, do valor nominal de 500\$00, representando o capital de 150 mil contos.

INFORMAÇÕES SOBRE EMPRESAS

- Foi constituída a **GERTAL, Companhia Geral de Restaurantes e Alimentação, SARL**, empresa resultante da associação entre Jacques Borel International com o sector alimentar da C. U. F.. Esta nova empresa vai dedicar-se à exploração de restaurantes de grande movimento como sejam os de auto-estradas, centros comerciais e colectividades.

A INDÚSTRIA FARMACÊUTICA

A indústria farmacêutica tem sido, ultimamente, das actividades económicas mais referidas. Depois de um verdadeiro «ataque-campanha» relativo ao problema dos preços, a questão da indústria ficou sempre latente, no ar, e as notícias, de eventuais compras de importantes unidades industriais por empresas estrangeiras não deixou de avivar a consideração dos problemas relacionados com a indústria. Tanto que tivemos, na redacção deste jornal, a «honra» de receber telefonemas de «interesse estrangeiros», procurando-se melhor informação sobre origem e melhor esclarecimento de notícias publicadas neste suplemento.

Bem justificada nos parece toda esta movimentação, e a tornar urgente a apreciação da indústria e do mercado farmacêutico em termos diferentes do que têm sido os habituais.

Como achega para esta outra forma de encarar a questão, anotemos que, entre 1968 e 1972, de acordo com um estudo de mercado particular, os laboratórios nacionais passaram de 9 para 7 no sector do mercado das unidades de oferta acima de 1 por cento do mercado, passando de 18,4 por cento (em 59,6 por cento do mercado total), para só 12,7 por cento (em 68,1 por cento do mercado total). No que respeita ao grupo de unidades acima de 2 por cento do mercado, os laboratórios nacionais passaram de 4 para 2, e de 12,0 por cento em 1968 (em 38,2 por cento do mercado total) para 5,7 por cento em 1972 (em 12 laboratórios e 36,1 por cento do mercado total).

Em cinco anos, é por demais evidente que a queda da posição da indústria nacional no mercado farmacêutico foi espectacular.

INDÚSTRIAS DO PAPEL E DOS ARTIGOS DE PAPEL UMA AUTORIZAÇÃO SOLICITADA E DOIS DESPACHOS

As indústrias do papel e dos artigos de papel têm sido bastante «faladas» nos últimos tempos, sobretudo a partir do problema «Abeleira», reflexo de uma crise, a que se acrescentam outros elementos que fazem o problema revestir o maior interesse.

Entretanto, no número de 14 de Fevereiro do

as indústrias em causa motivam três anotações sobre factos que lhes dizem respeito.

A AUTORIZAÇÃO SOLICITADA

Celulose do Tejo, S.A.R.L., com sede em Lisboa na Praça do Duque de Saldanha, 31, 5.º, requer autori-

zação para instalar, na sua unidade industrial, situada no concelho de Vila Velha de Ródão, distrito de Castelo Branco, diverso equipamento destinado a elevar a sua capacidade de produção e a obter pasta branqueada, utilizando o equipamento constante na memória descritiva e justificativa entregue.

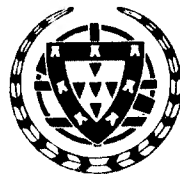
OS DESPACHOS

DE 27 DE JANEIRO DE 1973:

Isola — Sociedade Comercial de Isolamentos de Cortiça, Ltdª, e José da Silva Carvalho, em nome de uma sociedade a constituir — negado, ao abrigo do n.º 2 do artigo 7.º do Decreto-Lei n.º 46666, de 24 de Novembro de 1965, o segundo pedido de prorrogação de prazo, entrado nesta Direcção-Geral em 19 de Dezembro de 1972, e considerada caduca, nos termos do n.º 4 do mesmo artigo do citado decreto, a licença concedida por despacho ministerial de 12 de Julho de 1972, para a instalação, em local a designar no distrito de Évora, de uma unidade produtora de pasta semi-química para fluting medium.

DE 26 DE JANEIRO DE 1973:

Celulose do Tejo, S.A.R.L. — considerada caduca a autorização concedida, por despacho ministerial de 12 de Julho de 1972, para a instalação de diverso equipamento, na sua unidade fabril, situada no concelho de Vila Velha de Ródão, distrito de Castelo Branco, destinada a triplicar a sua capacidade actual de 80.000 t/ano de pasta branqueada.



MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS INDUSTRIAIS BOLETIM SEMANAL

No 17.º Cartório Notarial de Lisboa, foi registado e arquivado um conjunto de documentos do qual faz parte a acta do teor seguinte:

Sir Alfred McAlpine and Son, Ltd.

Acta da reunião dos directores de Sir Alfred McAlpine and Son, Ltd., realizada em The Oaks, Hooton, Little Sutton, Wirral, Cheshire, na segunda-feira 31 de Janeiro de 1972.

Presentes: srs. A. M. Kennedy e J. J. Varmen. A secretariar, sr. J. D. P. Walker, secretário.

Foi resolvido:

1.º Abrir uma sucursal da companhia em Lisboa, na Rua dos Lusíadas, 17;

2.º Destinar a importância de 500.000\$00 à instalação dessa sucursal;

3.º Designar o sr. Goodall como administrador residente da sucursal e ser-lhe passada procuração para o efeito de acordo com a minuta anexa;

4.º Apor o selo da companhia na procuração passada a favor do sr. Goodall.

O secretário emitiu uma procuração designando John Goodall para procurador legal da companhia em Portugal e para actuar em nome da companhia.

Num outro documento desse grupo, arquivado e registado no Cartório, diz-se que:

3 — Os fins para os quais a companhia é constituída são:

a) Exercer em qualquer parte do mundo, e em qualquer dos respectivos ramos, as actividades relacionadas com as obras de construção, caminhos-de-ferro, docas, obras públicas, obras de hidráulica, obras sanitárias, canais, cursos navegáveis, obras de betão armado e empreitadas de engenharia civil e geral, e possuir e explorar minas e pedreiras;

Qual o interesse desta in-

Para as auto-estradas

formação? «Sir Alfred McAlpine and Son, Ltd.» é accionista da **Brisa**, empresa a que foi adjudicada a cons-

trução das auto-estradas. Tem 7,5 por cento do capital social e um lugar no Conselho de Administração.

Feiras Internacionais

O Fundo de Fomento de Exportação, na sequência de um programa de publicações destinadas a apoiar o industrial exportador português, distribuiu uma separata do seu boletim Fundexport, no qual referenciam as principais feiras de produtos do mundo.

Nessa publicação encontrará o leitor, indicações concretas de data, ramo e localidade de 492 certames, a realizar, no corrente ano de 1973 na Alemanha, Argentina, Austrália, Áustria, Bélgica, Brasil, Bulgária, Canadá, Checoslováquia, Dinamarca, Espanha, E. U. A., Finlândia, França, Grécia, Holanda, Hungria, Irlanda, Israel, Itália, Japão, Jugoslávia, Luxemburgo, Malta, Noruega, Perú, Polónia, Portugal, Reino Unido, Rep. África do Sul, Roménia, Suazilândia, Suécia e Suíça.

Todas estas feiras cobrem, praticamente, a gama variada da exportação nacional. São assinalados certames especializados em agricultura, pecuária e jardinagem, produtos alimentícios e bebidas, artesanato, artigos domésticos, calçado e maquinaria, cerâmica e vidros, revestimentos, material de construção, artigos eléctricos, equipamento hoteliro e hospitalar, ferragens, máquinas e ferramentas, joalharia e ourivesaria, madeira, mobiliário, pesca e indústrias náuticas, produtos químicos, têxteis e confecções, transportes, e ainda antiguidades, indústrias petrolíferas, turismo e campismo, artes gráficas, equi-

pamento escolar, brinquedos, etc.

Sendo as feiras, ponto de contacto internacional do exportador importador, e ainda cruzamento de técnicas e ex-

periências no campo da indústria e da comercialização, compreende-se a importância de uma publicação como a agora editada pelo Fundo de Fomento de Exportação.

